



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ARTES

**Livia Nicolucci**

**A utilização e apropriação da música no contexto  
escolar.**

**CAMPINAS  
2015**

**Livia Nicolucci**

A utilização e apropriação da música no contexto escolar

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Música no Instituto de Artes da Unicamp como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em música, na Área de concentração Música: Teoria, Criação e Prática.

Este exemplar corresponde à versão final de dissertação defendida pela aluna Livia Nicolucci e orientada pelo Prof. Dr. Jorge Luiz Schroeder.



CAMPINAS  
2015

**Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s):** Não se aplica.

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Artes  
Eliane do Nascimento Chagas Mateus - CRB 8/1350

N548u Nicolucci, Livia, 1986-  
A Utilização e apropriação da música no contexto escolar / Livia Nicolucci. –  
Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Jorge Luiz Schroeder.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de  
Artes.

1. Educação musical. 2. Escolas. 3. Cultura escolar. I. Schroeder, Jorge  
Luiz, 1960-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** The use and appropriation of music in the school context

**Palavras-chave em inglês:**

Music education

Schools

School culture

**Área de concentração:** Música: Teoria, Criação e Prática

**Titulação:** Mestra em Música

**Banca examinadora:**

Silvia Cordeiro Nassif

Eliana Ayoub

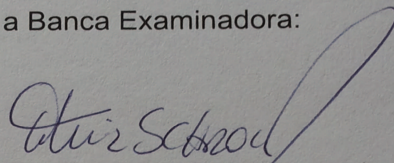
Jorge Luiz Schroeder

**Data de defesa:** 25-08-2015

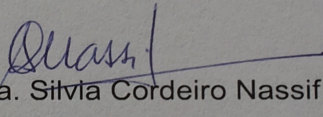
**Programa de Pós-Graduação:** Música

**Instituto de Artes**  
**Comissão de Pós-Graduação**

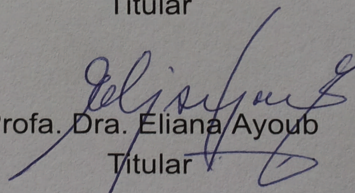
Defesa de Dissertação de Mestrado em Música, apresentada pela Mestranda  
Livia Nicolucci - RA 062326 como parte dos requisitos para a obtenção do  
título de Mestra, perante a Banca Examinadora:



Prof. Dr. Jorge Luiz Schroeder  
Presidente



Profa. Dra. Silvia Cordeiro Nassif  
Titular



Profa. Dra. Eliana Ayoub  
Titular

## **Agradecimentos**

Ao Prof. Dr Jorge Luiz Schroeder por esses anos de orientação, paciência e ensinamentos que foram essenciais para minha formação acadêmica e pessoal.

A todos os alunos e professores que gentilmente aceitaram participar dessa pesquisa e que tanto contribuíram para que ela fosse realizada.

A minha família por todo incentivo, carinho e apoio, sem eles não chegaria até aqui. Especialmente a minha mãe que me mostrou singelamente o caminho das artes.

Aos amigos que estiveram presentes e me ajudaram com minhas inquietações, discussões infinitas sobre o tema, dificuldades e também nos momentos de descontração.

À todos os meus alunos, coordenadores e diretores, pelas trocas de experiências e por estarem abertos a discutir e receber minhas aulas.

Aos meus companheiros de ideais e sonhadores! Guilherme, Maíra, Rafael, Jorge, Fernanda, Lucas, Eloá, Juliana, Grazi, Suellen, Cibele, Leonardo, Cabral, Carolzinha, Lygia, Fernando, Vivian, Nelson.

Aos meus mestres Khosro, Ângelo, Jussara, Luizinho e Chico Lu que tanto admiro.

E à UNICAMP, instituição que me acolheu e ampliou meus horizontes.

## RESUMO

Este projeto investiga a utilização da música no ambiente escolar, como participa do cotidiano da escola: nos momentos formais de ensino, quando é escolhida com um fim pedagógico, nos momentos de descontração e quando é utilizada fora de sala, nos celulares, “*Ipods*” etc. Pretende-se conhecer as várias formas como a música entra na escola, de modo tanto controlado quanto aleatório, e sua intervenção/influência na vida dos alunos e professores que frequentam o ambiente escolar. Buscamos compreender, a partir de questionários e entrevistas realizados em duas escolas, os diversos papéis que a música ocupa quando é trazida para as aulas no ensino fundamental II e fora da sala, a partir de uma análise sociológica baseada nas propostas teóricas de Pierre Bourdieu e do Círculo de Mikhail Bakhtin, do material recolhido, realizamos discussões sobre os modos de aplicação e o reconhecimento (legitimidade, valorização, consideração, discursos etc.) desses modos de utilização da música nos dois espaços analisados. Nesta pesquisa são também apresentadas algumas sugestões de como utilizar a música considerando-a como parte constituinte dos bens culturais transmitidos pela escola, através de propostas de atividades realizadas nas aulas de música de uma das escolas estudadas. A intenção é mostrar que estes exemplos poderão, outrossim, ser tomados como indícios, mesmo que parciais, de que atividades não musicais que envolvam a música podem contribuir para o desenvolvimento musical dos alunos do ensino regular, mesmo que os procedimentos não levem diretamente ao fazer musical mais estrito (tocar, cantar, compor, reger).

**Palavras-chave:** Música; Educação Musical; Escola; Cultura Escolar

## **ABSTRACT**

The present project investigates the music utilization within the school environment, how does it takes part in the school quotidian: at the formal teaching moments, when it is chosen with a pedagogical approach, at the leisure moments, and when it is used outside the classroom, with cell phones, "Ipods" etc. It is intended to know the many forms music enters the school, either in a controlled or random form, and its intervention/influence in the kids and teacher that frequent the school environment's lives. The goal is to comprehend, by analyzing questionnaires and interviews made at two schools, the different roles music play when brought into the classes in the middle school, and its function outside the classroom, departing from a sociological analysis based on theoretical proposals by Pierre Bourdieu and The Bakhtin Circle, and on collected material. Discussions were made on how music is applied and recognized (legitimacy, appreciation, consideration, discourse etc.) at both spaces analyzed. At this research, there are also presented a few suggestions of music utilization considering it a cultural property transmitted by the school, through proposals of musical activities performed in the music classes in one of the observed schools.

The intention is to show these examples may, furthermore, be taken as signs, even partially, that non-musical activities involving music may contribute to the regular student development, even if the procedures do not lead to the more strict music making (playing, singing, composing, conducting).

**Keywords:** Music; Music Education; School; Educational Culture

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>10</b>
<b>Capítulo 1 – A música e a escola.....</b>	<b>21</b>
1.1 Especificações dos espaços estudados.....	25
1.2 Metodologia.....	28
1.3 Dados produzidos.....	29
1.3.1 Gráficos dos questionários – alunos.....	32
1.3.2 Gráficos dos gostos – bandas, cantores e cantoras.....	39
1.3.3 Gráficos dos questionários – professores.....	46
1.3.4 Gráficos dos gostos – bandas, cantores e cantoras.....	50
a) Colégio particular.....	50
b) Fundação.....	51
<b>Capítulo 2 – Análise dos dados.....</b>	<b>53</b>
2.1 A música dentro da sala de aula.....	55
2.2 O funk, a grande distinção cultural.....	65
2.3 Gosto musical, professores e alunos.....	67
<b>Capítulo 3 – Ações educativas: a música como bem cultural.....</b>	<b>69</b>
3.1 A pesquisa dentro da pesquisa.....	70
3.2 Comparação e escuta.....	77
3.3 A proibição do funk.....	83
<b>Considerações finais.....</b>	<b>91</b>

<b>Referências Bibliográficas</b>	95
-----------------------------------	----

<b>Anexo I</b>	97
----------------	----

<b>Anexo II</b>	107
-----------------	-----

## Introdução

Esta pesquisa tem o objetivo de analisar e buscar compreender a multiplicidade de fatores envolvidos no fato de certas músicas adentrarem no ambiente escolar, e outras não. Dentre esses inúmeros fatores, é possível destacar as seguintes questões: 1) por quem elas são introduzidas no ambiente escolar?; 2) como são apropriadas pelas pessoas participantes desses ambientes, principalmente professores e alunos?; 3) quais as razões pelas quais as músicas são absorvidas em um espaço que tradicionalmente também cumpre o papel de transmitir e estimular a construção do conhecimento?

Dito isto, retomo a seguir minha própria trajetória como educadora musical para que possa explicitar melhor os pontos principais que me levaram a iniciá-la.

No ano de 2010 comecei meu trabalho de docência em educação musical em duas escolas localizadas respectivamente na cidade de Jundiaí e Campinas, ambas no estado de São Paulo. Na cidade de Campinas mantive minha atividade como professora de música nos últimos quatro anos ininterruptamente. Entretanto, em Jundiaí, devido a questões trabalhistas de contratação, me ausentei da docência por dois anos e retornei minhas atividades apenas no início de 2014.

Durante a graduação percebi que o que gostaria de fazer após o curso era dar aulas de musicalização para grupos grandes de pessoas. Ainda não pensava em uma faixa etária específica, porém os trabalhos que surgiram me levaram a atuar em uma escola regular de ensino infantil em uma outra de ensino fundamental II.

Comecei a atuar nessas escolas utilizando muitas das atividades que havia aprendido durante a graduação: nas aulas de didática, nos estágios ou nos congressos de educação musical dos quais havia participado.

Em sala de aula, trabalhando, pude perceber que cada turma exigia atividades específicas: o público que eu atendia com as minhas aulas era muito diferenciado. Em um primeiro momento, o que me levava a constatar este fato eram as diferentes faixas etárias, a localização das escolas – estavam situadas em cidades diferentes – e as distintas classes sociais dos

alunos que frequentavam as duas escolas. Por estas razões as atividades começaram a ser modificadas por mim e repensadas para as diferentes salas e escolas que eu atuava como professora.

Era possível, com essa estratégia de diferenciação, envolver um pouco mais as classes e desenvolver as propostas relacionadas às habilidades e competências musicais exigidas pelos programas dos cursos. Porém, num segundo momento, comecei a repensar a minha prática como professora. Comecei a observar melhor as minhas aulas: elas eram dinâmicas e muitas atividades eram desenvolvidas sem grandes problemas. Mas eu sentia um certo incômodo, originado de uma sensação de que minhas aulas partilhavam de uma característica que poderia chamar de “mecanicidade”. Eu propunha as atividades e os alunos as realizavam, compreendiam o que era pra ser feito e realizavam. Mas ainda faltava algo que eu, naquele momento, não conseguia identificar claramente o que poderia ser.

Em 2009, conheci o professor Jorge Luiz Schroeder e comecei a participar das reuniões de um grupo de pesquisa dentro da universidade, coordenado por ele. Líamos textos de Pierre Bourdieu, Stuart Hall e Jorge Larrosa Bondía, autores que lidam principalmente com os aspectos culturais da existência social. Porém, em 2009, ainda que eu os absorvesse pouco a pouco, não havia adentrado com esse tipo de pensamento no universo escolar da qual participava. Os textos eram lidos, eu me sentia arrebatada e incomodada por eles, e sentia necessidade de colocar em prática algumas questões levantadas pelo grupo a partir dos textos, mas ainda não sabia como.

Continuei participando do grupo de pesquisa e, com o tempo, consegui conectar algumas das questões levantadas pelos autores discutidos com a minha prática educacional. Percebi, então, que o que eu sentia que faltava era a tentativa de ampliar o contato dos alunos com a música não somente a partir das atividades realizadas em sala de aula, mas a partir do contato que aqueles alunos já possuíam com ela, em suas casas, no bairro em que viviam, nos espaços sociais que frequentavam, dentro da escola nos momentos em que não estavam comigo em sala de aula ou com outros

professores. Eu não sentia a conexão das minhas aulas com a música que circulava fora dela.

Para isso eu precisava reconhecer melhor os espaços em que eu trabalhava e os modos como a música estava presente. Além disso, mesmo a relação que os meus próprios alunos possuíam com a música até então eu desconhecida.

Comecei a realizar entrevistas informais com meus alunos durante as aulas, fazia perguntas bem diretas e, aos poucos, fui descobrindo com a riqueza das respostas que este processo de reconhecimento, do qual eu tanto necessitava, poderia se tornar um objeto de pesquisa.

Com o intuito compreender a música que está dentro do contexto escolar, mas também no contexto extraescolar das pessoas que frequentam a escola (tanto alunos quanto professores), e tornar a minha prática mais próxima da solução daquilo que me incomodava, decido realizar o mestrado.

Apresento agora um breve panorama dessas duas escolas que foram escolhidas como campos de pesquisa (mais precisamente como estudos de caso); panorama este situado inicialmente no ano de 2012, visto que este é o ano em que começo a realizar meus primeiros questionamentos, que posteriormente seriam vinculados a esta pesquisa, sobre a música na escola.

A escola situada em Jundiaí fazia parte de uma Fundação que, naquele momento, somente aceitava inscrições de alunos que provinham de famílias com renda familiar de um salário-mínimo per capita, ou menos. Tinha como alvo principal de sua ação pedagógica jovens de classes sociais mais baixas. As aulas de música eram oferecidas uma vez por semana para alunos do primeiro ao nono ano do ensino fundamental. Todos os encontros eram ministrados conjuntamente por mim e por outro professor de música, com duração de uma hora e quarenta minutos cada.

Os alunos permaneciam impreterivelmente em período integral e as aulas de música faziam parte da grade curricular da escola.

Já a escola situada em Campinas oferece uma configuração diferente: é uma escola privada, e as famílias atendidas são, em sua maioria, de classe média alta (classes C, B e A)<sup>1</sup>. As aulas eram ministradas apenas por mim e

---

<sup>1</sup> São vários os indicadores que coordenam a divisão econômica das classes sociais. Na página do IBGE observa-se a seguinte divisão por renda: classe E (até 2 salários mínimos: até R\$1.449,99);

oferecidas para crianças da Educação Infantil e dos primeiros anos do Ensino Fundamental I, com duração de quarenta e cinco minutos cada aula. Nesta escola eram oferecidas as opções de ensino em período integral e semi-integral. As aulas de música, assim como na escola de Jundiaí, também faziam parte da grade curricular da escola.

Depois de dois anos trabalhando nas duas instituições, portanto em meados de 2012, realizei um levantamento com os alunos dos primeiros anos do Ensino fundamental I, de Campinas e de Jundiaí, apresentando a eles oralmente a seguinte questão: De qual música você mais gosta?

Pergunta curta que propiciava respostas amplas, e que poderiam levar a respostas muito variadas dos alunos. Eu esperava receber as respostas mais diversas possíveis, respeitá-las e, com elas, procuraria saber mais sobre os gostos musicais de meus próprios alunos.

Surpreendi-me ao perceber que os alunos da Fundação, em Jundiaí, local onde as crianças vinham de famílias com maiores dificuldades financeiras e onde as crianças notoriamente, em sua maioria, apresentavam certa “defasagem de aprendizagem” segundo a própria direção da escola – detectada através, por exemplo, do não reconhecimento das letras, da falta de conhecimento da fonética das palavras, acarretados por fatores tanto psicopedagógicos e quanto condição socioeconômica-familiar –, dispunham de um repertório musical com nítida influência midiática, porém diversificado. Respondiam com facilidade quais eram os nomes das músicas, dos cantores ou cantoras e até mesmo sobre o gênero musical que mais gostavam, e nomeavam aqueles pelos quais não possuíam afinidades. Já os alunos da escola particular, em Campinas, mostravam maiores dificuldade em recordar uma canção e se referiam às músicas que gostavam como sendo “a música da borboleta”, “do sapo” ou cantarolavam trechos de canções que estavam em destaque na mídia, fazendo referências a DVDs de música infantil distribuídos em larga escala; mas não conseguiam fazer referência a nenhum dos gêneros musicais e nem mesmo sabiam o nome dos intérpretes das

---

IBGE observa-se a seguinte divisão por renda: classe E (até 2 salários mínimos: até R\$1.449,99); classe D (de 2 a 4 salários mínimos: R\$1.450,00 a R\$2.899,00); classe C (de 2 a 10 salários mínimos: R\$2.900,00 a R\$7.249,00); classe B (10 a 20 salários mínimos: R\$7.250,00 a R\$14.499,99); classe A (acima de 20 salários mínimos: R\$14.500,00 ou mais). Essa informação foi suficiente, por enquanto, para comprovar a distinção econômica entre as duas escolas.

canções que elegiam. Para este fenômeno, que me chamou a atenção, Pierre Bourdieu fornece uma possibilidade de interpretação:

O código artístico [...] assume o caráter de uma instituição social. Sistema historicamente constituído e baseado na realidade social, este conjunto de instrumentos de percepção que constitui o modo de apropriação dos bens artísticos (e, de forma mais geral, dos bens culturais) em determinada sociedade, em determinado momento do tempo, não depende das vontades, nem das consciências individuais, além de impor-se aos indivíduos singulares, quase sempre sem seu conhecimento, definindo as distinções que eles podem operar e as que lhes escapam (BOURDIEU, 2003, p. 75).

De algum modo era possível inferir que, embora a música continuasse presente nos dois universos infantis, num dos casos (nas crianças de classes mais altas da escola particular) a percepção mais detalhada e a atitude mais curiosa sobre informações mesmo gerais que circundavam as músicas era menor que no outro (as crianças de classes mais baixas da Fundação). A partir desta curiosa observação inicial – que a meu ver contrariava o senso comum que associa conhecimento em geral a melhores condições gerais de vida (ou seja, classes mais altas carregam mais conhecimentos gerais) –, comecei formular hipóteses que poderiam me levar a compreender as razões dessa diferença, que considerei relevante, da escuta musical dos alunos destes dois espaços escolares. No entanto, para isto, necessitava de mais informações, o que me levou a duas novas questões trazidas para a sala de aula na semana seguinte: 1) Você possui rádio na sua casa?; 2) Com quem você ouve música?

Os alunos, na sua grande maioria, da escola particular de Campinas responderam, oralmente, que ouviam música no “rádio do carro”. Muitos não possuíam rádios em casa e, quando escutavam música, eram seus pais que as colocavam para tocar. Aqueles que ficavam na escola em período integral, escutavam as músicas dos DVDs colocados pelas professoras nos momentos de descanso. Já na Fundação de Jundiaí, as respostas dos alunos foram diferentes: muitos disseram que ouviam rádio em casa com os irmãos, pais ou eles mesmos colocavam o rádio para tocar.

Algumas possíveis interpretações para as diferenças apresentadas pelos dois casos estudados começaram a surgir, ainda que de modo vago, nas minhas reflexões.

Em um primeiro momento avaliei que uma das possíveis explicações para o fato dos alunos da Fundação de Jundiaí possuírem um repertório mais variado poderia ser a convivência mais direta deles com seus familiares, pois as famílias pareciam ser maiores em número. Muitos deles conviviam com os pais, irmãos, primos, tios, tias, avós, avôs e na maioria dos casos, juntos em uma mesma casa, ou num mesmo bairro.

Talvez a variedade de gêneros musicais e a frequência da escuta pudessem estar vinculados mais diretamente ao fato de mais pessoas utilizarem uma mesma fonte de escuta, tal como é o caso do rádio, um aparelho eletrônico de fácil acesso e sempre presente nas residências destes alunos.

Os alunos da escola particular de Campinas faziam sempre referência a ouvir “música no carro”, estando mais limitados a ouvir as músicas escolhidas pela pessoa que está dirigindo, ou aquela pessoa mais próxima do rádio (a pessoa que ocupa o banco do passageiro ao lado do motorista, por exemplo), durante o traslado de um lugar para o outro, sendo que na maioria dos casos, segundo relato informal dos alunos, não escutavam música em casa ou até mesmo não possuíam rádio. Uma reflexão importante de Mikhail Bakhtin se faz necessária:

Logo, o social em sua base é plenamente objetivo: trata-se antes de tudo de uma *unidade material do mundo*, que forma parte do horizonte dos falantes, e da *unidade das condições reais da vida*, que geram a *comunidade das valorações*: pertencimento dos falantes a uma mesma família, profissão, ou classe social, algum grupo social e, finalmente, a uma mesma época, posto que todos os falantes são contemporâneos. (BAKHTIN, 2011, p. 158)

Após este breve levantamento informal e meio intuitivo, feito de forma oral, pude reconhecer que esse dois “públicos” abordados possuíam meios diferentes de chegarem até as músicas, contudo, possuíam em comum o contato com as músicas veiculadas pela mídia.

Os alunos da Fundação de Jundiaí mostravam conhecer uma gama maior de variedade musical, mas praticamente todos os nomes de artistas citados pelos alunos tinham algum destaque na mídia. Os alunos da escola particular de Campinas também traziam um repertório sustentado pela mídia, mas nem mesmo conseguiam filtrar o que deste repertório os cativava mais.

Comecei então, a partir deste momento, refletir sobre qual seria afinal o papel da aula de música, e também da escola, numa situação como esta: oferecer novas oportunidades de escuta para estes alunos? Aprofundar suas escutas das músicas mais familiares?

A minha consideração, a partir de então, em relação às aulas de música na escola, e particularmente em relação às minhas próprias aulas, mudou. Passei a reconhecer que as minhas aulas abordavam *conteúdos* musicais, mas faltava para aqueles alunos o estabelecimento de uma relação do que lhes era mais familiar com as músicas que eu apresentava: faltava o *significado*.

Buscando fontes teóricas para compreender meus questionamentos me deparei com Bourdieu (BOURDIEU e DARBEL, 2003) e seus pensamentos sobre os *bens culturais*, investigados por ele. Constatei que a noção de *bens culturais* e as reflexões dela derivadas poderiam contribuir para tudo o que estava sendo valorizado por mim naquele momento. Tentava eu criar laços e relações do que estávamos aprendendo com a cultura “fora” da escola; tentava descobrir qual cultura a escola oferecia para aqueles alunos, não deixando as atividades musicais mais específicas de lado, mas começando aos poucos a criar relações, ou, pelo menos, instigar os alunos a criar suas próprias relações entre o material escolar e a trajetória de suas vidas. Bourdieu fornece uma instigante observação sobre os limites da apropriação:

Quando a mensagem excede as possibilidades de apreensão do espectador, este não apreende sua “intenção” e desinteressa-se do que lhe parece ser uma confusão sem o menor sentido (BOURDIEU, 2003, p. 71)

No entanto, havia uma diferença que rapidamente pude constatar: com os alunos dos primeiros anos eu conseguia com facilidade utilizar músicas do

meu repertório pessoal: as canções infantis que levava para as aulas eles escutavam de bom grado e não demonstravam rejeição. O que era apresentado era absorvido por aqueles alunos durante as aulas sem maiores problemas ou questionamentos. Por isso eu tentava utilizar um repertório o mais variado possível, o que incluía músicas que interagissem com histórias ou que fizessem parte das brincadeiras, e letras de canções que tornavam-se histórias contadas e que depois voltavam a ser ouvidas por estes alunos com uma nova curiosidade. Por outro lado, com os alunos dos anos finais isso não ocorria desse modo.

Comecei então a pensar que o trabalho de apresentar e favorecer a apropriação de um novo repertório musical com os alunos mais velhos, que já demonstravam possuir um repertório musical mais específico e variado, além de um gosto mais direcionado, poderia ser também proveitoso. Imaginei que, após estes alunos escutarem um novo repertório proposto, a chance de emergir questionamentos e problemáticas seria muito maior, ou seja, talvez surgisse aquilo que não surgia com os alunos menores.

Entretanto este tipo de trabalho somente poderia ser proposto na Fundação de Jundiaí, pois no colégio particular de Campinas meus alunos mais velhos possuíam sete anos, idade na qual a reação a novidades musicais era a mesma dos anos iniciais. Direcionei a proposta então somente aos alunos da Fundação de Jundiaí.

Do mesmo modo como havia feito um pouco antes na escola de Campinas, comecei a realizar um levantamento informal, a partir de perguntas na forma oral, com os alunos do ensino fundamental II da Fundação em Jundiaí, com as questões que citei anteriormente: qual a banda, cantor e cantora e qual estilo musical os alunos mais gostavam. As respostas dos alunos eram, neste caso, sempre muito parecidas, e todas vinculadas a produções musicais midiáticas.

Após este novo primeiro passo, agora na outra escola, pensei em levar para a sala de aula canções que faziam parte do meu próprio repertório, mas que possuísem na temática ou na letra da canção alguma relação de proximidade com o universo social e cultural que eu imaginava ser dos alunos. Acreditava que esta relação poderia acontecer por um tema da vida cotidiana comum, por exemplo, fora do ambiente escolar, ou buscando

alguma proximidade com algum assunto abordado pelos conteúdos apresentados pelos professores de outras matérias em sala de aula.

Cito a seguir alguns exemplos de canções que utilizei nas aulas. Trabalhamos, por exemplo, a canção “Biscate” do compositor Chico Buarque<sup>2</sup>. O nome da canção já chamou a atenção dos alunos, pois era sugestivo, e a letra, de fácil entendimento, reportava a uma cena do cotidiano: o relacionamento entre um homem, negociante (o “biscate”), e uma mulher. Outro exemplo é a obra Vision S “Epitaph” do compositor alemão Gunther Erdmann, obra que em sua letra contém frases de sobreviventes dos campos de concentração. A obra criou laços com as aulas de história que tratavam naquele momento da segunda guerra mundial.

Comecei a perceber que era possível despertar nos alunos um grande interesse pelas obras principalmente quando de alguma forma conseguiam “linkar” (para utilizar um termo deles mesmos), ou seja, estabelecer alguma conexão com seus respectivos conhecimentos prévios.

Realizei este trabalho durante um semestre, principalmente com os alunos do fundamental II. Buscávamos saber mais sobre os compositores, ouvíamos, interpretávamos, discutíamos, reconhecíamos os instrumentos musicais utilizados e estabelecíamos relações de sonoridade com as temáticas ali apresentadas.

Havia também a abertura para que os alunos trouxessem músicas de seus próprios repertórios para compartilharmos na aula. Quando isto acontecia, o mesmo procedimento era realizado: apresentar o compositor, ler a letra, compreendê-la, entender o contexto e, por fim, escutar a música.

Esta primeira empreitada, no sentido de procurar uma forma de favorecer uma relação de sentidos entre repertórios distintos, que poderíamos chamar de “relação dialógica” em termos bakhtinianos (BAKHTIN, 2010, p.207 e ss) não teve, infelizmente, continuidade. No final do ano não pude continuar o trabalho, pois tive que me retirar da Fundação por problemas com o formato do meu registro de contratação com a escola. No entanto, mesmo tendo sido um processo que considerei “parcial”, a ideia de utilizar a música para ampliar a relação dos alunos entre o cotidiano vivido e

---

<sup>2</sup> <http://www.youtube.com/watch?v=C0UbndVQrso>

os saberes escolares, levando em conta tudo o que também está fora dele, não saíam da minha mente. Desnudou-se a possibilidade de usar a música como uma espécie de *mediação sociocultural* no ambiente das minhas aulas: uma forma de atrair aos poucos os alunos mais velhos para a discussão musical. Passei a pensar, logo após esta experiência – e mesmo não ministrando mais as aulas para os alunos do ensino fundamental II –, nas aulas regulares dos alunos deste período escolar. E surgiu uma nova série de questões: como os alunos, que não possuíam aulas de música, adquiriam contato com novas músicas, com novas influências musicais? Seria possível que os professores regulares da escola apresentassem bens culturais diversificados daqueles dos alunos em suas aulas, neste caso especificamente musicais? Qual seria, portanto, o papel, ou ao menos um dos papéis, da escola e quais as influências que este espaço poderia ter na escuta musical desses alunos? Seria a música utilizada como ferramenta pedagógica para as aulas regulares de outros componentes curriculares? Quem ou o quê influencia a escuta desses alunos? Quais as músicas que fazem parte do repertório desses professores?

Bourdieu afirma que:

Por falta de uma organização específica, diretamente orientada para a inculcação da cultura artística e encarregada de sancionar sua assimilação, as operações escolares de difusão cultural são abandonadas à iniciativa dos professores, de modo que a influência direta da escola é bastante reduzida. (BOURDIEU, 2003, p. 98)

Decidi então começar a buscar as respostas para estas perguntas utilizando meu acesso ao fundamental II do colégio particular de Campinas, onde continuei a dar as aulas, mesmo não sendo professora de música destes anos que pretendia abordar, e formalizar esta busca em um projeto mais elaborado de mestrado.

Apenas como esclarecimento, declaro que em 2014, fui recontratada, no início do meu segundo ano de mestrado, pela Fundação de Jundiaí para dar aulas para o ensino fundamental II e, por uma coincidência feliz para mim, pude realizar os levantamentos da pesquisa nos dois espaços onde atuo como professora de música nos mesmos níveis educacionais.

Na presente dissertação, primeiramente, retomo os motivos que me moveram a realizá-la. Tendo como base o meu trabalho como professora apresento inicialmente os espaços, as escolas, que escolho como fonte para esta pesquisa, e o público alvo, que são os professores e alunos do ensino fundamental II, com os quais trabalho cotidianamente.

Faço um levantamento mais geral de como a música está presente nas escolas e, após este primeiro levantamento, procuro explicitar os aspectos das duas escolas que me levaram a escolhê-las para realizar a pesquisa, aspectos estes que, por fim, influenciarão na análise dos dados recolhidos.

Para que isto acontecesse foram realizados questionários e, em busca de um maior direcionamento para as questões levantadas inicialmente pelos questionários, entrevistas individuais registradas em áudio com alguns alunos e professores das duas instituições.

Após a realização dos questionários, vários gráficos foram elaborados e apresentados, em um primeiro momento, com alguns apontamentos iniciais, que serão desdobrados e aprofundados na análise apresentada posteriormente. Através desses gráficos foram elaboradas, por sua vez, discussões sobre os modos de utilização, e de reconhecimento (legitimidade, valorização, consideração, discursos etc.) desses modos de utilização, da música nos dois espaços analisados. Na análise final foram cruzados os dados coletados na pesquisa de campo: das observações dos espaços estudados, dos questionários e das transcrições das entrevistas, aprofundando as questões iniciais obtidas através da observação dos gráficos. Os questionários, portanto, funcionaram como uma espécie de panorama inicial da situação mais geral da presença da música nas escolas que, depois, com as observações e entrevistas, pode ser aprofundado.

No último capítulo foram descritas algumas sugestões de atividades que foram propostas por mim, com o intuito de exemplificar como é possível efetivar atividades musicais que, a meu ver, satisfazem a concepção da música como um bem cultural. Essa concepção, fundamental para todo o trabalho, foi gradualmente aprofundada a partir das discussões realizadas nesta pesquisa.

## Capítulo 1 – A música e a escola

A música está presente em nossas vidas, faz parte do nosso cotidiano. Quando estamos em casa e ligamos a TV, a música aparece nos comerciais, vinhetas, filmes, novelas e programas de entretenimento; no carro enquanto dirigimos; nos aparelhos portáteis como celulares e MP3's; ou mesmo quando vamos a um espaço público, como restaurantes, mercados, lojas, ao fundo se escuta uma música que invade nossos ouvidos sem pedir licença.

No ambiente escolar não acontece diferente: a música aparece em muitos momentos do cotidiano da escola e adentra em nossos ouvidos por diferentes meios. A música é introduzida no espaço escolar, por exemplo, durante as diversas festas temáticas realizadas na escola; pelos aparelhos sonoros portáteis e celulares trazidos pelos alunos nos dias letivos; nos momentos de recreação durante os intervalos e, mais formalmente, a música pode ser utilizada como recurso pedagógico pelos professores durante suas aulas.

Realizei este estudo com o intuito de compreender com mais clareza *por quais vias* a música adentra no espaço escolar, *qual é e como acontece* a escolha do repertório presente nesse ambiente, mas levando em conta também aquele repertório utilizado pela instituição “oficialmente”, pelos professores e pelos alunos que frequentam este espaço.

A pesquisadora Regina Márcia Santos (2011), questiona o modo como a presença da música é utilizada pela escola. Ela acredita que a música entra no espaço escolar somente para cumprir “funções” e, por esta razão, nenhuma discussão teórica ou estética relacionada a ela é trazida à tona.

Embora a música estivesse presente, tratava-se de “músicas de comando” e de repertório para as festas comemorativas marcando o calendário escolar, e nenhuma teoria da música emergia contextualizada, a partir de eventos musicais, de um fato musical gerador de questões (SANTOS, 2011, p. 127).

A partir do momento que há o reconhecimento de que a música está presente na escola em momentos diversos, como em algumas situações apresentadas acima, julgo que a escola pode se tornar um espaço em

potencial para se pensar, investigar e adquirir conhecimento para a construção de referências estéticas musicais, gerando um aproveitamento desta linguagem artística que está presente tanto formal quanto informalmente no ambiente escolar.

O pesquisador Pierre Bourdieu, em seu livro *O amor pela Arte*, reconhece a importância da educação e leva em conta a instituição escolar como um espaço de formação cultural nos apresentando o seguinte levantamento sobre a questão do “acesso” ao patrimônio artístico:

O que é raro não são os objetos, mas a propensão em consumi-los, ou seja, a “necessidade cultural” que, diferentemente das necessidades básicas, é produto da educação: daí, segue-se que as desigualdades diante das obras de cultura não passam de um aspecto das desigualdades diante da Escola que cria a “necessidade cultural” e, ao mesmo tempo, oferece os meios para satisfazê-la (BOURDIEU, 2003, p. 69).

Bourdieu esclarece que o simples oferecimento do objeto cultural (da obra de arte) às pessoas não garante sua apropriação, seu entendimento. É preciso mais do que isso para que algum vínculo mais forte se estabeleça entre as pessoas e as obras de arte. No entanto, é preciso defender a posição, ainda que um pouco “artificial”, que a escola assume em relação ao capital cultural adquirido por algumas pessoas no convívio familiar “culturalizado”, por assim dizer. Essa distinção é constatada pela condição menos espontânea, menos familiar, mais restrita às regras do aprendizado “escolar” e às obras e nomes de artistas mais comentados e reconhecidos pelos currículos escolares, que os alunos vindos de famílias com menor capital cultural sustentam no contato com o mundo das artes cultas. Segundo o próprio autor:

O sistema escolar procura substituir a experiência direta, oferece atalhos ao longo encaminhamento da familiarização, possibilita práticas que são produtos do conceito e da regra ao invés de surgir da pretendida espontaneidade do “gosto natural” e oferece um recurso para aqueles que esperam recuperar o tempo perdido (BOURDIEU, 2003, p. 90).

Em outras palavras, penso que o esforço de tentar completar certas lacunas de uma parcela representativa da população escolar, em relação ao capital cultural legitimado pelos ideários pedagógicos adotados pelos sistemas de ensino, valeria pelo menos como um processo importante de diminuição da assimetria de conhecimentos artísticos resultado de uma má distribuição do capital cultural entre a população, mesmo sendo uma diminuição mínima. Por esse motivo é que considero, ainda que insuficiente, a função cultural da escola como peça chave para a redistribuição um pouco mais igualitária das formas de apropriação artísticas.

A partir desta citação e considerando a música como uma produção da cultura, fica mais fácil pensar sobre como essas “obras de cultura”, sob esta concepção específica, frequentam o espaço escolar. E como os alunos se apropriam (ou não) da linguagem musical neste espaço. Será que a escola atual *satisfaz* ou *amplia* a “necessidade cultural” de seus alunos?

Se a escola como um todo conceber a música como um meio de “comunicação social” podemos aproveitar os momentos em que ela é utilizada para refletir sobre essas escolhas e modos de utilização, levando em consideração as experiências musicais individuais dos professores e alunos para que possam dialogar mais criticamente, assim como afirma Souza (2009), sobre as obras apresentadas dentro e fora das salas de aula.

Considerar a música como uma comunicação social sensorial, simbólica e afetiva, portanto social, geralmente desencadeia a convicção de que nossos alunos podem expor, assumir suas experiências musicais e que nós podemos dialogar sobre elas (SOUZA, 2009, p. 03).

Para este trabalho utilizei como fonte de dados as declarações dos alunos que cursam o ensino fundamental II pois, no meu entender, estes alunos já possuem uma autonomia necessária para levar para a escola seus próprios aparelhos sonoros, não ouvem mais as canções infantis e começam a buscar uma identidade musical.

Realizei então um levantamento do que os alunos e os professores escutam tanto em seus momentos de descontração quanto nos espaços formais de educação, neste caso nas duas escolas investigadas.

Todo o trabalho, como já explanado nas considerações iniciais foi realizado em uma escola que faz parte de uma Fundação na cidade de Jundiaí e em uma escola particular na cidade de Campinas. Duas instituições das quais faço parte do corpo docente, e que sustentam retratos sociais diferentes.

Procurando reconhecer como a música está sendo utilizada pelas duas escolas dentro e fora da sala de aula pretendi esclarecer qual o tipo de influência que estas instituições, nos dias de hoje, possuem na formação cultural/musical dos alunos. E isto permitirá compreender as prováveis e possíveis contribuições da escola para que o aluno desenvolva suas próprias necessidades culturais, com o apoio da educação oferecida por ela.

Ao observar a relação dos profissionais que atuam nas escolas com os alunos, principalmente aqueles professores que estão diretamente ligados a eles, foi possível compreender qual é o tipo de música que está neste momento sendo legitimado pela instituição escolar e, ao mesmo tempo, reconhecer, através de um levantamento realizado com os próprios alunos, se as músicas utilizadas pela escola estabelecem relações de sentido com o que é ouvido pelos alunos fora da instituição.

Os levantamentos foram realizados através de questionários, gravação de entrevistas, observação dos espaços escolares e relatos dos alunos.

Outro levantamento trazido por Bourdieu é a importância que a família possui, antes mesmo da instituição escolar, na identificação e valorização das necessidades culturais. O autor considera a família como a instituição que realiza o primeiro contato das crianças com as obras artísticas. A família, portanto, passa a ser o alicerce que facilita ou complica a entrada do aluno no ambiente escolar, no sentido de permiti-lo ou não compreender o espaço, absorver conhecimento e ser capaz de utilizar as informações apresentadas para estabelecer suas próprias relações, criar suas próprias conclusões. Em outras palavras: ser ou não ser absorvido pelo sistema escolar. Embora concorde com suas reflexões sobre a família, neste trabalho tratarei mais diretamente sobre aquilo que na sociologia reflexiva é chamado de processo de socialização secundária (BERGER e LUCKMAN, 1985, p. 184), ou seja, as influências que decorrem de um segundo momento no processo de socialização, neste caso específico, a escolarização. Ainda que Setton (2012)

considere mais complexa, ainda que existente, essa distinção proposta por Bourdieu (o *habitus* primário – ou socialização primária – originado da família e o *habitus* secundário – ou socialização secundária – propiciado pela escola e pelo emprego), no sentido de que se tornam cada vez mais precoces os contatos das crianças com as mídias, com as práticas religiosas e mesmo com as escolas, para efeito desta pesquisa o suporte teórico da noção de socialização (ou *habitus*) secundário é totalmente pertinente. Por um lado, esclarece que os alunos já possuem gosto musical definido, ainda que propício a alterações ou ampliações; por outro, supõe essa posse gerada por um processo anterior (a socialização primária) não importando que tenham tido ou não influência das mídias, da religião ou mesmo de outras instituições às quais os alunos foram expostos em idade precoce. Como meu foco é um momento específico do processo escolar, o ensino fundamental II, considero importante estabelecer esse recorte.

### ***1.1 Especificações dos Espaços Estudados***

Durante a realização da pesquisa dois espaços foram estudados através da observação. Um dos espaços está localizado na cidade de Jundiaí e outro na cidade de Campinas.

Os dois espaços são instituições escolares que possuem características físicas, sociais e de funcionamento muito distintas. Faço agora uma descrição mais detalhada destas duas instituições para que possamos entender as possíveis diferenças entre os dados recolhidos em cada uma delas durante a pesquisa.

A escola situada na cidade de Jundiaí faz parte de uma Fundação atuante no terceiro setor que possui quarenta anos de existência e seis espaços educacionais sendo que, desses seis espaços, fazem parte duas escolas, uma de educação infantil e a outra de ensino fundamental e médio. Esta última foi a escola escolhida para a realização da pesquisa. Todas as escolas vinculadas à Fundação funcionam em tempo integral.

Neste espaço os alunos realizam sua matrícula a partir de uma seleção realizada através critérios socioeconômicos das famílias. A renda familiar é levada em consideração para que o aluno adentre a instituição.

Todos os anos ocorre um recadastramento destas famílias, e é realizada uma nova avaliação socioeconômica. Se, porém, a família mudar a situação econômica durante a permanência do aluno na escola e passar a possuir critérios socioeconômicos mais favoráveis, o aluno não perde sua vaga: a seleção é realizada somente para a primeira matrícula, o recadastramento é realizado somente para oferecer um panorama sobre o público que é atendido pela escola.

O espaço físico da escola é amplo e está situado próximo à zona rural, em uma chácara. As salas de aula ficam espalhadas em prédios que são separados por gramados. No espaço há, além das salas de aula, um campo de futebol de campo, uma quadra poliesportiva, uma piscina e um refeitório grande para que os alunos possam realizar as refeições durante todo o dia, pois como já dito acima a escola funciona em período integral.

Os alunos permanecem na escola das sete horas e trinta minutos até às dezesseis horas e cinquenta minutos, e fazem o traslado de suas casas para a escola e da escola para suas casas, na sua maioria, por ônibus cedidos pela prefeitura da cidade em parceria com a instituição, ou com o transporte público da cidade. Somente dois dos pais apanham seus filhos na porta da escola (informações concedidas pela direção da Fundação).

Durante a permanência na escola os alunos participam das aulas do ensino regular e, obrigatoriamente, das aulas de Teatro, Música, Recreação, Hora de Estudo, Ateliê de Artes, Educação Física (escolar e modalidades esportivas: Handebol, Basquete, Futebol e Vôlei) e Reforço Escolar (para pequenos grupos ou individualmente). É importante enfatizar que Música, Hora de Estudo e Ateliê de Artes fazem parte da grade curricular. Todas as atividades realizadas na escola são dirigidas e sempre acompanhadas por um professor.

Pela manhã os alunos possuem vinte minutos de intervalo para comer e descansar. No almoço, uma hora para comer e descansar e no período da tarde o intervalo volta a ser de vinte minutos para que os alunos se alimentem e descansem.

Os professores que trabalham neste espaço, em sua maioria, trabalham também em instituições particulares e escolas do estado. Somente são professores exclusivos da Fundação os que ministram aulas para o

Fundamental I, pois estes permanecem por todo dia com as crianças na escola. As reuniões pedagógicas acontecem uma vez por semana por duas horas, todos os professores da escola participam conjuntamente, e a discussão acontece em torno de questões relacionadas às dificuldades de aprendizagem dos alunos. Neste momento está sendo estudado e discutido por todos os professores o livro “O Ato de Ler” do Paulo Freire, todos os professores ganharam este livro da instituição.

A escola localizada na cidade de Campinas é uma instituição privada, possui oitenta anos de existência e faz parte de uma rede educacional católica, que atende alunos da educação infantil, fundamental e médio.

Os alunos são, em sua maioria, de classe média, porém a escola é uma entidade sem fins lucrativos, pois todo o dinheiro arrecadado é investido na própria escola que não paga impostos, o que a obriga a ceder uma cota de bolsas para seus alunos. Alguns dos beneficiados pelas bolsas de estudos são filhos de funcionários e outros são bolsistas externos que possuem uma porcentagem de desconto na mensalidade.

O espaço físico da escola é limitado, mesmo a escola estando situada em um grande terreno. As salas de aula são agrupadas por cursos (educação infantil, fundamental I, fundamental II e médio), há uma grande quadra e os pátios também são divididos tendo como critério os cursos. Não há muitos espaços de convívio coletivo. A educação infantil e o ensino fundamental I possuem a opção dos alunos permanecerem em tempo integral. Já para o ensino fundamental II e médio é oferecida somente a opção dos alunos permanecerem por meio-período.

As aulas de música e de artes plásticas fazem parte da grade curricular para os alunos da educação infantil e do ensino fundamental I. Para os outros cursos as aulas de música não são oferecidas, somente as de artes-plásticas. A escola oferece algumas aulas extracurriculares, mas para participar destas aulas é necessário pagar uma mensalidade extra.

Os alunos que permanecem por meio-período na escola possuem um intervalo de vinte minutos por período, enquanto os alunos do período integral possuem intervalos de vinte minutos no período da manhã e tarde e uma hora de descanso no almoço. No período da tarde eles participam das aulas extracurriculares.

Os professores desta instituição, em sua maioria, trabalham em outras instituições particulares de ensino. As reuniões pedagógicas acontecem uma vez por semana, e são separadas por curso. Nestes encontros são discutidos os processos avaliativos, o conteúdo das aulas e o comportamento das turmas.

Durante meu processo de observação dos dois espaços escolhidos para esta pesquisa, pude notar as diferentes características físicas e pedagógicas.

Atentei-me principalmente ao espaço e funcionamento das escolas para uma compreensão global dessas instituições, porém me aprofundei mais na observação dos espaços específicos e dos comportamentos dos alunos e profissionais do curso fundamental II, já que o foco da pesquisa está neste período escolar.

## *1.2 Metodologia*

Utilizei, como forma de coleta de dados, nas duas instituições escolhidas, a observação participante, o envio de questionários escritos e entrevistas com professores e alunos.

As observações (de caráter etnográfico, de acordo com BEAUD e WEBER, 2007) foram realizadas com o intuito de reconhecer os espaços onde poderiam se dar a utilização de músicas de forma mais espontânea, assim como os momentos em que a música é utilizada como ferramenta pedagógica. É importante enfatizar que as observações se estenderam para além das salas de aula, constatando os modos como as músicas eventualmente apareciam no ambiente escolar como um todo (intervalos entre aulas, entradas e saídas de alunos e professores nas salas, sala dos professores, aparelhos pessoais dos alunos – tais como MP3, *ipod*, celulares – presença de aparelhos de som, de TV, de microcomputadores com áudio etc.).

Após estas observações iniciais, surgiram algumas questões sobre os espaços e, por essa razão, senti a necessidade de realizar questionários semiestruturados, que contivessem questões para assinalar e uma única questão dissertativa, para reconhecer de uma forma mais ampla os perfis das

turmas estudadas e a visão dos alunos e professores sobre a utilização da música na escola. Foram realizados, no total 312 (trezentos e doze) questionários semiestruturados com os alunos e 28 (vinte e oito) questionários com os professores das duas instituições.

Depois de realizar os questionários, alguns alunos e professores foram escolhidos e convidados para entrevistas individuais semiestruturadas, para que algumas das questões apresentadas pelos questionários escritos fossem mais aprofundadas. As análises posteriores desses dados coletados (que incluíram o registro das entrevistas em áudio, além das anotações nos diários de campo) incidiram, além das análises mais propriamente de conteúdo, na comparação e no cruzamento de dados entre observações e entrevistas nas duas instituições. Nas análises dos conteúdos levei em conta tanto as posições objetivas assumidas pelos vários participantes quanto os pontos de vista mais subjetivos, além de dar uma atenção especial aos sinais que indicaram atribuição de valor dos entrevistados em relação ao assunto (expressões características e usuais – tais como gírias, ditados, frases feitas etc. –, silêncios, mal-entendidos, expressões corporais, faciais etc.).

### *1.3 Dados produzidos*

Os dados para os gráficos abaixo foram recolhidos nas duas instituições estudadas através de questionários. A aplicação dos questionários foi realizada pelos professores regulares no final de suas aulas, que assim me ajudaram na coleta mais ampla.

No total foram recolhidos 312 questionários com onze questões de múltipla escolha e uma dissertativa. Os gráficos estão separados por anos escolares para facilitar a observação dos dados. O colégio particular possui duas turmas para cada ano do ensino fundamental II, e a Fundação somente uma turma para cada ano.

Em três das dez questões de múltipla escolha era indicado para o aluno na pergunta que poderiam ser assinaladas mais de uma alternativa.

Os comentários inseridos após a apresentação dos gráficos são apenas alguns apontamentos iniciais que antecipam algumas questões que

irei investigar nas análises posteriormente. É certo que do cruzamento dos vários dados colhidos, principalmente entre as respostas dos alunos e dos professores (mas também deles entre si), vários desdobramentos, percepções e descobertas foram possíveis, tudo isso balizado pela minha própria experiência como professora e como participante desses dois ambientes escolares. O que quero dizer com isso é que, como ressalta Gilberto Velho sobre suas primeiras experiências em pesquisar locais aos quais frequentava:

Na verdade, transformei parte significativa de minha rede de relações sociais em objeto de pesquisa, em um movimento um tanto heterodoxo para os padrões tradicionais da antropologia. Portanto, eu já possuía um tipo de conhecimento e de informação apreciável sobre parte do universo que me propus investigar (VELHO e KUSCHNIR, 2003, p. 15).

Ou seja, há certas vantagens e desvantagens ao se propor observar o ambiente do próprio trabalho a partir de um interesse de pesquisadora. A vantagem, rapidamente descrita na citação de Velho, é a possibilidade de perceber, ou mesmo reconhecer e compreender, certos significados das práticas sociais (no meu caso, educativas) não evidentes ao observador de fora do meio. A desvantagem, se é que podemos chamar assim, acontece pela exigência agora muito maior sobre o rigor da interpretação. Foi preciso, a todo o momento, me autoavaliar para evitar certas afirmações ou direções forçadas ou mesmo tendenciosas de caráter mais subjetivo, no que diz respeito aos meus colegas de trabalho e aos alunos meus conhecidos. Contudo, citando novamente Gilberto Velho “o fato é que, hoje, estudar o próximo, o vizinho, o amigo, já não é um empreendimento tão excepcional” (VELHO e KUSCHNIR, 2003, p. 15).

O próprio Pierre Bourdieu realizou uma pesquisa importante sobre sua região natal enfrentando o perigo da pesquisa em terreno familiar (e no caso de Bourdieu, era familiar nos dois sentidos da palavra: conhecido e de sua própria família). Nas suas palavras:

Minhas pesquisas sobre o casamento no Béarn foram para mim o ponto de passagem, e de articulação, entre a etnologia e a sociologia. De saída, havia concebido esse trabalho sobre

minha própria região de origem como uma espécie de experimentação epistemológica: analisar como etnólogo, num universo familiar (a não ser pela distância social), as práticas matrimoniais que eu havia estudado num universo social muito mais distante, a sociedade cabila [na Argélia], significava me dar uma oportunidade de objetivar o ato de objetivação e o sujeito objetivante (BOURDIEU, 2004, p. 77-78).

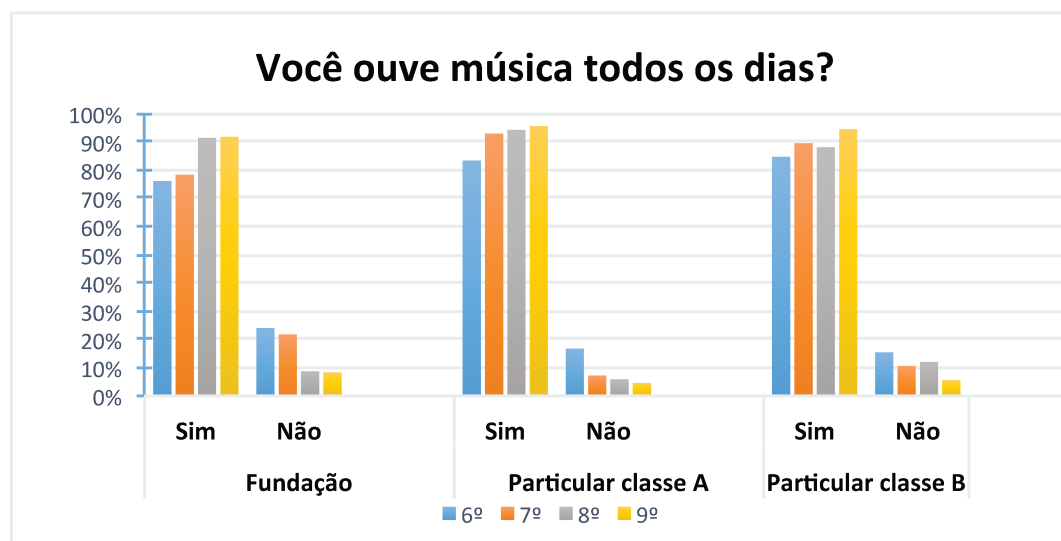
O desafio da investigação em ambiente familiar (neste caso o ambiente de sua própria família) lançou a Bourdieu, e a mim também, o desafio de estranhar o familiar. E ainda que o processo tenha sido mais tenso e exigido mais atenção a mim própria, durante toda a pesquisa, penso que o resultado se mostra muito mais rico do que se eu tivesse observado escolas nas quais não era professora, e posso afirmar com certa segurança, endossando as palavras de Bourdieu, que graças à esta situação pude transformar minhas escolhas, simpatias e antipatias em “proposições conscientes e explícitas”. Nas palavras de Bourdieu:

Se posso dizer o que digo hoje, com certeza é porque sempre utilizei a sociologia contra minhas determinações e meus limites sociais; e especialmente por transformar os estados de espírito, as simpatias e as antipatias intelectuais que são, eu acho, tão importantes nas escolhas intelectuais, em proposições conscientes e explícitas (BOURDIEU, 2004, p. 39).

Tornar-me consciente da minha posição, dos meus pressupostos anteriores, e colocá-los em diálogo com a situação que procuro investigar aqui foi uma das contribuições mais importantes para meu trabalho como professora que esta pesquisa me proporcionou.

### 1.3.1 Gráficos dos questionários – alunos<sup>3</sup>

Gráfico 1



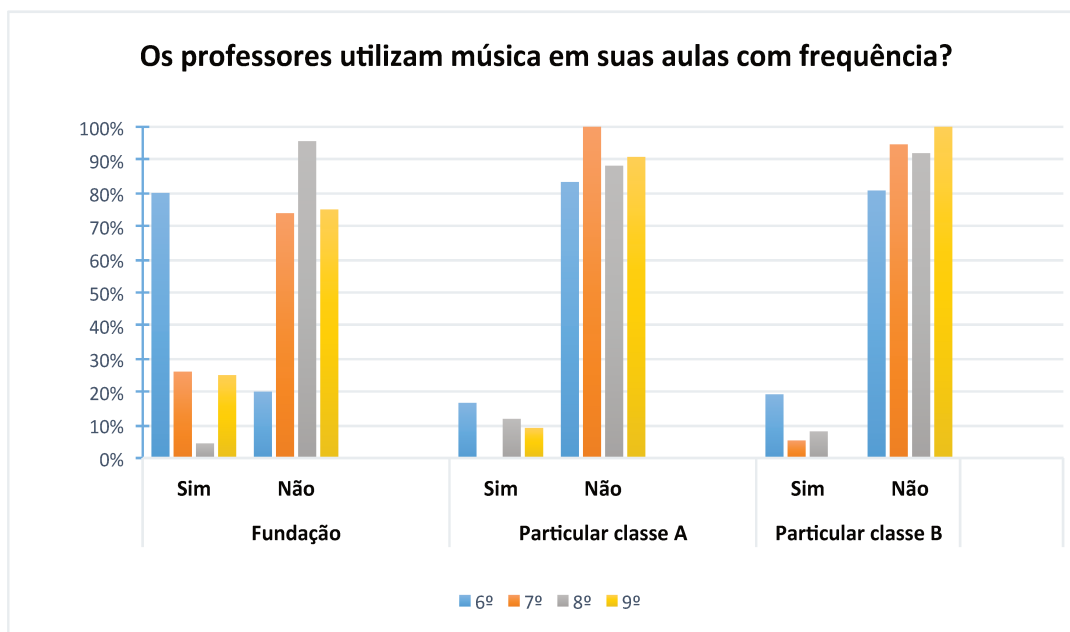
Neste gráfico podemos perceber que os alunos dos oitavos e nonos anos são os que apresentam uma escuta musical mais assídua, e os alunos dos sextos anos indicam uma menor frequência na escuta.

O gráfico demonstra uma coincidência entre a frequência de escuta entre os alunos da escola particular e os da Fundação. Durante a pesquisa de campo pude notar que os alunos mais velhos do fundamental II possuem aparelhos eletrônicos (celulares e mp3) e nos momentos de intervalo os utilizam para se distrair e passar o tempo.

Os alunos dos sextos e sétimos anos realizam atividades que exigem um deslocamento maior e concentração, como por exemplo: jogam bola e brincam de trocar figurinhas. Podemos também identificar no gráfico que mais de 70% dos alunos escutam música todos os dias.

<sup>3</sup> Os critérios para agrupamento ou separação dos gráficos por escolas atendeu ao critério de melhor visualização das comparações.

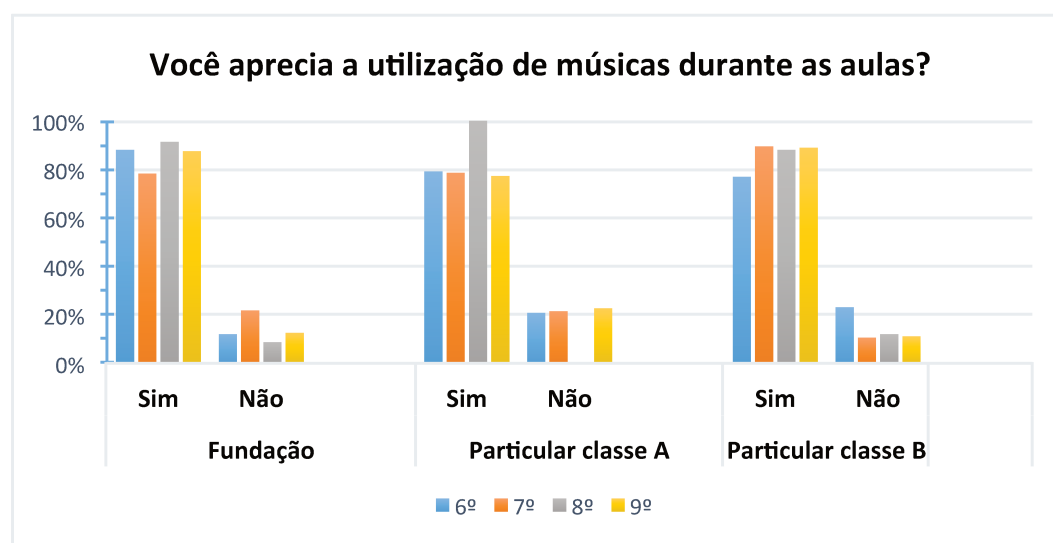
Gráfico 2



Notamos que, de acordo com os alunos, os professores utilizam muito poucas músicas em suas aulas. Na escola particular é notável a pouca participação da música no cotidiano da sala de aula. Podemos observar que, ao contrário disso, o gráfico referente à Fundação chega a 100% em duas turmas, uma do 7º e outra do 9º ano.

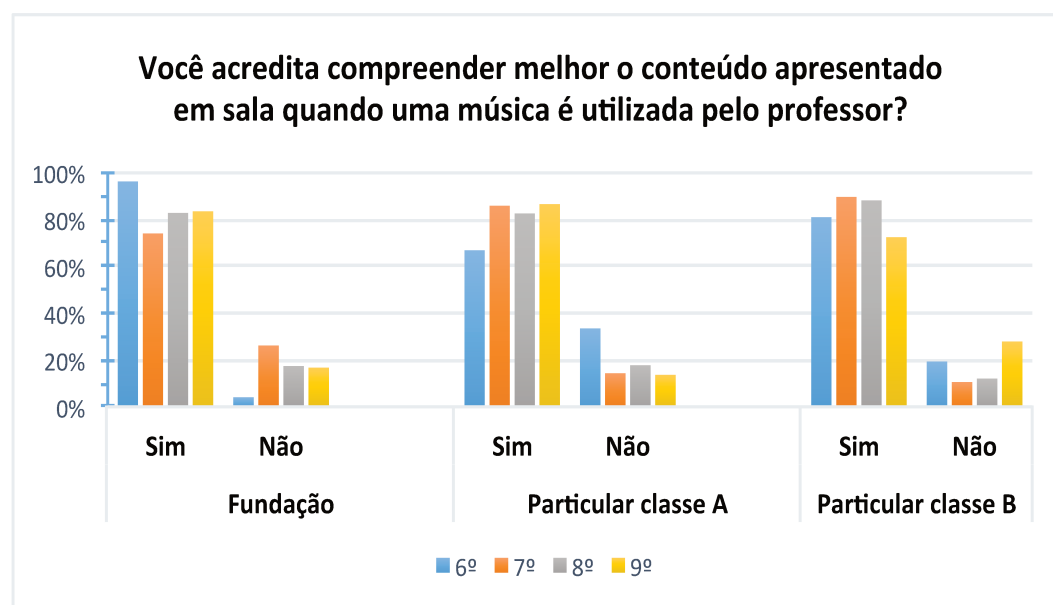
Porém podemos perceber que na Fundação há um diferencial, 80% da turma do 6º ano afirma que há uma utilização da música em sala de aula. Se, contudo, recorrermos ao gráfico 10 e cruzarmos seus dados, podemos perceber que esta diferença ocorre pela utilização mais frequente da música pela disciplina curricular “hora de estudo”.

Gráfico 3



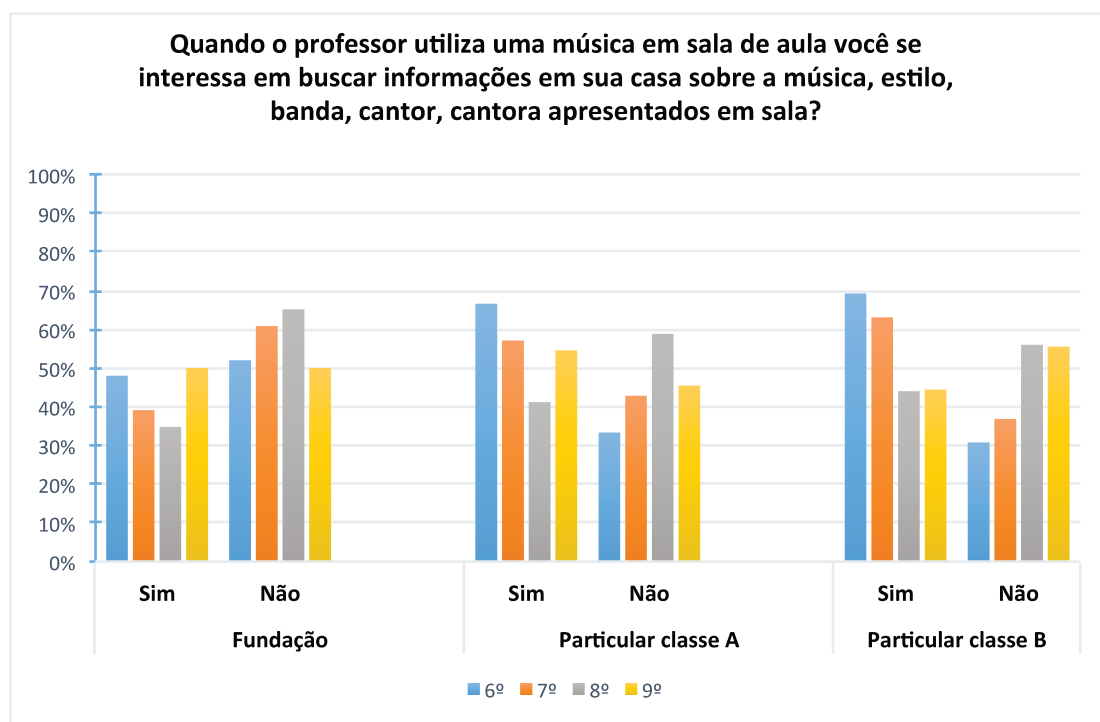
Observa-se que fica acima de 80% a aprovação dos alunos de vários anos, tanto da Fundação (três dos quatro anos) quanto da Particular (quatro dos oito anos), a utilização da música em sala de aula. Contudo, é importante enfatizar que mesmo os anos que ficaram abaixo desse índice, chegaram muito perto dele (mais de 75%).

Gráfico 4



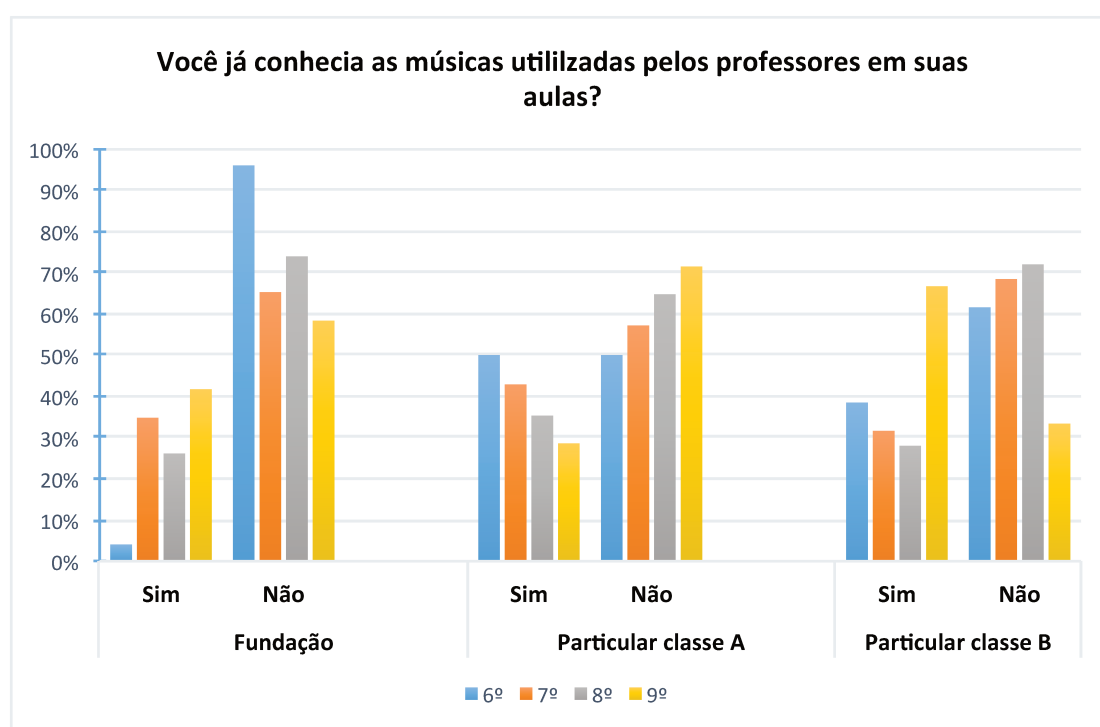
A utilização da música é aprovada pelos alunos (como visto no gráfico 3) e, de acordo com o gráfico 4, eles acreditam compreender melhor o conteúdo apresentado em sala quando o professor faz uso de músicas.

Gráfico 5



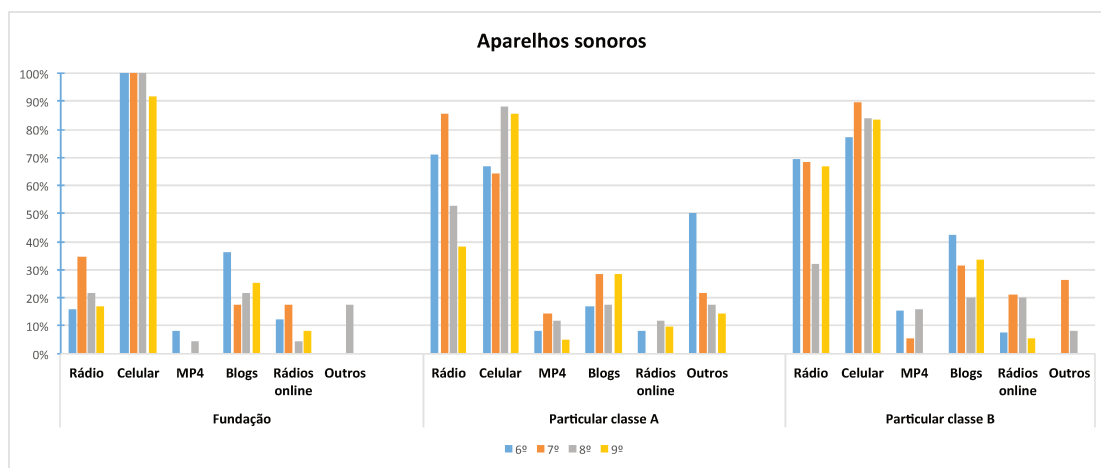
Nesta questão não houve uma maior disparidade entre as turmas. Vemos no gráfico 5 uma divisão mais ou menos equilibrada entre alunos que são e não são estimulados a buscar mais informações musicais sobre as músicas utilizadas nas aulas; atividades que, embora raras, acontecem.

Gráfico 6



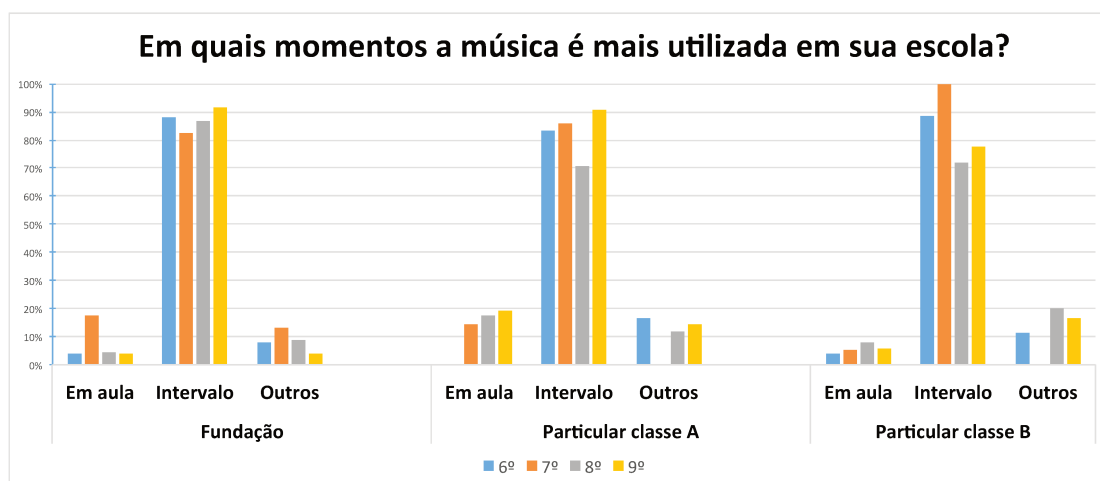
O gráfico 6 nos mostra que no geral há uma tendência dos alunos a não conhecerem as músicas utilizadas pelos professores em sala. Porém há dois apontamentos a serem feitos: o 6º ano da Fundação possui uma maior porcentagem de alunos que não conhece as músicas ouvidas nas aulas; e em um dos nonos anos da escola particular (a classe B) há um aumento significativo de alunos que conhecem as músicas utilizadas pelos professores em sala. Por isso não é exagerado afirmar, com certa dose de prudência, que há uma tendência que levaria os alunos mais velhos a conhecerem um maior número de músicas utilizadas pelos professores.

Gráfico 7



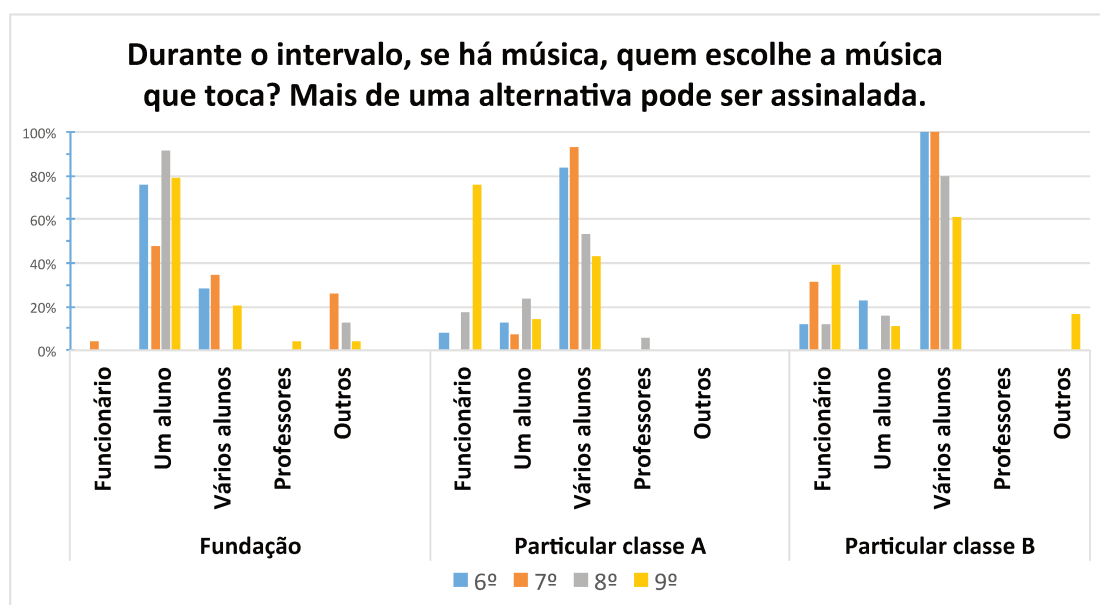
É nítida a maior porcentagem de alunos que utilizam o celular para escutar música. Na Fundação, em três classes (6º, 7º e 8º), o celular é utilizado por 100% dos alunos. Na escola particular o celular também se mantém na frente, embora não seja tão unânime. Em segundo lugar, nas duas instituições, aparece o rádio como um aparelho sonoro mais utilizado para ouvir música. Os alunos que assinalaram outros, em sua maioria, especificaram *youtube* e *tablet*, portanto, suportes digitais.

Gráfico 8



A música adentra o ambiente das duas instituições estudadas principalmente nos intervalos das aulas. Os alunos elencaram os momentos que antecedem o início das aulas, das aulas de educação física e a hora da saída como outros momentos que eles utilizam música. Aqui há uma curiosidade: os alunos consideraram, para responderem a pergunta, seu uso próprio da música na escola, além do uso da música *pela* escola.

Gráfico 9

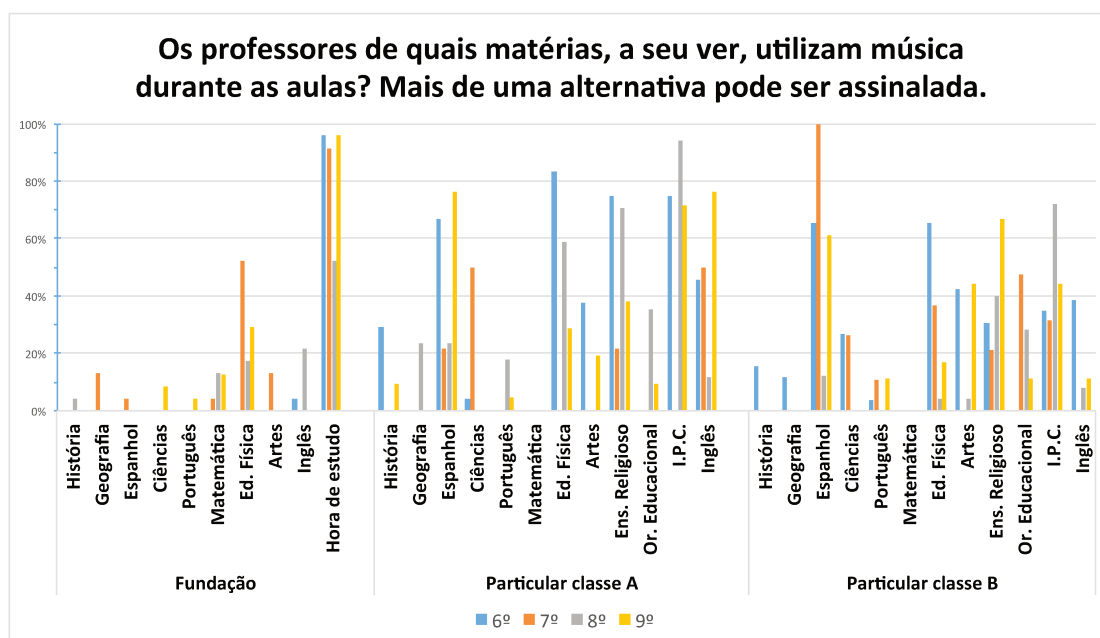


Devido à música ser mais presente nos momentos de intervalo na escola, a escolha do repertório a ser escutado fica a cargo dos alunos. Na escola particular pude observar que em alguns intervalos um rádio era disponibilizado e um funcionário colocava músicas para tocar, ou um aluno

que possuísse um CD ou *pendrive* no momento levava para o funcionário colocar a tocar, e outros alunos permaneciam em espaços distintos da escola, longe do rádio disponibilizado pela escola, para ouvir seus aparelhos celulares ou MP3 sozinhos. Já na Fundação Nenhum aparelho é disponibilizado, os alunos escutam música nos celulares e muitas vezes não utilizam os fones de ouvido para que os alunos que estejam próximos possam ouvir o mesmo “som”<sup>4</sup>. Nesta questão vários alunos responderam que quem coloca as músicas para tocar é um dos alunos, e enfatizaram, na frente da alternativa, que utilizavam o celular ou aparelho de mp3 para escutar. Este levantamento confirma o que Seren já havia constatado em sua pesquisa:

Entretanto, o aparelho mp3, nos critérios de suas especificidades, parece corroborar esse processo no âmbito individual: loteia-se o espaço sonoro singularmente. E a escola, local por excelência de integração dos jovens, passa a ser invadida pela música (ouvida agora individualmente e não coletivamente), durante um de seus momentos de convivência mais importantes: o intervalo (SEREN, 2011: 91).

Gráfico 10



<sup>4</sup> Por “som” os alunos se referem às músicas ouvidas, tanto às canções quanto às peças exclusivamente instrumentais.

Podemos perceber pelo gráfico 10 que, na Fundação, a matéria “hora de estudo” é a mais apontada pelos alunos como tendo a música presente. Já no colégio particular a presença da música aparece de modo mais bem distribuído entre diversas matérias<sup>5</sup>, e a utilização de música por essas matérias se distingue nos quatro anos estudados. Ao contrário da Fundação, na Particular não há uma matéria única que desponte como mais “musical” em todas as turmas, embora haja um ligeiro aumento da presença musical nas matérias de línguas (espanhol no 6º e 9º anos da Particular A e 6º, 7º e 9º anos da Particular B; inglês no 6º, 7º e 9º anos da Particular A e menos no 6º da Particular B), Educação Física (principalmente nos 6º anos da Particular A e B), no Ensino Religioso (6º e 8º da Particular A e 9º na Particular B) e na Introdução ao Pensar Crítico (6º, 8º e 9º anos da Particular A e 8º da Particular B).

### 1.3.2 Gráficos dos gostos – bandas, cantores e cantoras

Os dados para os gráficos a seguir foram recolhidos a partir da questão dissertativa apresentada nos questionários realizados nas duas instituições.

A pergunta apresentada para o levantamento dos gráficos foi: Qual banda, cantor ou cantora você mais gosta de ouvir?

Os gráficos estão separados por ano para facilitar a visualização dos dados e as comparações.

Podemos notar que há pontos em comum na escuta dos alunos: os *Mc's* (mestre de cerimônia) estão presentes em todos os gráficos, com mais frequência na Fundação. Os *Mc's* destacados pelos alunos da escola particular estão em destaque na mídia, aparecem em aberturas de novelas ou em programas de auditório; na Fundação estes mesmos *Mc's* também aparecem, porém a variedade de nomes é maior e vários *Mc's* são “desconhecidos” das mídias de maior circulação são citados. Os alunos da Fundação, em um levantamento realizado após os questionários, afirmaram que esses *Mc's* “desconhecidos” se tornaram conhecidos pelos seus vídeos

---

<sup>5</sup> Optei pelo termo “matéria”, ao invés de “disciplina” ou “componente curricular”, por ser o termo de uso mais comum entre os alunos.

disponíveis na *internet* e pela disponibilidade e facilidade que o repertório musical (fonogramas) possui para ser “baixado” da *internet*.

A música brasileira aparece representada pelos *Mc's*, pelas duplas sertanejas, bandas de pagode e de *pop/rock*. Compositores e interpretes da chamada MPB aparecem apenas no sexto ano da Fundação com nomes como Toquinho e Cassia Eller.

As bandas de *rock*, cantoras e cantores, *boy bands*<sup>6</sup> internacionais aparecem em todos os gráficos.

Destaque vai para o sétimo ano A da escola particular que possui a maioria de meninas, fortalecendo a presença de “*boy bands*” e cantoras do *pop* internacional, o que não ocorre com os anos em que o equilíbrio entre meninas e meninos, e mesmo a presença maior de meninos, acontece. Este é um indício de que a questão de gênero sexual de certo modo perpassa também as escolhas musicais. Contudo, esse assunto foge um pouco do escopo deste trabalho e ficará como possibilidade de desdobramento para uma outra oportunidade.

A partir dos gráficos podemos notar que não há um grande diferencial na escuta dos alunos das duas instituições confluindo as escolhas para alguns cantores, cantoras e bandas que estão em destaque na mídia, e que aparecem em todos os gráficos. Novamente confirmando a tendência já constatada por Seren, é preciso enfatizar que a diversidade aparece como oferta dos meios de comunicação<sup>7</sup>:

Notamos, atualmente, uma grande liberdade de escolhas na incorporação identitária que caracterizam os estilos. Essa liberdade de escolhas abona-se plenamente pelo fácil acesso aos meios que expõe os mais variados estilos e feições artísticas, gerando um grande fluxo comunicacional. Tal fluxo acontece principalmente dentro de um ambiente midiático como televisão, rádio, cinema, revista ou jornais (SEREN, 2011, p. 77).

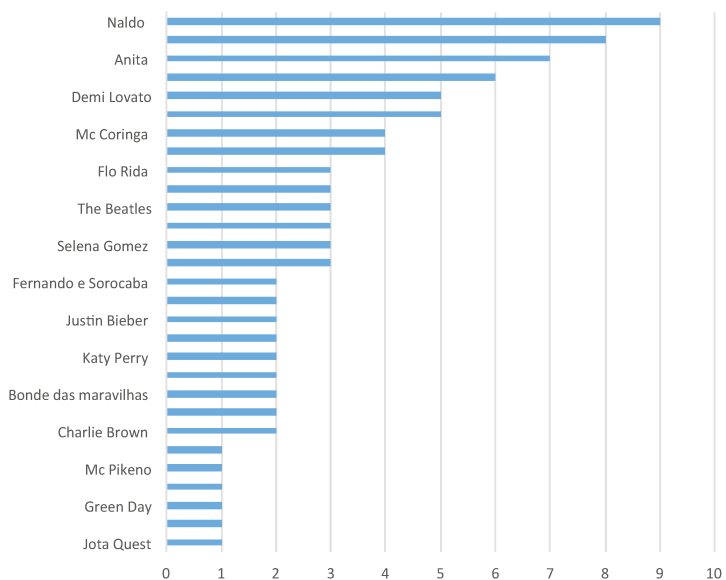
Para facilitar a observação do gosto dos alunos, optei por oferecer os gráficos separados por ano e escola. Desse modo, será possível empreender uma análise do gosto levando-se em conta também a faixa etária dos alunos.

---

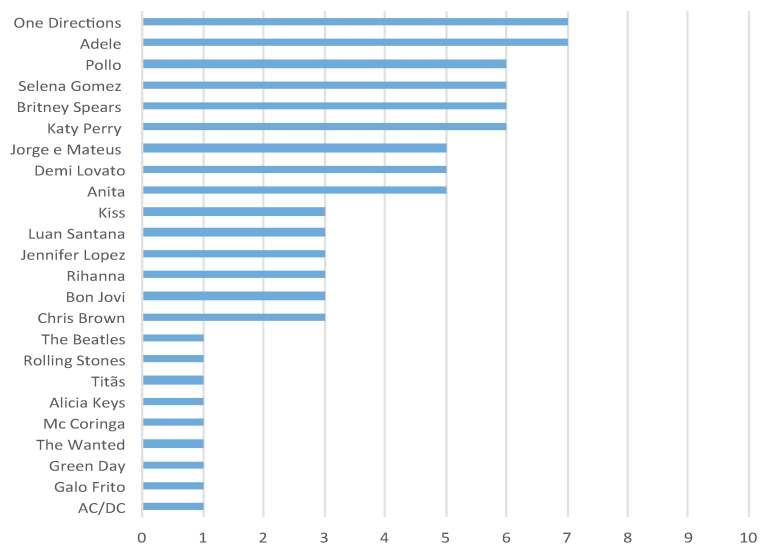
<sup>6</sup> Grupos *pop* constituídos por cantores do sexo masculino.

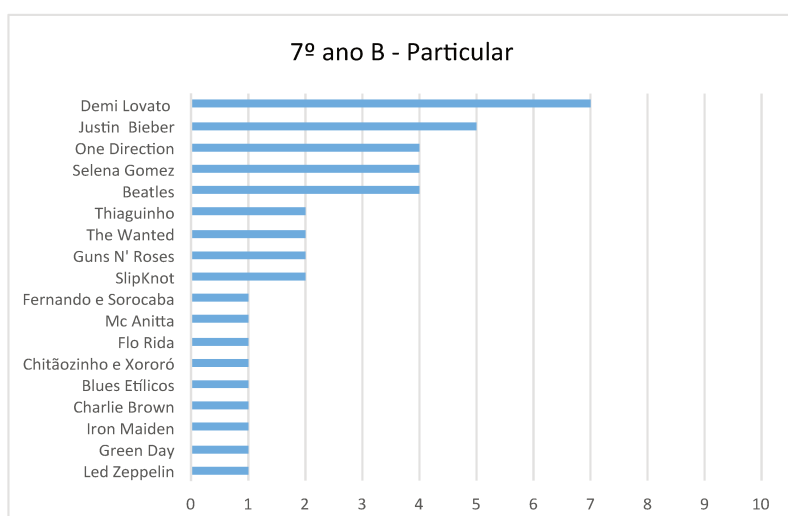
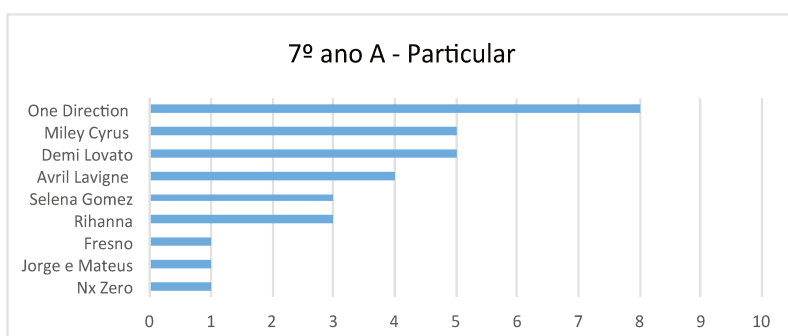
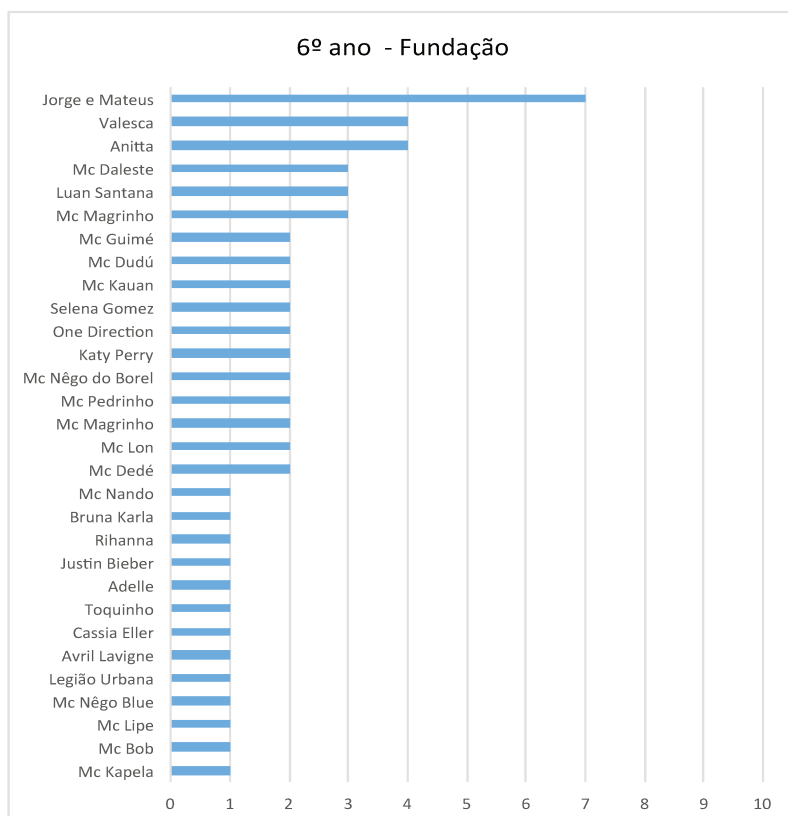
<sup>7</sup> Esse assunto da segmentação da indústria musical é debatido com maior profundidade em Vicente, 2014.

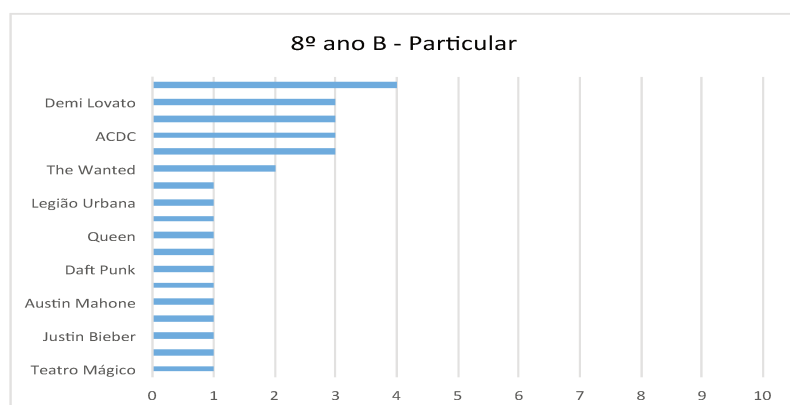
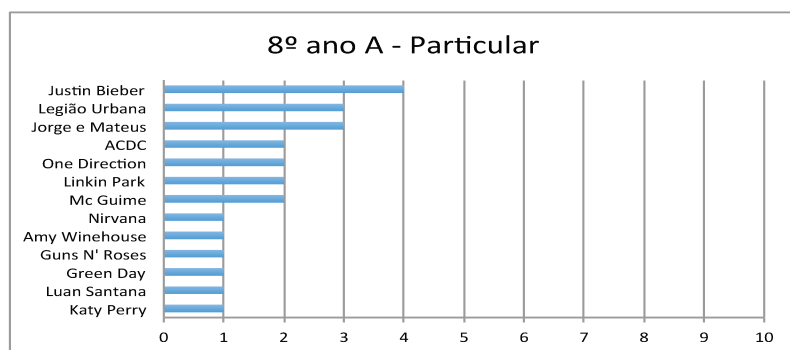
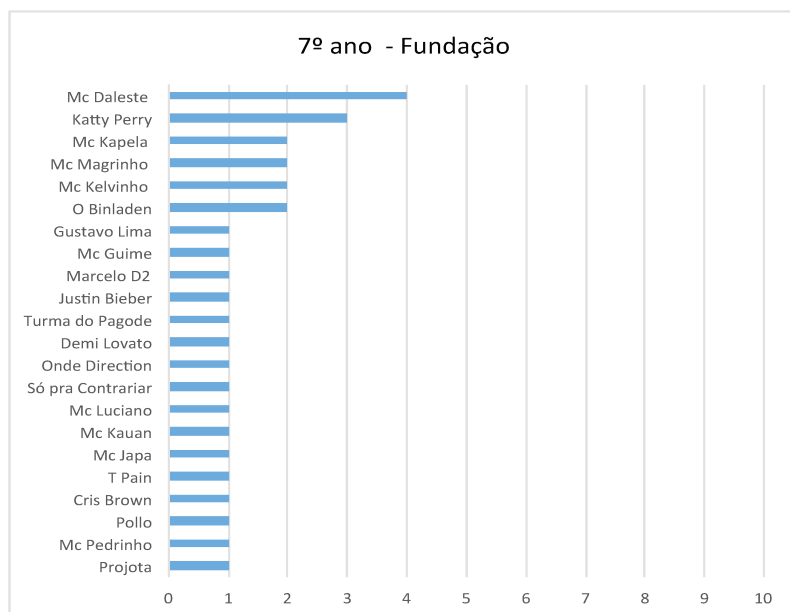
6º ano A - Particular

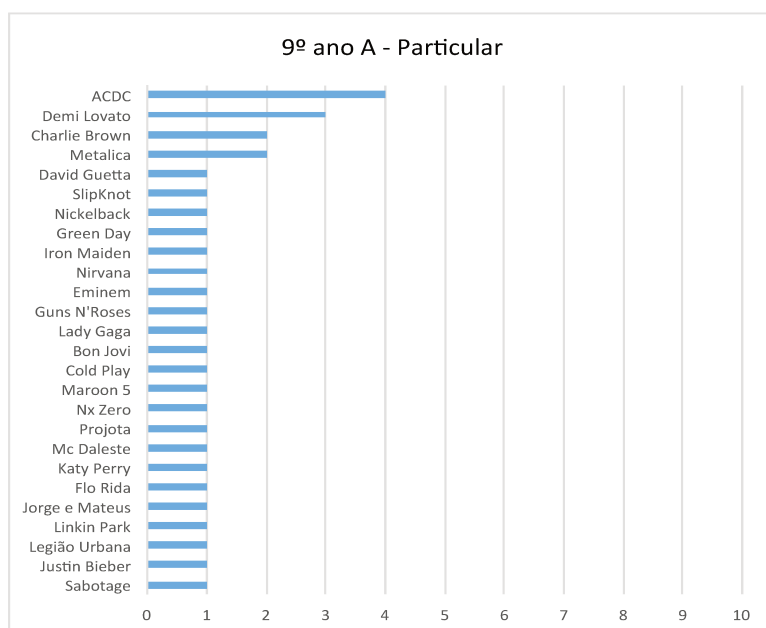
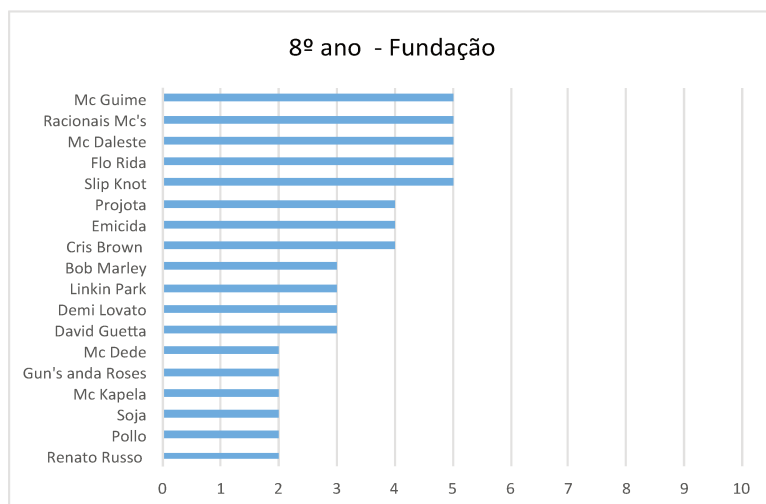


6º ano B - Particular

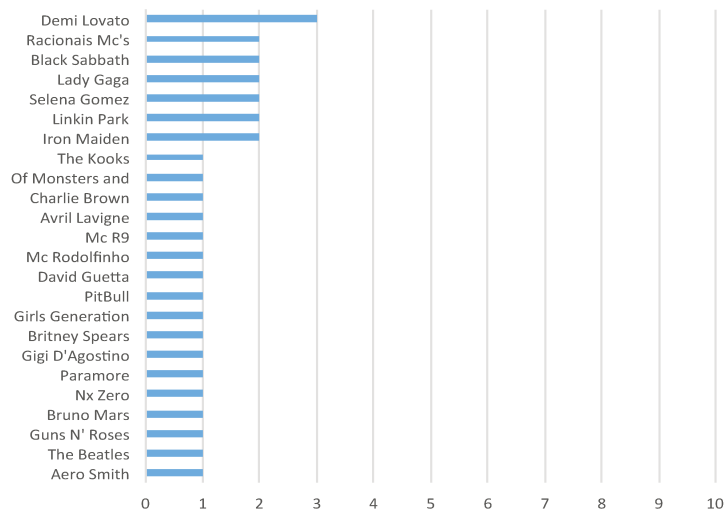




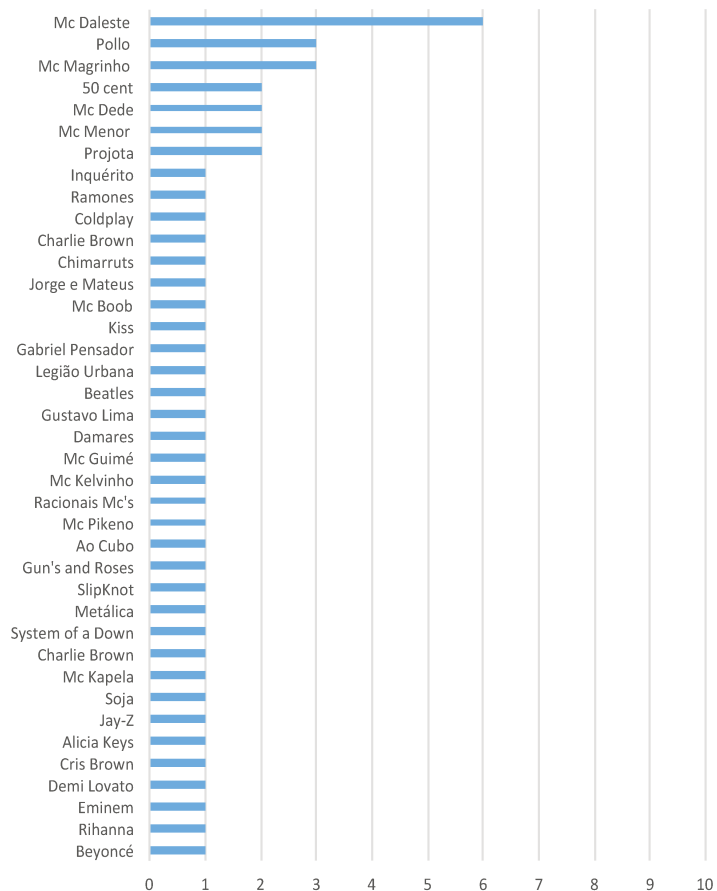




## 9º ano B - Particular



## 9º ano - Fundação



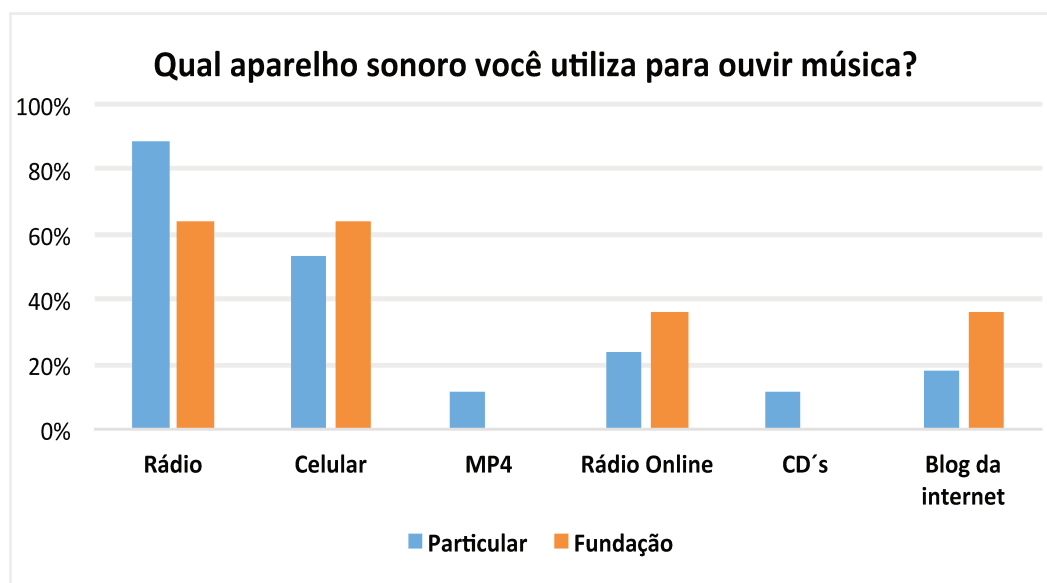
### 1.3.3 Gráficos dos questionários – professores

As informações dos gráficos abaixo foram retiradas de um questionário que foi aplicado aos professores das duas instituições. Os questionários foram aplicados nos momentos de reunião pedagógica nos dois colégios.

O questionário contém sete questões, seis de múltipla escolha e uma dissertativa.

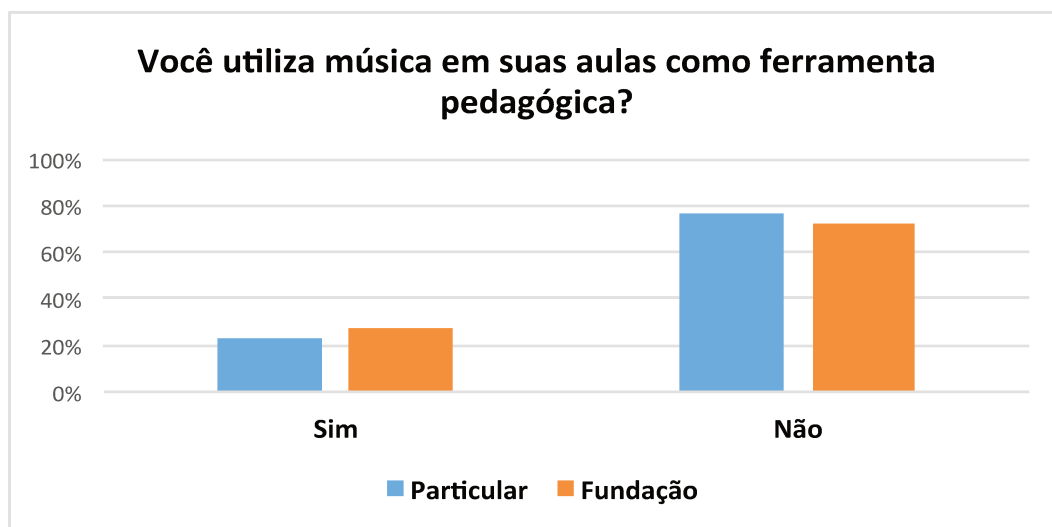
Todos os professores do ensino fundamental II das duas escolas participaram da pesquisa. No total, vinte e oito professores responderam ao questionário.

Gráfico 1



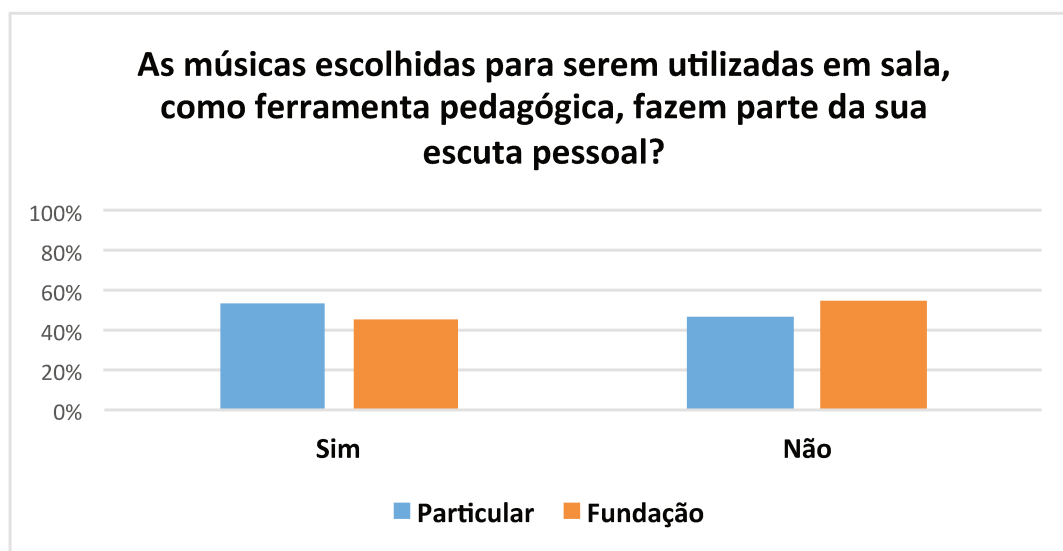
Assim como o resultado da pesquisa feita com os alunos, o rádio e o celular também são os aparelhos sonoros mais utilizados pelos professores. O rádio aparece com maior predominância entre os professores do colégio particular e o celular entre os professores da Fundação.

Gráfico 2



A partir dos dados recolhidos deste questionário percebemos que os professores utilizam pouca música em suas aulas, o que vai de encontro às informações colhidas no gráfico 2 dos alunos.

Gráfico 3

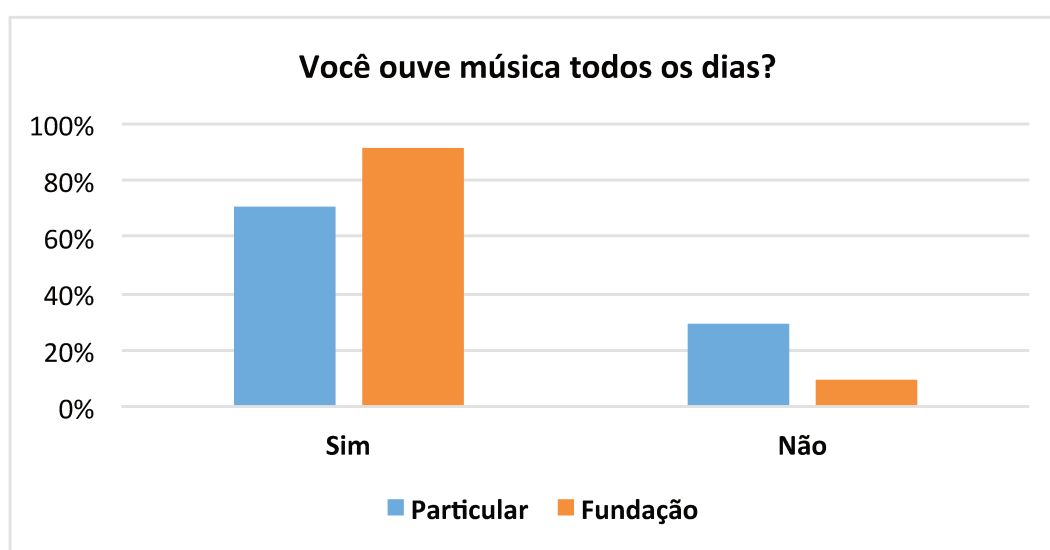


Os professores do colégio particular utilizam músicas que fazem parte do repertório pessoal com mais frequência do que os professores da Fundação, embora a diferença seja pequena entre eles. Sobre esse aspecto particular da atitude dos professores a pesquisadora Regina Márcia Simão Santos afirma que:

A camuflagem da identidade cultural do professor se dá por diversas razões. Ele aprendeu a esconder a sua própria identidade, a sua herança cultural, suas raízes, justamente por ela não ter sido valorizada quando era um aluno. (SANTOS, 2011: 128)

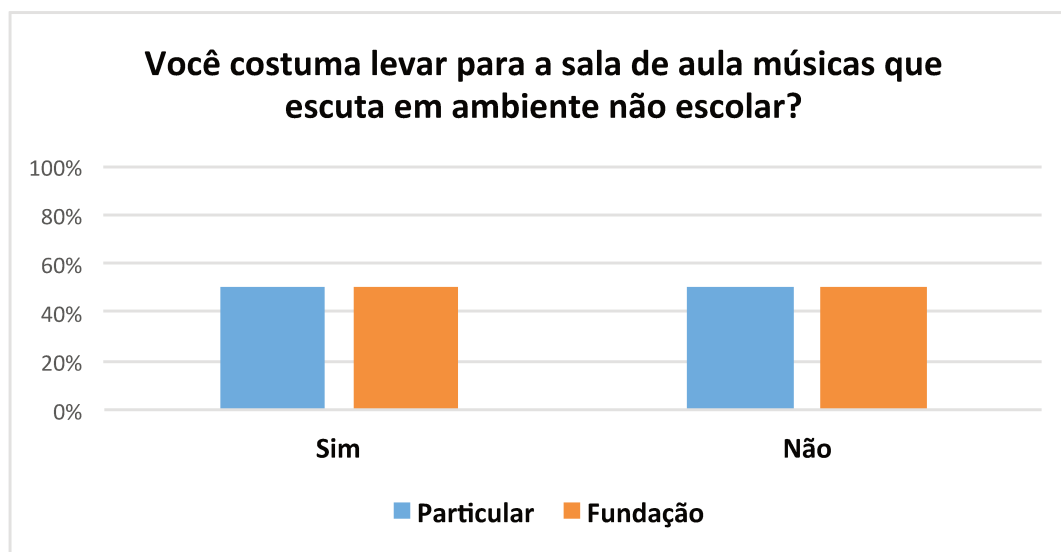
Considero esta constatação pertinente também à minha pesquisa, no caso desta questão em particular.

Gráfico 4



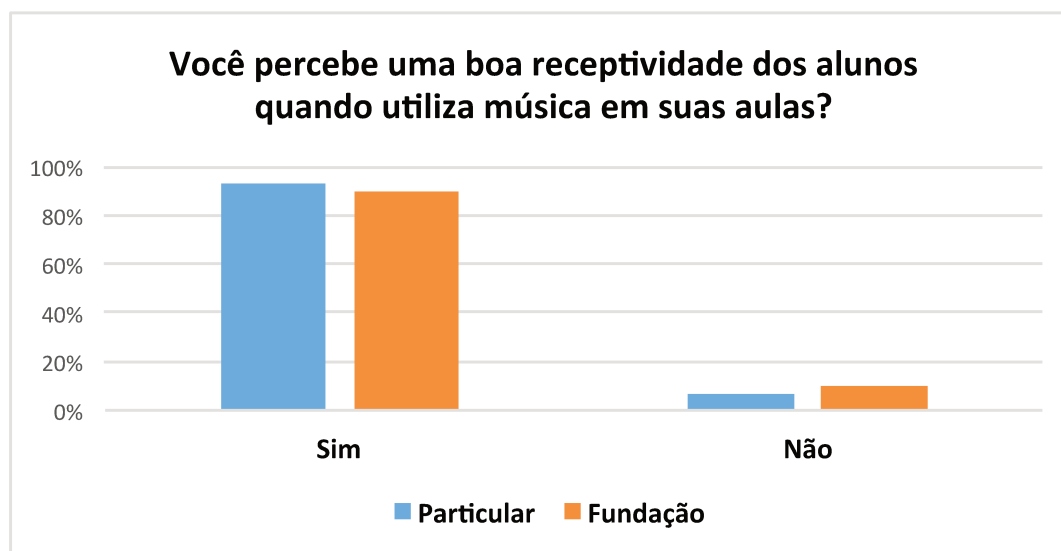
O gráfico 4 nos aponta que é maior a incidência de professores que escutam música todos os dias do que os de que não escutam. Curiosamente, os professores da Fundação, que dizem não utilizar a música de seu repertório pessoal em sala de aula, são os que escutam música com mais frequência.

Gráfico 5



Os professores nesta questão demonstram-se simetricamente divididos. Não há diferenças nos resultados. São exatamente iguais as respostas para esta questão nas duas instituições.

Gráfico 6



Mais de 80% dos professores afirma perceber boa receptividade dos alunos quando a música é utilizada em sala de aula, porém apenas 20% dos professores da escola particular e da Fundação utilizam música em sala como nos aponta o gráfico 2 dos professores. Os vários cruzamentos entre

os resultados dos questionários serão mais aprofundados em análises posteriores.

#### 1.3.4 Gráficos dos gostos – bandas, cantores e cantoras

No questionário realizado com os professores, assim como no dos alunos, havia uma pergunta dissertativa: Qual banda, cantor ou cantora você mais gosta de ouvir?

As respostas estão na íntegra nas tabelas abaixo, separadas por área de atuação do professor.

##### a) Colégio particular

Podemos avaliar que metade dos professores do colégio particular não responderam a questão do mesmo modo dos alunos e dos outros professores. Eles indicaram os “estilos” que mais gostam de ouvir e não citam nomes de cantores, cantoras ou bandas. Há também dois professores que curiosamente não responderam esta questão, numa atitude significativa (lembramos a citação de Santos sobre o “mascaramento” do gosto dos professores).

Os professores de História dos oitavos anos, Espanhol, Ensino Religioso, IPC (Introdução ao pensar crítico) e Orientação de Estudos são os que interpretaram as questões do mesmo modo que os alunos, sendo que os últimos quatro são os professores mais citados pelos alunos quando interrogados sobre quais professores utilizam música em suas aulas.

Podemos realizar a comparação da tabela abaixo com o gráfico 10 dos alunos.

<b>Área</b>	<b>Cantor, Cantora ou banda</b>
Ciências 6 <sup>os</sup> , 7 <sup>o</sup> e 8 <sup>o</sup> anos	MPB, Clássica, Rock Nacional e Internacional
Ciências 9 <sup>o</sup> anos	Eclético, MPB, Rock
L, Portuguesa 6 <sup>o</sup> e 7 <sup>o</sup> anos	POP-Rock-tocadas no momento
L. Portuguesa e Produção de Texto 7, 8 e 9 anos	MPB
Educação Física 9 <sup>o</sup> ano	Não respondeu
Educação Física 6 <sup>o</sup> , 7 <sup>o</sup> e 8 <sup>o</sup> anos	Diversos
História 6 <sup>o</sup> e 7 <sup>o</sup> anos	Rock em geral

História 8º anos	Beatles, Pearl Jam, e Rolling Stones
Matemática 7º e 8º ano	Padre Zezinho
Matemática 6º e 7º anos	Vários, prefiro citar os estilos MPB, Clássica e música francesa
Orientação de estudos 6º ao 9º ano	Paula Fernandes e Beatles
Inglês 6º, 7º, 8º e 9º anos	Aprecio música eletrônica
Geografia 6º, 7º e 8º anos	Estilos- MPB e Rock
Geografia 9º anos	As mais tocadas no rádio
Espanhol 6º, 7º, 8º e 9º anos	Beatles, Beach Boys, Café Tacuba, Legião Urbana
Ensino Religioso 6º, 7º, 8º e 9º anos	Rosas de Saron, Ministério Shalom, Jorge e Mateus
Introdução ao Pensar Crítico 6º, 7º, 8º e 9º anos	Beatles, Creedence, Rappa, Tim Maia, Ira, Jorge Ben, Nina Simone, James Brown, Milton Nascimento, Cartola, Gilberto Gil

#### b) Fundação

Os professores da Fundação interpretaram a questão de modo semelhante aos alunos. Somente um professor cita o estilo musical que aprecia ao invés de citar o nome do cantor, cantora ou banda que mais gosta.

Os professores das matérias Hora de Estudo e de Educação Física são os mais citados pelos alunos da Fundação no questionário, quando são questionados em relação aos professores que mais utilizam música em suas aulas.

Área	Cantor, Cantor ou banda
Educação Física 6º, 7º, 8º, e 9º ano	MPB(No carro)
Orientação de Estudos 6º, 7º, 8º e 9º ano	Seu Jorge e Teatro Mágico
Informática 6º, 7º, 8º e 9º ano	Coldplay
Geografia 6º, 7º, 8º e 9º ano	Iron Maiden, Trilhas de Anime, Barão Vermelho, ColdPlay e Creedence
Ciências 6º, 7º, 8º e 9º ano	Cazuza, Ray Charles, Cartola, Steve Wonder, Luther Vandross, Clarice Falcão, Annah Barret, Sam Cooke, Emile Sauté, Lenine, Zeca Baleiro, Aretha Franklin, Etta James, Tom Waits, Vander Lee.
Matemática 6º, 7º, 8º e 9º ano	AC/DC e 89FM
Português 6º, 7º, 8º e 9º ano	Toquinho, Skank, Gilberto Gil, Chico Buarque, Legião Urbana
Artes Visuais 6º, 7º, 8º e 9º ano	Yan Tiersen, Otto, Muse, Ney Matogrosso, Beatles, Philip Glass
História 6º, 7º, 8º e 9º ano	Titãs, Chico Buarque, Zizi Possi,

	ZecaBaleiro, Nando Reis, Zeca Pagodinho, Ultrage a Rigor, Cassia Eller, Fagner, Cazuza, Legião Urbana, Bruna Caran, Sambô, Demônios da Garoa, Skank, Biquini Cavadão
Filosofia/ Atualidades 6º, 7º, 8º e 9º ano	Linkin Park, Metálica, Legião Urbana, Capital Inicial
Inglês 6º, 7º, 8º e 9º ano	Caro Emerald, Djavan, Beatles, Eric Clapton

Aqui está apresentado, portanto, todo o corpo de dados que foi analisado à luz das teorias bourdianas sobre a correspondência do gosto e a estrutura social de classes. Contribuíram também para esta análise as observações e vivências pessoais minhas, já que trabalho como professora de música nas duas instituições de ensino.

## Capítulo 2 – Análise dos dados

Após realizar a observação dos espaços estudados, aplicar os questionários e fazer as entrevistas com professores e alunos, pude reconhecer mais claramente os diferentes acessos à música especificamente nos espaços estudados.

Os dados foram recolhidos em duas instituições escolares diferentes, que apresentam características diferentes, como já foi explicitado anteriormente: a) os alunos são de classes sociais diferentes; b) as duas escolas são de períodos diferentes, uma funciona em período integral e a outra em meio período; c) os espaços físicos são diferentes e; d) estão situadas em cidades distintas. Porém, os dois grupos estudados estavam cursando, no momento da pesquisa, o mesmo nível: ensino fundamental II e, de acordo com os dados levantados pelos gráficos, podemos perceber que as relações com a música que habitam as duas escolas são muito parecidas. Não aparecem, segundo constatamos, diferenças tão grandes nos resultados da pesquisa realizada com os alunos e com os professores, alguns dos gráficos são semelhantes.

Percebe-se que a música percorre um caminho muito parecido dentro das duas instituições ao proceder uma análise, a partir dos dados recolhidos, de como a música é trazida para a escola em seus momentos diversos. Os professores a utilizam esporadicamente dentro da sala de aula; nos intervalos os alunos escutam músicas em seus celulares individualmente, com fone de ouvido, ou compartilhando com os amigos; a música também está presente nos dias de festa, nas gincanas etc., ou seja, nos eventos “oficiais” e coletivos das duas escolas.

Entretanto, diferentemente da música encontrada fora da sala de aula, usada de um lado como entretenimento e, de outro, como marca identitária, a música que adentra as salas de aula aparece, nesta pesquisa, sendo utilizada pelos professores como ferramenta pedagógica para auxiliar na ampliação de linguagens textuais, por exemplo, como parte do contexto de um período histórico e das características do período; na ampliação do vocabulário de língua estrangeira; para gerar um ambiente propício para realização de certas atividades; para estabelecer relações da música com as

artes-plásticas etc. Esta apropriação, também válida, da linguagem musical como ferramenta de ensino, é realizada nas duas escolas. Porém as músicas utilizadas com este fim não exercem, mesmo como “efeito colateral”, a função de ampliar e apresentar novas estéticas musicais aos alunos.

Acredito que o professor, ao apresentar uma música como ferramenta pedagógica, poderia também utilizar este espaço para realizar uma troca de experiências musicais e estéticas com seus alunos, mesmo que fora do plano mais interno da linguagem musical (como seus aspectos mais técnicos teóricos). Com a expressão “experiências musicais e estéticas” quero me referir à dimensão mais significativa, até mesmo mais subjetiva (pessoal), que permite a atribuição de sentidos ao que ouvimos. Não apenas “gosto” ou “não gosto”, mas sem deixar de considerar esse ponto como um ponto de partida para um debate mais amplo, mais crítico, até mesmo para os professores.

Para isto, evidentemente, o professor necessitaria ter um mínimo de familiaridade com a obra apresentada e cultivar uma espécie de vínculo qualquer com ela, para que pudesse se colocar perante algumas questões iniciais que pudessem levar até algumas considerações mais estéticas (algo como trabalhar “de fora para dentro” da música), começando por demonstrar um afeto em relação à música escolhida. Talvez esta estratégia pudesse levar a um espaço de discussão sobre, por exemplo, o compositor da obra e suas possíveis influências (é possível lembrar algum trecho de alguma outra música? De algum outro músico?), o estilo musical (com quais outras músicas ela se parece), a relação que o professor possui com a obra (do tipo “lembrar de um parente distante” ou “de uma situação particular”).

Esta discussão inicial, mesmo que mais pessoal, poderia se desdobrar em outras, como, por exemplo, se a música utilizada naquele momento faz parte do repertório pessoal do professor ou dos alunos; se é do interesse e do gosto dos alunos e porque. Estes são alguns exemplos de possibilidades de trocas de experiências entre professores e alunos à partir da apresentação de uma obra artística, que poderiam se tornar momentos de maior abertura e conhecimento dos professores e alunos dos seus respectivos bens culturais, estabelecendo aí uma ponte de diálogos mediados pelas músicas.

Pudemos verificar que alunos e professores possuem gostos musicais que em certo grau convergem para artistas ou obras em comum quando analisamos suas preferências de escuta pessoais. Contudo, podemos verificar também que, pelos resultados apresentados nos questionários, eles não conseguem realizar o que eu estou chamando aqui de uma troca cultural. Ou seja, não chegam a um diálogo entre gostos musicais sem enfrentar dificuldades e grandes choques com os alunos dentro da sala de aula. Isto ocorre provavelmente pelo fato de a escola efetuar a legitimação de uma certa cultura distinta daquelas cultivadas pelos seus agentes, e é esta cultura meio “alienígena” que os professores acabam por adotar em suas aulas. Uma outra razão parece ser um desconhecimento, ou mesmo a desvalorização, da importância da escola como um espaço de trocas, para que alunos e professores possam se conhecer melhor e, à partir dessa nova familiaridade estabelecida, conhecerem, influenciarem, ampliarem o repertório cultural recíproco, o que ultrapassaria as fronteiras da escola atingindo uma dimensão mais ampla de convívio e aceitação mútuas.

Um dos pontos fundamentais no processo de formação do adulto é o que constitui como saber legitimado pela instituição escolar. Separam-se saber cotidiano e saber escolar, saber conceitual e saber prático, saber das histórias de vida e saber do currículo escolar (SANTOS, 2012, p. 111).

Considero que a música, dentre outras áreas culturais, pode ser um campo muito fértil e propício, pelo menos de início, para essas trocas e, em consequência, para a diluição dessas polarizações estabelecidas no ambiente escolar.

### *2.1 A música dentro a sala de aula*

Os alunos e professores escutam música com frequência fora do ambiente escolar, a música faz parte do cotidiano pessoal de todos eles, como podemos constatar no gráfico 1 dos alunos e no gráfico 4 dos professores, apresentados na pesquisa. Os aparelhos sonoros mais utilizados para ouvir música são os celulares e os rádios.

A música configura-se como um consumo democrático, de fácil acesso e, portanto, generalizado. As vivências musicais estão

no dia-a-dia e fazem parte da vida dos sujeitos, em razão do acesso às tecnologias como rádio e televisão (SUBTIL, 2006, p. 68).

Concordando com Subtil e completando seu pensamento, o acesso fácil faz com que a música possa, de modo mais direto, servir de campo de trocas e compartilhamentos se para isso ela for utilizada de uma forma mais “cultural” no plano curricular.

Porém, dentro da escola, podemos constatar que a música é pouco utilizada na sala de aula, os momentos em que ela mais aparece são nos chamados extraclasse, principalmente nos horários de intervalo, como podemos constatar no gráfico 8 dos alunos. Durante as entrevistas os alunos da Fundação disseram utilizar os celulares para escutar música; os da escola particular disseram que um rádio é disponibilizado para ser utilizado no recreio e que alguns alunos levam CD para colocar para tocar.

Os professores, como demonstra o gráfico 2 dos alunos, em sua maioria, segundo a opinião dos alunos, não utilizam com frequência músicas em suas aulas como ferramenta pedagógica, porém mais de 80% dos professores que fazem uso da música nas aulas afirmam que há uma boa receptividade dos alunos quando a música é utilizada, como podemos constatar no gráfico 6 dos professores.

Ao entrevistar esses professores que afirmaram utilizar músicas em suas aulas pude constatar que ela é empregada de forma direcionada, a partir de uma temática levantada pelo conteúdo programático das disciplinas que lecionam; ela aparece como uma ferramenta de ajuda na “compreensão do conteúdo”, para “gerar motivação” ou “acalmar” os alunos (coloco as aspas porque me refiro às expressões utilizadas nas entrevistas pelos próprios professores quando se referem à música). Abaixo faço o recorte de alguns trechos das entrevistas realizadas com os professores para exemplificar com mais clareza a utilização da música em sala.

“Eu acredito que a música pode ajudar na compreensão do conteúdo, quando eu utilizo a questão do ritmo visual é muito difícil pensar a ideia do ritmo em algo que está parado ali e silencioso. Então eu faço eles perceberem que o ritmo da música vem do silêncio e da pausa” (Artes-Plásticas, Fundação).

“Eu utilizo mais para ambientar a sala e dar um efeito tranquilizante e funciona; geralmente as músicas pra esse tipo de atividade são bem motivadoras. A combinação sonora deixa os alunos mais tranquilos” (IPC, Particular).

“Eu utilizo, nas aulas de laboratório quando a atividade requer uma concentração um pouco maior, para eles diminuïrem a conversa. E na sala de aula quando os alunos estão realizando alguma atividade manual, um cartaz, panfleto ou recorte a gente utiliza música de fundo” (Ciências, Particular).

“Eu adoro colocar música, principalmente música clássica pra acalmar as crianças. Então, por exemplo, quando eu estou em uma atividade plástica eu coloco música. Assim, é pra acalmar mesmo” (Artes-Plásticas, Particular).

“Quando eu trago o ‘Mestre Sala dos Mares’ eu falo um pouco do período de ditadura no Brasil, essa música foi censurada várias vezes, por trazer a palavra ‘Almirante Negro’ então eu tento contar uma história, contextualizar, e depois passar a música” (História, Fundação).

Podemos perceber que os professores parecem não valorizar a música em si como concepção estética, ela é utilizada como complemento para as abordagens dos conteúdos ou para gerar um “clima” durante uma proposta educativa qualquer.

Somente uma das professoras entrevistadas (História, Fundação) diz contextualizar a obra para depois introduzir a canção para os alunos, neste caso “Mestre Sala dos Mares”. Porém, a contextualização é histórica e parece não se remeter a uma exposição mais específica da obra musical, a sua composição, forma ou interpretação.

Não tivemos a menção, nas entrevistas, de nenhuma discussão, por exemplo, sobre o que a música utilizada representa para os alunos ou para os próprios professores. Ela está presente somente como suporte de outros conteúdos, ou como deflagradora de comportamentos dentro do contexto escolar. Se a estética musical agrada aos alunos, se a música faz parte do repertório pessoal do professor, estas questões parecem não ser abordadas em sala de aula. A música é utilizada como fundo sonoro ou como ilustração facilitadora do currículo. O professor não se coloca frente à obra apresentada

como um apreciador, para contextualizá-la, apreciá-la e fazer apreciar, enfim, objetivá-la para que seja apreciada de modo mais consciente.

A obra trazida para sala de aula é de escolha do professor, porém esta escolha é sempre embasada a partir de alguma função que a música possa desempenhar dentro da sala de aula. Isto cria uma espécie de obrigação que torna a presença da arte em geral, mas principalmente da música, desestimulada ou “inútil” se não for por uma razão pedagógica imediata. Sobre esse assunto, Santos se coloca assim:

A negação do espontâneo se dá porque se supõe que ele não tem lugar em nenhum currículo. O espontâneo é sufocado e disfarçado porque não é programado. Assim resta aos adultos, alunos e professores escamotear tudo que é espontâneo – suas impressões, suas emoções, seus pensamentos, suas ideias, seus questionamentos (SANTOS, 2012, p. 128).

Por conta dessa pressão pedagógica o professor não se coloca nem como apreciador nem como crítico da obra artística que apresenta e, por isso, não estimula os alunos para realizarem suas próprias colocações estéticas sobre ela; não demonstra ter uma atitude nem mesmo emocional pela obra, em suma: parece não haver “comunicação cultural” entre professores e alunos mediada pelas músicas. Os professores não se preocupam com a “compreensão ativamente responsiva dos alunos” à música apresentada a eles, é como se a música estivesse ali presente apenas para cumprir com sua função pedagógica junto a conteúdos já determinados e não para ser discutida e apreciada como obra de arte. É bom esclarecer, no entanto, que não estou querendo transformar todas as outras disciplinas em “aulas de música”. Não é esse o caso. Minha discussão vai na direção de que o uso “funcional” da música como suporte de outros conteúdos é plenamente cabível. Não me preocupo com o, digamos, “princípio ativo” de cada conteúdo em especial, dentro do qual a música desempenhe uma função determinada. Minha preocupação maior é com relação ao “efeito colateral” que, por um lado, a música exerce sobre seus ouvintes, querendo o professor ou não; e por outro, com a negligência com relação a esse “efeito colateral” que pode acabar contaminando de alguma

forma (com a indiferença) os modos de escuta dos alunos, pelos menos com as músicas não familiares que os professores acabam usando nas aulas.

Por conta disso tudo é possível afirmar que a relação do aluno com a música apresentada nas aulas somente acontece relacionada ao conteúdo curricular da disciplina em questão. Bakhtin enfatiza o que estou chamando de “atenção para os efeitos colaterais no uso da música”, quando a tomamos como um bem cultural significativo na vida dos alunos e professores (música como *enunciado*, para utilizar um termo do próprio autor):

A obra, como a réplica do diálogo, está disposta para a resposta do outro (dos outros), para sua ativa compreensão responsiva, que pode assumir diferentes formas: influência educativa sobre os leitores, sobre suas convicções, respostas críticas, influência sobre seguidores e continuadores; ela determina as posições responsivas dos outros nas complexas condições de comunicação discursiva de um dado campo da cultura (BAKHTIN, 2003, p. 279).

Bakhtin considera atreladas e inseparáveis a disposição para a resposta e o ato de apropriação dos enunciados, que no nosso caso são os enunciados musicais. Somente quando o enunciado faz algum sentido ele desencadeia a vontade de responder, o estado responsivo que, por sua vez, nem mesmo precisa se concretizar no mesmo instante da pronúncia do enunciado. Ao contrário do diálogo face a face, a ideia de posição responsiva não exige a resposta imediata, nem mesmo na mesma linguagem do enunciado compreendido. No caso da música isto fica mais claro de entender quando pensamos num ouvinte que não toca e não canta, ou seja, um ouvinte que não é falante. Contudo, mesmo sem ser falante, o ouvinte leigo pode, do mesmo modo que um musicista (ou um falante musical), responder a um enunciado musical dançando, gesticulando, se emocionando, falando, escrevendo, desenhando, com uma poesia etc. E essa resposta poderá vir mesmo muito tempo depois da música ouvida. Esta é uma das características da dimensão discursiva elaborada por Bakhtin transposta para o campo musical.

O gráfico 5 foi gerado à partir da pergunta: Quando o professor utiliza música em sala de aula você se interessa em buscar informações em sua casa sobre a música, estilo, banda, cantor ou cantora apresentados em sala?

Analisando as respostas obtidas presentes no gráfico podemos constatar que não há uma diferença muito grande na iniciativa da busca dos alunos por maiores informações sobre as obras apresentadas em sala nas duas escolas. Porém, na Fundação, os alunos, em sua maioria, afirmam não buscar ouvir as músicas apresentadas em sala pelos professores em suas casas, somente se ela possuir uma função pedagógica objetiva: ou para decorar fórmulas, se estiver relacionada com a matemática, ou para ampliar o repertório de língua estrangeira etc. Abaixo, alguns trechos de entrevistas feitas com alunas e alunos.

“Escutei a de espanhol, me ajudou bastante com a matéria, eu baixei e ouvi ela em casa, fiz até a tradução da música, vi o que eu conseguia, e me ajudou bastante na matéria” (Beatriz, particular).

“Ajuda, o professor de matemática já fez isso com fórmula, e então eu nunca mais esqueci” (Vivian, particular).

“Não, [o aluno afirma não buscar em casa as músicas apresentadas pelos professores] mas eu sei que tem haver com a matéria e vai me ajudar em alguma coisa” (Jeferson, Fundação).

Os alunos com quem realizei as entrevistas não demonstram interesses pessoais pelas obras apresentadas pelos professores, relacionaram as obras apenas aos conteúdos escolares. A música é utilizada e vista como um “utensílio momentâneo”. Após ser utilizada para um momento específico da aula, ela não volta a ser revisitada pelo aluno em outros momentos.

As músicas apresentadas pelos professores não fazem parte do repertório musical dos alunos e o aluno não demonstra nenhuma “necessidade cultural” (expressão utilizada por Bourdieu) de torná-las parte de seu repertório pessoal. O gráfico número 6 nos garante que eles desconhecem as músicas apresentadas em sala e, de acordo com eles (ou melhor, pelos seus silêncios a este respeito) é possível inferir que os professores não realizam nenhuma intervenção para que o aluno

compreenda ou crie um interesse pela obra além da sua função imediata apresentada no momento da escuta realizado em sala. Não parece existir nenhum esforço para, assim, ampliar aos poucos o repertório pessoal dos alunos. Muito menos adentrar aos meandros mais específicos das linguagens musicais, que no caso deste trabalho estou considerando como sendo a dimensão estética da música.

Perceber a obra de arte de maneira estética, ou seja, enquanto significante que nada significa além dele próprio, consiste em evitar considerá-la, como se diz às vezes, “desligada de tudo, do ponto de vista emocional ou intelectual, ou salvo dela mesma” (BOURDIEU, 2003, p. 73).

O uso do termo “estética” se fez necessário para que eu pudesse com ele contornar os conhecimentos técnicos teóricos musicais, que são aqueles que inicialmente são levados em conta quando se pensa em ampliar os conhecimentos musicais das pessoas leigas em música. No senso comum, mas mesmo entre os musicistas, conhecimento musical é correntemente ligado à leitura de partituras e aos conhecimentos técnicos e teóricos musicais, além de saber tocar um instrumento. Contudo, no que diz respeito à dimensão discursiva da música, ou seja, da sua dimensão significativa, há muito conhecimento a ser explorado mesmo entre os não-músicos. Falarei disso mais adiante.

Quando pergunto para os professores se acreditam que os alunos mostram interesse ao escutar as músicas apresentadas por eles em sala de aula, a resposta é sempre negativa. Os professores dizem que os gostos musicais dos alunos “não se encaixam” com os critérios da escola, reforçam que as músicas propostas em aula não fazem parte da realidade dos alunos e estes se surpreendem (negativamente) com o repertório apresentado. Abaixo, mais alguns trechos das respostas a essa questão, dadas pelos professores.

“Não acredito. Porque hoje, infelizmente o gosto musical deles não entra nos critérios que agente tem aqui pra trabalhar com música, então pra eles ouvir um *Funk* que não fala coisa legal, tá na moda e eles ouvem o que está na moda” (Educação Física, Particular).

“Não, porque não tem uma referência cultural para eles, muitas das coisas que agente passa que têm conteúdo, eles acham chato, algo que não faz parte da realidade deles e eles não conseguem se enxergar naquilo” (IPC, Particular).

“Nem sempre, eu acho, porque eu percebo que eles ficam muito surpresos com o que eu trago. Outro dia eu trouxe a banda “Cordel do Fogo Encantado”, que é bem teatral, e eles ficaram bem impressionados, riam bastante. Até um dia eu fui fazer um relaxamento, eu tive que parar por que eles não conseguiam parar de rir, é muito diferente pra eles” (Hora de Estudo, Fundação).

“Eu acredito que alguns sim, aqueles que se encantam pela poesia apresentada, mas é uma minoria. Não acho que eu consigo impactá-los a ponto de...” (História, Fundação)

Há uma divisão entre os professores das duas escolas quando são questionados sobre o repertório que levam para a sala de aula. Como podemos constatar no gráfico 5 dos professores, 50% deles dizem utilizar músicas do repertório pessoal na sala de aula e 50% afirmam que não utilizam. Uma das professoras, em sua entrevista, diz não escutar fora da aula as músicas que traz para escola e que possui um *pendrive* só para as músicas que utiliza no trabalho.

Quando os professores são questionados sobre qual repertório consideram o mais adequado para ser utilizado no ambiente escolar o discurso confirma a escolha das músicas utilizadas dentro da sala de aula. Nas duas escolas eles dizem acreditar que a música tem que ser de “boa qualidade”, tem que “estar contextualizada”, que devem trazer para os alunos sonoridades “que eles não estão acostumados a ouvir”, “instigar reflexões”, não pode ser “comercial”, o conteúdo das letras deve ser levado em consideração. As escolhas tendem para músicas regionais, nos momentos de festa; músicas que produzam “sentimentos”, para o relaxamento e controle da “bagunça”; e a música clássica é citada como ideal por mais de dois professores.

“Eu não tenho preconceito de utilizar um *Funk* na aula se ele estiver contextualizado ou se eu puder através desta música buscar uma ponte até os alunos” (Artes Plásticas, Fundação).

“Uma música que possua conteúdo na letra, mesmo que seja uma música extremamente poética que seja difícil compreender o que o compositor quis passar. Porque aí o ritmo e o estilo acrescentam” (História, Fundação).

“Eu acho que seja uma música que tenha letra, possa abrir um debate na aula pra que ela sirva, qual o fundamento da letra, e acho que a música clássica também, porque de uma certa forma é um ambiente que agente pode introduzir músicas novas e boas e hoje em dia é meio difícil. Você pode contar nos dedos quem gasta um tempo pra ouvir este tipo de música, elas são longas, têm uma batida diferente, tem que ter uma certa paciência, coisa que eles não têm né, mas agente tenta” (Ciências, Particular).

As músicas sugeridas, pelos professores, como adequadas para serem utilizadas pela escola, estão desvinculadas do repertório das músicas escutadas pelos alunos, isto acontece nas duas escolas. Porém, não somente desvinculadas da escuta dos alunos, mas também dos professores. Quando pergunto qual foi a última música que estes professores escutaram, aí aparece uma contradição. A professora que considera a música clássica importante afirma que a última música que escolheu para escutar é de uma cantora do cenário *POP* americano; a outra professora que acredita que os alunos necessitam ser críticos e buscar músicas fora do eixo comercial diz escutar em sua casa, e não tirar do carro, o CD do cantor “Thiaguinho”<sup>8</sup>. Como um último exemplo, uma das professoras que diz que a música na escola deve ajudar a tranquilizar foi ao show de retorno dos “Backstreet Boys”<sup>9</sup>. Outros professores escutam estações de rádio no carro, citam Nova Brasil FM, Antena 1 e Jovem Pan, rádios que tocam em sua programação músicas de estilos variados.

Não é objetivo deste trabalho realizar um estudo do gosto musical dos professores ou dos alunos, mas essas informações são importantes para sondar se as músicas utilizadas nas escolas são escutadas pelos professores ou por seus alunos fora do ambiente escolar. Isto diz respeito diretamente aos vínculos musicais que cada um deles desenvolve em sua trajetória sociocultural; e mais do que isso, diz respeito ao uso social desses vínculos.

<sup>8</sup> Thiaguinho (1983), cantor e compositor de pagode do cenário *pop* brasileiro.

<sup>9</sup> Backstreet Boys, *boyband* (grupo pop formado por cantores masculinos) norte-americana da década de noventa.

Os professores que utilizam as músicas como parte do conteúdo, dizem, em sua maioria, que os alunos não se interessam em escutar as músicas apresentadas por eles fora da aula por estarem muito longe do repertório pessoal deles. No entanto as músicas apresentadas pelos professores, em sala de aula, não fazem parte do repertório cotidiano de escuta dos próprios professores. Por outro lado, esses mesmos professores também não se interessam em escutar as músicas do repertório dos alunos. Parece que ao ocupar uma certa posição social em decorrência da condição de “professor”, estes se desobrigam do esforço de se aproximar do repertório dos alunos, restringindo-se ao repertório legitimado, direta ou indiretamente, pela escola.

A escola, em contrapartida, na sua estrutura pedagógica, não parece levar em consideração nem o capital cultural dos alunos nem dos professores. Acredito que a escola pode ser um local importante de interação de culturas, mas é preciso reorganizar o que de fato faz sentido para estes professores e alunos, o que eles compreendem como cultura, para que possam entrar em diálogo com a obra artística que apresentam uns para os outros com mais veracidade, e para que, em particular os professores, levem em consideração a familiaridade do aluno com certos tipos de música (e não com outros) ou as várias maneiras de criar vínculo que o aluno coloca em funcionamento com a obra escolhida.

Além disso, mesmo que, parcialmente, a instituição escolar chegasse a tomar o lugar das instâncias tradicionais de transmissão ao trabalhar diretamente para proporcionar a familiaridade com as obras, pressuposta por qualquer tipo de educação artística, o produto de sua ação correria sempre o risco de aparecer como o substituto desvalorizado da disposição conveniente, enquanto a representação predominante da disposição culta continuar a se impor como única legítima, e enquanto a ação escolar coexistir com os modos de transmissão que estão em harmonia com essa representação ideológica por lhe servirem de fundamento e a justificarem (BOURDIEU, 2003, p. 107).

Nesta citação, Bourdieu expõe um papel que a escola poderia desempenhar na redistribuição do capital cultural, mal distribuído pelas condições de diferenças de classes sociais, com relação às artes (ou à arte

culta)<sup>10</sup>. Contudo este papel não é bem desempenhado pela instituição escolar, segundo o autor, o que podemos ver, numa dimensão particular, nas escolas pesquisadas com relação à música.

## 2.2 O Funk, a grande distinção cultural

O grande abismo de escuta entre alunos e professores, visualizados nesta pesquisa, tem seu ponto extremo no *Funk*. O *Funk* é o estilo musical mais ouvido pelos alunos da Fundação, como podemos constatar nos gráficos que foram realizados a partir de uma pergunta aberta que se referia as escolhas de cantor, cantoras e bandas que os alunos mais gostam de ouvir. Os *Mc's* ou cantoras de *Funk* aparecem no topo da lista dos gráficos da Fundação de todos os anos, tais como Mc Daleste, Mc Guime, Valesca etc. No colégio particular algumas cantoras de *Funk* e *Mc's* também aparecem, mas os nomes destes *Mc's* são aqueles mais frequentemente citados na grande mídia, frequentam programas de televisão e até mesmo possuem música em abertura de novelas.

Por sua vez, vários dos *Mc's* citados pelos alunos da Fundação são desconhecidos da grande mídia: os alunos dizem baixar suas músicas da *internet* ou pegar com os amigos através de *bluetooth* realizado com os celulares. Alguns irmãos e alunos da escola são *Mc's* conhecidos nas comunidades, e os alunos possuem suas músicas arquivadas nos celulares.

Gostaria de registrar neste momento um fato ocorrido na Fundação que faz parte das minhas observações e que considero relevante para esta pesquisa.

Todos os alunos da Fundação, como mostra a pesquisa, ouvem muito o estilo musical *Funk*, sendo o sexto e o sétimo ano as turmas que mostraram ouvir mais o estilo no ambiente escolar. Podemos perceber isto também através do palavreado que utilizam. São expressões coincidentes, ou muito próximas, das expressões presentes nas músicas, que eles escutam nos momentos de descanso quando estão com os celulares, e esta escuta é refletida dentro da sala de aula. Em certo momento, numa sala de aula, uma das alunas do sexto ano se zangou com uma colega e, ao xingá-la,

---

<sup>10</sup> Assunto já mencionado na p.14 deste trabalho.

usou o termo “arrombada” para agredi-la, um termo muito utilizado nas letras de *Funk*<sup>11</sup>. O professor que estava na sala pediu para a aluna sair e a encaminhou para a coordenação alegando “agressão verbal”. Após este fato iniciou-se na escola uma discussão entre os professores, coordenação e direção sobre os termos inapropriados utilizados frequentemente pelos alunos no sexto e sétimo ano, e chegou-se a conclusão que este repertório de palavras surgia devido à escuta do *Funk*.

Não descrevo o fato aqui para fazer um julgamento da atitude da aluna, mas para reconhecer que os professores vincularam imediatamente a utilização daquela palavra “inadequada” a um estilo musical específico e desvalorizado, o *Funk*. Estilo este trazido para o ambiente escolar pelos próprios alunos.

Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras (BAKHTIN, 2003, p. 283).

Esta citação fornece uma forte indicação dos processos de identificação que utilizamos em relação aos gêneros de discurso verbal, associando-os à certas “fontes” sociais de origem, valorizadas ou desvalorizadas. Penso que com a música, outro sistema simbólico que nos faz mediação, é permeada pelo mesmo processo. Neste caso, contudo, me referindo ainda à citação de Bakhtin, o reconhecimento não veio pelas primeiras palavras: bastou uma só palavra para que se atribuísse um significado negativo a todo um gênero de enunciados musicais, origem da palavra utilizada pela aluna. A coordenação da escola veio até mim, pedindo ajuda para lidar com essa situação “desastrosa” do *Funk* estar influenciando negativamente os alunos. Eu, então, abri uma discussão sobre este assunto com os alunos (no próximo capítulo entrarei em detalhes).

Após uma semana do acontecimento descobri que os alunos do sexto e sétimo ano tinham sido proibidos de escutar *Funk* na escola.

O único estilo musical que os professores e os alunos não compartilham aparentemente é o *Funk*, uma expressão exclusiva da

---

<sup>11</sup> O Funk, “O gangão seu arrombado” da Mc Sabrina é um exemplo da utilização do termo: <https://www.youtube.com/watch?v=8oxHXiabw-o>

comunidade dos alunos naquela escola (Fundação), pois vários compositores<sup>12</sup> estão presentes também na comunidade, no círculo social destes alunos e são, por isso, muito próximos. O que a escola pôde proporcionar neste momento foi nada além de tentar retirar o *Funk* de circulação e não falar mais no assunto. Daquele dia em diante, se alguém fosse pego ouvindo *Funk* nos limites da escola seria encaminhado para a coordenação (o que está valendo até agora).

A escola demonstra com essa atitude não estar preparada para lidar com as diferenças e conflitos culturais inerentes ao trabalho educativo numa situação de diversidade cultural, prefere evitar a discussão, pois não se mostrou pronta para mediar um conflito mais sério, na ordem da significação. O *Funk* foi proibido e pronto, não houve nem sequer uma problematização das diferenças culturais, no sentido dos eixos conflitantes de sentido e valor sustentados por estratos sociais, e principalmente culturais, diferentes: professores e alunos. A escola mostrou não está aberta para lidar com os processos de identidade criados por seus alunos. Daí as enormes contradições frutos da vivência dos alunos dentro dos limites da escola que, embora não os aceite ou assimile totalmente, torna-se parte potente de seu processo de formação.

Todas as instâncias sociais em que um sujeito permanece e vive têm seu currículo e participam da produção desses processos de identidade. A escola é uma dessas instâncias sociais, lugar de processos de identidade e de singularização (SANTOS, 2012, p. 241).

Voltaremos a este episódio no capítulo 3.

### 2.3 Gosto musical, professores e alunos

Como resultado da análise dos dados dos gráficos que explicitam o gosto musical dos alunos e dos professores, podemos perceber que há muito

---

<sup>12</sup> Mc Robinho JD, compositor do *Funk* “Jundiaí é o Fluxo” que menciona os nomes dos bairros periféricos de Jundiaí : <https://www.youtube.com/watch?v=gXTiNnVNJWc>

em comum entre os gostos musicais dos alunos das duas instituições estudadas, mas também entre os dos alunos e os professores.

Os alunos das duas instituições afirmam gostar de bandas de Rock, cantores e cantoras *POP* atuais, a maioria de origem estadunidense, duplas sertanejas, bandas de pagode. Já os *Mc's* e *Rappers* aparecem em grande quantidade. O grande diferencial é que na Fundação os *Mc's* aparecem com mais frequência e com nomes mais diversificados.

Entre duas instituições há também outras convergências, quando olhamos para as duas tabelas que foram criadas a partir do gosto musical: o *Rock* Nacional e Internacional são ressaltados, a sigla MPB é utilizada por professores das duas instituições.

Tanto professores quanto alunos demonstram gostar de *Rock* Nacional e Internacional, de músicas do *POP-Rock* “tocadas no momento” (para usar um termo utilizado por um professor), bandas de pagode, cantores sertanejos, cantores e cantoras da MPB. Todos os professores, sem exceção, possuem no mínimo um estilo musical que pode ser identificado pelos nomes de cantores, cantoras e bandas escolhidos, e que se encontra presente na lista dos alunos de todas as classes estudadas.

Acredito que, dentro dos limites da escola, estamos com falta de mais momentos nos quais a troca entre professor-professor, professor-aluno, aluno-aluno, seja necessária para que até uma identidade particular de cada escola apareça, e se elabore uma nova concepção para a cultura musical dentro da escola. A partir da troca dos bens culturais musicais, que de certo modo já pertencem àquele espaço e às pessoas que frequentam aquele ambiente, seria possível uma reconstrução das atividades pedagógico musicais sob um ponto de vista mais responsável e dialógico, a partir das quais alunos e professores pudessem dar vazão de forma mais tranquila aos seus gostos musicais e, como consequência, enriquecerem seus conhecimentos e experiências no universo musical como um todo.

### **Capítulo 3 – Três ações educativas: a música como bem cultural**

Esta pesquisa colaborou muito com a minha prática educativa dentro das escolas nas quais trabalho, principalmente na Fundação, pois nesta instituição especificamente ministrei aulas no ensino fundamental II.

Vou explicitar três atividades desenvolvidas nas minhas aulas, procedimentos que não levam diretamente ao fazer musical, como talvez fosse o esperado numa concepção mais tradicional de “aulas de música”, mas que foram realizadas por mim juntamente com os alunos nas aulas de música. Atividades estas que somente apareceram como possibilidades na minha prática como educadora musical após observar e reconhecer o espaço escolar como um ambiente com um vasto potencial para as trocas de bens culturais. A partir dessa concepção, comecei a me questionar como poderia incentivar essas trocas culturais na minha aula, e por consequência também dentro da escola.

A primeira atividade que surgiu como resposta a essa indagação foi a sugestão de um desdobramento da minha pesquisa, a ser realizada pelos alunos na escola; algo como uma pesquisa dentro da pesquisa. Contei aos alunos como estava desenvolvendo as minhas investigações de mestrado e, percebendo o interesse despertado neles pelo assunto, perguntei se eles gostariam de realizar algo parecido. Todos os alunos concordaram e então começamos a pensar juntos como isto seria possível. Falarei detalhadamente sobre isso mais à frente.

A segunda atividade que gostaria de compartilhar diz respeito às atividades de escuta musical e análise comparativa, realizadas juntamente com os alunos, que implica em escutarmos canções de dois períodos históricos diferentes quaisquer e tentarmos criar conexões de sentido entre elas. Esta atividade também será descrita mais minuciosamente em seguida.

E a terceira e última atividade foi uma discussão sobre o *Funk* realizada na escola depois de sua proibição, questão essa que foi levantada espontaneamente pelos próprios alunos durante a minha aula.

### 3.1 A pesquisa dentro da pesquisa

Em uma das minhas aulas com o oitavo ano, após fazer a escuta de uma música<sup>13</sup> proposta por mim do grupo “The Prodigy”, contei a eles que era uma música que fazia parte do meu repertório pessoal, eles me olharam surpresos e alguns afirmaram que não parecia que eu gostava daquele tipo de “som”. Perguntei então a eles se tinham gostado, e a maioria me respondeu que sim.

Em seguida perguntei aos alunos se eles sabiam o que os outros professores gostavam de ouvir em suas casas, e a resposta geral foi de que não sabiam. Pela curiosidade despertada no direcionamento que dei à conversa, alguns alunos tentaram associar por brincadeira alguns nomes de cantores e bandas com alguns professores. Como àquela altura eu já tinha realizado os questionários com os professores, referentes à minha pesquisa, e tinha já recolhido algumas informações sobre o gosto dos professores, percebi que os nomes dos artistas levantados “intuitivamente” pelos alunos não condiziam com os nomes revelados pelos próprios professores que apareceram nas respostas dos questionários e nas entrevistas pessoais.

Terminei a aula contando que estava realizando uma pesquisa sobre esse mesmo assunto. Disse que estava fazendo um levantamento dos gostos musicais dos professores e dos alunos e que, a partir desta pesquisa, eu mesma havia ampliado muito meu próprio repertório musical: porque passei a conhecer cantores, cantoras, bandas e *Mc's* que eu nunca tinha nem se quer ouvido falar que faziam parte das preferências de várias pessoas, dentre professores e alunos da escola.

Perguntei para os alunos se gostariam de realizar uma pesquisa na escola com esse mesmo enfoque, ou seja, para que eles mesmos pudessem conhecer o gosto musical dos seus professores, o que eles gostavam ou não de ouvir. Propus um segundo passo: que depois escutaríamos as músicas mencionadas pelos professores pesquisados nas nossas aulas de música, e a partir de então poderíamos saber melhor o que eles escutam. Minha ideia era saber se os alunos poderiam ou não conhecer o repertório musical de seus professores.

---

<sup>13</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=SP6cmVZbJJU>

Os alunos gostaram da ideia. Sugeriram que criássemos um jeito para que todos os professores sem exceção revelassem seus gostos musicais. Então um dos alunos teve a ideia de fixar um cartaz na parede da sala de aula, que é única para todos os professores que eles iriam avaliar, pois assim quando o próximo professor entrasse na sala, os alunos poderiam pedir a ele que anotasse no cartaz suas preferências. Esse procedimento pouparia o trabalho de organizar questionários ou mesmo entrevistas além de garantir que os alunos não esquecessem da investigação.

A aula de discussão dessa nova proposta com o oitavo ano terminou, em seguida entraram os alunos do sétimo ano na minha sala (ao contrário das outras disciplinas, existe na escola uma sala específica para as aulas de música). Aproveitando a oportunidade, contei para eles o que tinha ocorrido na aula imediatamente anterior do oitavo ano e perguntei se eles também não gostariam de participar da pesquisa, ao que todos os alunos disseram que sim. Contei que o oitavo ano havia pensado em cartazes e eles me disseram que achavam a ideia boa, mas foram ainda mais longe na proposta. Sugeriram que quando o professor fosse escrever no cartaz o que ele gostava ou não de ouvir, os alunos gostariam que o professor desse uma breve explicação dos motivos das escolhas daquele determinado cantor, cantora ou banda.

Após discussões mais detalhadas com as duas turmas nas aulas subsequentes, enfim uma metodologia de investigação foi organizada. Eles utilizariam um cartaz no qual inseririam uma coluna com o nome das disciplinas e, na frente das disciplinas, um espaço para que os professores escrevessem o que gostavam ou não gostavam de ouvir. A partir desse registro, os próprios alunos em sala iriam realizar uma breve entrevista oral para fazer um levantamento dos motivos pessoais das escolhas realizadas pelo professor.

É bom enfatizar que somente o oitavo e o sétimo ano sob minha responsabilidade realizaram essa pesquisa, pois o sexto e o nono anos, também meus alunos, estavam envolvidos em outras atividades musicais junto às quais não caberia esta pesquisa naquele momento.

Providenciei então os cartazes para as aulas seguintes, mostrei-os aos alunos e os colamos na parede de cada classe. A partir daquele momento

cada professor que entrasse na sala para dar aulas seria informado pelos alunos do que se tratava o cartaz, convidado para completar o cartaz na linha de suas respectivas disciplinas e, depois disso, interrogados sobre suas escolhas.

Com os cartazes em sala os alunos iniciaram a pesquisa. Não foi tão fácil quanto os alunos acreditavam que seria. Eles me relataram que alguns professores contornavam a proposta dizendo que “depois” realizariam a escrita; outros se recusavam a escrever ou, quando escreviam, não especificavam os nomes do cantor, cantora ou banda, colocavam no cartaz o nome do estilo que mais gostava e somente com a insistência dos alunos é que especificavam os artistas ou bandas.

Quando os alunos perguntavam os motivos das escolhas daqueles nomes de artistas para colocar no cartaz, alguns dos professores explicavam, exemplificavam, outros se enrolavam com as respostas e alguns não queriam nem comentar sobre o assunto. É bom deixar claro que, devido à metodologia estipulada, alunos das duas salas possuíam o mesmo discurso quando abordavam os professores com relação à pesquisa. Pensamos isto para podermos depois equiparar os dados dos dois cartazes. As duas salas possuem os mesmos professores, que em muitos casos, anotaram os mesmos nomes de artistas ou bandas nos dois cartazes.

Abaixo a foto dos cartazes que foram utilizados na pesquisa.

Cartaz Sétimo Ano

	Qual cantor, cantora ou banda você mais gosta de ouvir?	Qual cantor, cantora ou banda você não gosta de ouvir?
FILOSOFIA	Illegals / Nietzsche / Sigmund Freud / Kant / Sartre / Plato	Im's / me / todos
Português	Legião Urbana / U2 / Evanescence	Mc's / Mc Catra
Matemática	U2	mc MAGRINHO
História	Beatles	O.O. banda de Pagode
Geografia	CREDENCE, DEL AMITRI, H. KAGEYAMA	BIAFRA / RESTART, DOMINO, BLECAR JOSE
Ciências	ETTA JAMES	MC CATRA
Educação Física	MPB / CARLOS VILASO, VANESSA D'AMALÁ / MÚSICA POPULAR BRASILEIRA	ROCK / (Pesado) / UNK
Artes-Plásticas	LOS HERMANOS	ANITA
Informática	COLDPLAY	RESTART
Inglês	CARO EMERALD	GUSTTAVO LIMA
Orientação de Estudo	Condição de Jorge Curantillo / Justo Melgosa	Quinta da Serra

## Cartaz Oitavo Ano

	Qual cantor, cantora ou banda você mais gosta de ouvir?	Qual cantor, cantora ou banda você não gosta de ouvir?
Português	BANDA Legião Urbana (12) Skank (5)	CANTOR (A) Gustavo Gê (12) Banda Jão (16) MC do Leste (16)
Matemática	U2 (11)	MC MAGRINHO (21)
História	Beatles (14)	Qualquer Pagode. Tiaguinho (25)
Geografia	CREDENCE (11) DELAMITRI; H. KAGEYAMA	POLENA, DOMINGO, RESTART, JOSÉ AUGUSTO (26)
Ciências	ETTA JAMES (10)	MC CATRA (26)
Educação Física		
Artes-Plásticas	LOS HERMANOS (11) CHICO Buarque (16)	ANITTA (26)
Informática	COLDPLAY (10)	RESTART (26)
Inglês	CLÁUDIO FALCÃO (11)	GUSTTAVO LIMA (26)
Orientação de Estudo		

Depois que todos os professores preencheram os cartazes, levando em consideração que alguns professores realizaram a escrita após insistência dos alunos e um professor não respondeu as questões em um dos cartazes, estes foram levados para a sala de música: fizemos algumas observações para depois iniciarmos a escuta.

Começamos então a elaborar um levantamento de quais artistas e bandas os alunos conheciam e quais não conheciam da lista que tínhamos em mãos. Constatamos então que, curiosamente, os alunos conheciam todos cantores, cantoras e bandas que os professores colocaram na coluna do “não gostam de ouvir”.

Eu então os questionei se eles saberiam o porquê disto acontecer. Eles prontamente responderam que o motivo pelo qual eles conheciam todos aqueles nomes é que todos apareciam na televisão e tocavam no rádio. Esta era, na opinião inicial dos alunos, a razão do desprezo dos professores por aqueles artistas. Subtil tem uma constatação interessante que pode nos ajudar nessa reflexão:

Para compreender como as crianças expressam e significam as práticas musicais midiáticas e a relação entre mídia e

escola, nesse processo, é importante entender o trânsito entre os diversos tipos de culturas abordados, em especial pela mídia. Assim, se as formas culturais atravessam as classes sociais com uma intensidade e frequência maiores do que se imagina, cabe à escola a formação para uma apropriação enriquecedora desses objetos, no caso particular, a música (SUBTIL, 2006, p. 36).

Talvez não seja exagerado afirmar que os alunos partiram de um pressuposto hierárquico, colocando em desvantagem aqueles artistas mais presentes nas mídias, ou pelo menos naqueles canais midiáticos com os quais eles têm mais contato, e associando a isso a desvalorização desses mesmos artistas por parte dos professores. Num mesmo movimento, eles também colocam os professores numa posição cultural acima daquela que eles consideram ser a das próprias mídias. Contudo, veremos que isso não ocorre exatamente assim.

Perguntei então para os alunos se eles realmente gostavam de ouvir *todo* o repertório que diziam conhecer a partir das grandes mídias, os mesmos que foram repelidos pelos professores, e eles me responderam prontamente que não. Pergunto então porque eles conheciam esses artistas e bandas se não gostavam de ouvi-los. Eles me respondem com certa ironia dizendo que é impossível não conhecer o que toca no rádio, nos comerciais e nas novelas

Fizemos oralmente um levantamento de todos os nomes que apareceram nos cartazes e os alunos levantavam as mãos para indicar os nomes que eles conheciam. Fazíamos uma contagem e anotávamos em um papel como informações a serem discutidas depois.

Após esta análise inicial do cartaz, passamos a ouvir algumas músicas interpretadas pelos artistas listados pelos professores na coluna do “gosto”.

Em sala de aula, com a ajuda de um *ipad*<sup>14</sup> com internet, fazíamos a escolha de uma obra no *youtube*<sup>15</sup> e com a ajuda do *google*<sup>16</sup> buscávamos informações sobre os artistas. Primeiro buscávamos uma biografia resumida do artista, depois pesquisávamos em uma mapa mundi, que fica na sala, o

<sup>14</sup> *Ipad*, dispositivo em formato de Tablet.

<sup>15</sup> *Youtube*, site que permite que seus usuários carreguem e compartilhem audiovisuais em formato digital.

<sup>16</sup> *Google*, site de busca e pesquisa online.

local de origem dos artistas. O próximo passo era uma discussão sobre as influências musicais que estes diziam possuir. Após este levantamento, fazíamos a escuta da música.

Os alunos ficaram muito curiosos para ouvir o “som” e relacionar com o professor que o escolheu.

Ao finalizar a escuta da música escolhida conversávamos sobre os instrumentos utilizados; se fosse canção, líamos a letra e, no final, fazíamos um novo levantamento oral para saber quem tinha apreciado a obra.

Constatei que, desse modo, com essas atividades, um novo repertório era apresentado para aqueles alunos. Muitos deles gostavam de algumas obras e anotavam os nomes dos artistas para buscar mais músicas destes em casa. Descobríamos curiosidades juntos. Por exemplo: a cantora “Etta James”<sup>17</sup>, um dos poucos nomes desconhecidos para os alunos entre os artistas escolhidos pelos professores, gerou um grande dilema. Perguntavam se era mulher ou homem, que tipo de música cantava, e afirmavam que nunca haviam escutado. Quando escutamos algumas músicas da cantora, os alunos começaram a rir porque acharam engraçado que o professor de biologia, de 23 anos, gostasse daquele estilo de música (talvez anacrônico para um professor tão jovem). Mas não gostaram da música em um primeiro momento. Acabamos descobrindo juntos que cantoras como Beyoncé<sup>18</sup> e Christina Aguilera<sup>19</sup>, estas sim mais conhecidas dos alunos, eram fãs de Etta James e se diziam influenciadas por ela. Até mesmo o *rapper* norte-americano Flo Rida<sup>20</sup> utilizou uma gravação da voz de Etta James em sua música<sup>21</sup> de maior sucesso no momento na mídia. Isto vem reforçar a posição importante que Setton atribui às mídias nos processos de socialização:

Primeiramente as mídias devem ser vistas como agentes da socialização, isto é, possuem um papel educativo no mundo contemporâneo junto com a família, a religião e a escola (entre outras instituições), elas funcionam como instâncias

<sup>17</sup> Etta James (1938-2012), cantora norte-americana de *blues*, *R&B*, *jazz* e *música gospel*.

<sup>18</sup> Beyoncé (1981-), cantora, compositora, atriz, dançarina, coreógrafa, arranjadora vocal, produtora, diretora de vídeo e empresária norte-americana.

<sup>19</sup> Christina Aguilera (1980-), cantora, atriz, compositora, produtora musical americana.

<sup>20</sup> Flo Rida (1979-) rapper e cantor de hip hop e música pop norte-americano.

<sup>21</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=3OnnDqH6Wj8>

transmissoras de valores, padrões e normas de comportamentos e também servem como referências identitárias (SETTON, 2011, p. 8).

Contudo, as contribuições ou prejuízos que essa posição das mídias pode assumir depende muito dos modos sociais como elas são utilizadas.

Os alunos pediram pra ouvir a gravação de Flo Rida e reconheceram prontamente qual era a música a qual nos referíamos. Depois ouviram a gravação de 1963 da Etta James<sup>22</sup> cantando a mesma canção, utilizada por Flo Rida. Eles ficaram surpresos e me disseram que a voz das cantoras POP de hoje em dia são muito parecidas com a voz de Etta James. Ficaram impressionados e demonstraram certa admiração pela cantora que, no início, em uma primeira escuta, causou risos no momento da apreciação.

Em muitos outros casos as duas classes não reconheciam os nomes prediletos escolhidos pelos professores, nunca tinham ouvido falar de alguns artistas. Porém, quando começávamos a ouvir suas músicas, muitos as reconheciam e afirmavam já terem escutado.

Foram dez aulas de 50 minutos (o equivalente a um mês e uma semana de aulas) até conseguirmos escutar todas as músicas (pelo menos uma de cada artista elencado no cartaz, das duas colunas: “gosto” e “não gosto”) e discutirmos sobre elas. Os professores me contaram que, durante esse período da atividade, os alunos conversavam com eles sobre as escutas, alguns “tiravam sarro” das opções dos professores, outros revelaram que compartilhavam o mesmo gosto musical.

Acredito que este trabalho tenha funcionado como uma tentativa, ainda que frágil, de aproximar os “bens culturais” dos professores e dos alunos: colocá-los em diálogo, talvez uma primeira troca musical entre professores e alunos dentro da escola. Os alunos certamente ampliaram seus respectivos repertórios musicais ao conhecerem com mais detalhamento as escolhas de seus vários professores, e estes últimos perceberam que é possível se aproximar um pouco mais de seus alunos a partir do ato de compartilhar seus próprios repertórios, seus gostos pessoais.

---

<sup>22</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=\\_4RZSt4A3jU](https://www.youtube.com/watch?v=_4RZSt4A3jU)

Os alunos conheceram novos nomes de artistas do cenário musical nacional e mundial, ouviram músicas de épocas diversas, participaram de discussões sobre gosto musical, reconheceram os nomes que são referenciados pela mídia, apreenderam novos estilos e puderam entrar em contato com as preferências musicais dos professores.

Esta atividade foi criada a partir de técnicas simples de diálogo entre saberes. Esta me pareceu uma atividade adequada e importante para que a escola empreendesse numa tentativa não apenas de estabelecer uma interação mais intensa entre professores e alunos, mas também de ampliar a “necessidade cultural” dos alunos, esta que, segundo Bourdieu, é produto da educação. Em seu trabalho sobre a frequência aos museus, Bourdieu denuncia o equívoco da ideia de que apenas o acesso aos produtos da alta cultura já seria suficiente para uma melhor distribuição da cultura entre as pessoas. E para fazer isso, ele menciona a escola como um local importante da criação das necessidades culturais. Ainda que ele não aprofunde o assunto “escola” nesse texto, o que vai fazer em outros trabalhos, o fato dele atribuir um papel significativo da escola na criação da necessidade de cultura e nos meios para satisfazê-la explicita a possibilidade dela exercer com mais efetividade essa função<sup>23</sup>:

O que é raro não são os objetos [artísticos], mas a propensão em consumi-los, ou seja, a “necessidade cultural” que, diferentemente das “necessidades básicas”, é produto da educação: daí, segue-se que as desigualdades diante das obras de cultura não passam de um aspecto das desigualdades diante da Escola que cria a “necessidade cultural” e, ao mesmo tempo, oferece os meios para satisfazê-la (BOURDIEU; DARBEL, 2003, p.69).

### 3.2 Comparação e escuta

Durante minhas aulas com o oitavo e o nono anos, iniciei a apresentação de releituras de algumas músicas para que os alunos pudessem perceber que uma obra musical carrega a possibilidade de ser lida (interpretada) de várias maneiras diferentes, enfim, é polissêmica nas duas pontas do eixo de comunicação: tanto na execução quanto na escuta. Alguns

---

<sup>23</sup> Esse assunto já foi mencionado nas p.14 e p.56.

artistas, que realizam essas releituras, procedem de modos bastante diversos e pessoais. Conforme a música escolhida passam a valorizar mais a letra, outros a rítmica ou a melodia, e outros ainda enfatizam as diversas influências geradas, pelas composições, pelos diferentes períodos em que a obra foi gravada. Ouvimos então a canção “Ponta de Areia”<sup>24</sup> com o Milton Nascimento e a versão<sup>25</sup> da cantora norte-americana Esperanza Spalding<sup>26</sup>. Foram apresentadas também, versões de canções dos Beatles<sup>27</sup> realizadas por um DJ carioca chamado João Brasil<sup>28</sup>, que criou “mashups” (mistura de duas músicas) e criou o álbum “Let it baile”<sup>29</sup> com várias canções dos Beatles que foram adaptadas por funkeiros cariocas e compiladas pelo DJ.

Procurei várias outras releituras com as quais pudesse criar algumas conexões com a escuta musical dos alunos. Como conhecia mais ou menos o gosto dos alunos por conta das entrevistas e questionários que já havia realizado para a minha pesquisa, tentava com essa estratégia facilitar o contato deles com as novas obras musicais que ia apresentando e, com isso, ampliar o repertório musical da classe conectando as novas músicas às sonoridades que eles estavam mais acostumados. Por isso eram apresentadas sempre, no mínimo, duas versões de uma mesma canção: uma que se aproximava mais ao gosto presumido dos alunos e a outra mais distanciada das referências musicais deles. Os alunos, após esse trabalho de escuta – que incluiu o conhecimento mais profundo das obras através da apresentação de seus compositores, da descrição de sua instrumentação e informações contextuais sobre seus períodos de criação e distribuição –, demonstravam se interessar igualmente pelas duas versões das obras apresentadas, mesmo quando eram muito distintas. Descobriam suas particularidades e respeitavam suas diferenças. Era uma tentativa minha de diminuir as dificuldades de apreensão das obras com as quais possuíam pouco ou nenhum contato anterior. Contudo, sempre antes da audição era

<sup>24</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=XZyYCxoW1VM&feature=youtu.be>

<sup>25</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=QqCZ8NoxptM>

<sup>26</sup> Esperanza Spalding (1984), contrabaixista e cantora de jazz estadunidense.

<sup>27</sup> The Beatles, banda de rock britânica, formada em Liverpool em 1960

<sup>28</sup> João Brasil, cantor, produtor de música eletrônica e compositor carioca.

<sup>29</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=UXQI6O-vnfU>

realizada uma explanação de informações de caráter mais geral sobre a obra. Esta preocupação se alinha com a concepção da obra musical como obra da cultura e, por esta razão, obra que carrega na sua construção valores e significações que são coletivas, partilhadas por toda uma comunidade semântica e cultural. Nesse sentido é que se pode nomear como “código” esses signos socioculturais com as quais as obras musicais também trabalham. Como afirma Bourdieu, que utiliza alguns termos da teoria da comunicação, mas transpondo-os para o plano das trocas culturais:

“Do receptor”, ou seja, do grau de seu controle relativamente ao código da “mensagem”. Cada indivíduo possui uma capacidade definida e limitada de apreensão da “informação” proposta pela obra, capacidade que depende do seu conhecimento global (BOURDIEU, 2003, p. 71)

Vou me deter a um exemplo de releitura específica, que ocorre numa das escolas pesquisadas, como exemplo para poder me aprofundar mais nestas atividades de comparações e explicitá-las melhor para o leitor.

Os professores de história recorrem muito, como um exemplo já estabelecido, quase oficializado, à música “Cálice”, dos compositores Chico Buarque e Gilberto Gil, como uma das músicas-exemplo utilizadas quando apresentam o conteúdo curricular “ditadura militar brasileira”. Ouvi a professora de história comentando na sala dos professores sobre a música. Como estava por perto, ela me perguntou se eu não poderia trabalhar esta canção com os alunos aproveitando a ocasião e o exemplo para fazermos uma confluência de nossos assuntos em nossas aulas.

Aceitei a proposta da professora e, chegando em casa, procurei a canção, ouvi com cuidado e procurei por diferentes versões que poderiam existir, já que esta era a minha temática nas aulas de música: a polissemia das canções nas suas várias versões. Desta forma eu não fugiria do que estava realizando nas minhas aulas, não precisaria utilizar a canção como um conteúdo a parte da minha proposta de aula, evitando uma espécie de “apêndice” do meu assunto.

Buscando na *internet* descobri que o *rapper* brasileiro Criolo havia feito uma versão desta música, e soube pelo mesmo veículo que Chico Buarque estava fazendo uma espécie de homenagem ao Criolo adotando a versão do

*rapper* em seus próprios shows. Achei muito interessante e pertinente esse fato porque vinha a calhar exatamente com os objetivos das atividades de escuta em minhas aulas e resolvi trabalhar, utilizando uma versão anterior de “Cálice”, todas as considerações da obra no período militar, mas também a obra “Cálice” na versão de Criolo, que favorecia uma leitura mais contemporânea e muito mais próxima da realidade dos alunos.

Primeiramente apresentei para a classe a composição “Cálice”<sup>30</sup> numa versão interpretada pelo próprio Chico Buarque e por Milton Nascimento gravada num disco de Chico Buarque em 1978. Porém, antes de ouvi-la, realizamos a leitura do texto da letra e foram ressaltadas para os alunos as tensões sonoras-musicais e frases verbais que faziam referências ao período da ditadura militar: comentamos as proibições e censuras imputadas à música na época. Como desdobramento desta investigação, fomos buscar como este período afetou a produção artística musical da época, e como a obra de Chico Buarque também foi afetada em outros aspectos. Procurávamos textos sobre o assunto juntos na *internet* e liamos em classe. Alguns textos já haviam sido selecionados previamente por mim, mas achava importante que as buscas acontecessem também junto com os alunos, utilizando a *internet* como uma ferramenta para solucionar as questões e curiosidades que eles revelavam durante as aulas. Ou seja, não esperávamos para pesquisar “em casa” ou propúnhamos as pesquisas como tarefa futura: já sanávamos as dúvidas ali mesmo na aula. Realizávamos também, como parte importante da atividade de escuta das canções, um glossário de palavras que trabalhávamos em sala. E com “Cálice” não foi diferente, muitas palavras eram desconhecidas do vocabulário dos alunos.

Quando finalmente escutamos a obra de Chico Buarque e Gilberto Gil os alunos ficaram impressionados com o nível de tensão presente na obra, os trocadilhos utilizados, as intervenções meio abruptas do coro, as rupturas musicais etc., prestaram atenção na instrumentação e nas diferentes vozes e encaminhamentos musicais. Um dos alunos disse que era uma música que parecia “que em qualquer momento alguém iria gritar”, ele a achava, por isso, muito contida, como uma “panela de pressão” pronta a explodir. E então

---

<sup>30</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=26g1jQG-n4Y>

outro aluno respondeu que não era possível gritar, pois na música “estavam pedindo para eles se calarem”. Alguns alunos aprovaram a versão de “Cálice”, outros, no entanto, reprovaram porque não era o estilo de música que ouviam, mas entendiam a importância do papel que a música havia exercido num período de grandes dificuldades para a criação; usando um termo deles próprios, “consideravam os cara”.

Após esta escuta atenta, anunciei aos alunos que havia descoberto uma outra versão daquela obra, e que a versão era de um *rapper*. Eles ficaram muito curiosos e me perguntaram eufóricos se era “sério”, eu respondi que sim e que iríamos ouvir. Eles queriam saber quem era o tal *rapper*, e eu então disse que iríamos escutar primeiro a música, ou melhor, assistir a dois vídeos com duas interpretações da mesma versão *rap* da música.

O primeiro vídeo<sup>31</sup> que apresentei era do próprio Chico Buarque em um *show* cantando apenas uma parte da música com a versão do Criolo e emendando o refrão original. Através de um trecho na forma de *rap* Chico se refere ao Criolo para o público que estava presente em seu *show* e afirma que Criolo, “um jovem artista”, com aquela versão de “Cálice” o convida a fazer parte e faz com que ele se sinta “bem vindo” ao clube dos *rappers*. Chico Buarque aprova assim Criolo e seu estilo musical para seu próprio público de MPB: diz que gosta de ouvir o *rap* e o *hip hop* da “rapaziada”. Os alunos ficaram surpresos em ouvir e ver Chico saudando o Criolo e pediram para assistir ao vídeo com a versão integral de Criolo da música<sup>32</sup>.

Após assistirmos aos vídeos os alunos disseram que não esperavam que Criolo gostasse de Chico, e nem que Chico gostasse de Criolo. Acredito que neste momento os alunos começam a perceber que quando ouvimos uma música qualquer podemos tentar compreendê-la de outro modo, como um todo, como um enunciado completo em diálogo constante com outros enunciados, com outras músicas ou mesmo com outros textos artísticos ou verbais (coreográficos, imagéticos, cinematográficos, literários, poéticos etc.) numa verdadeira rede de ramificações de sentidos. Isto inclui a curiosidade de saber em quais circunstâncias, para quem ou para quê ela foi composta.

---

<sup>31</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=GUpylvhydLo>

<sup>32</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=akZY0-6Rs0A>

Tento fazer com que eles percebam que, mesmo sem conhecer a obra, podemos tentar reconhecer a sua importância para os círculos de valor e sentido diferentes dos nossos e não criar uma repulsa instantânea, mesmo se a música não faz parte do nosso repertório habitual, assim como a versão de “Cálice” de Chico Buarque, que não era um *rap*, foi uma inspiração para um *rapper* que os alunos admiram e conhecem o trabalho criar uma nova canção. Reforço aqui as palavras de Bakhtin:

Todavia, as palavras podem entrar no nosso discurso a partir de enunciações alheias, mantendo em menor ou maior grau os tons e ecos dessas enunciações individuais (Bakhtin, 2003, p. 293).

Através desta atividade de apresentação de audição de diversas obras musicais, tentei diminuir o preconceito que muitos alunos demonstravam ao escutar uma música menos familiar pela primeira vez. E a estratégia que utilizei foi partir para o contato com diversos estilos musicais que utilizam um mesmo conteúdo, neste caso uma mesma canção. Os alunos podem não gostar do estilo, da rítmica, da instrumentação etc., porém, antes de desqualificar uma música qualquer, é preciso uma escuta atenta e crítica, mesmo que a obra não pertença ao campo cultural, ao repertório mais familiar dos alunos. É importante que os alunos percebam como é possível ampliar as concepções artísticas, estéticas ao ampliar as possibilidades de escuta. É igualmente importante, a meu ver, que os alunos possam assimilar e reelaborar o que se escuta, como nos mostra Bakhtin, podendo assim aproximar-se de um novo repertório e, por consequência, de novas possibilidades criativas, assim como o *rapper* Criolo se aproximou de, se relacionou e recriou a obra “Cálice” a partir de sua própria realidade, de sua própria maneira de fazer música, como diria Bakhtin: tornou a palavra alheia palavra própria.

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos. (BAKHTIN, 2003, p. 294)

Quando perguntei para os alunos da sala o que eles acreditavam conectar aquelas duas versões de uma mesma obra, a de Criolo e a de Chico Buarque, um aluno me respondeu que Chico Buarque coloca em sua música os problemas de uma geração, do tempo dele, e que Criolo coloca em sua versão os problemas da geração na qual ele está inserido. Usando as palavras do aluno: “o Criolo fala o que a gente passa ‘Sora’ e o Chico fala do que outra geração passou, os dois falam de uma realidade”.

### 3.3 A proibição do funk

Como cito no capítulo anterior, o *Funk* foi proibido de ser escutado na escola, principalmente pelos alunos do sexto ano e sétimo ano. A coordenação da escola e os professores acreditam que o estilo musical é “má influência” para a escolha do vocabulário dos alunos.

Como sou professora de música e o *Funk*, um dos estilos musicais pertencentes à linguagem musical, fui convocada pela coordenação da escola para uma reunião sobre esse assunto. A coordenadora então colocou que a escola está preocupada com a relação que os alunos estabeleceram com o *Funk*, pois acredita que as músicas se apropriam de termos que não são adequados para alunos daquela faixa etária e que gostaria da minha ajuda para conversar com os alunos sobre isso, na evidente intenção de demovê-los da escuta do *Funk*. Pergunto para a coordenadora se ela tem alguma sugestão de proposta, e ela me diz que gostaria que eu conversasse com eles sobre o *Funk* e os termos inadequados utilizados nas letras.

Fiquei pensando naquele momento em como poderia ajudar, e cheguei à conclusão de que o que considerava ser o melhor era expor diretamente a situação para os alunos e conversar com eles abertamente sobre o fato. Fiz esta sugestão para a coordenadora e ela aceitou.

Entrei na sala para dar aula no sexto ano, e antes mesmo que eu pudesse cumprimentar a turma um aluno me pergunta: “Sora, você gosta de *Funk*?”

Por um momento fiquei sem reação por dois motivos: primeiro por conta da iniciativa dos próprios alunos de tocar num assunto tão delicado

naquele momento da escola; e segundo porque o *Funk* não é um estilo que me agrada. Mas pedi para o aluno que guardasse aquela pergunta para mais tarde por que iríamos conversar justamente sobre o *Funk* naquela aula.

Após realizar a chamada, pergunto para os alunos o que havia acontecido. Esclareço que a coordenadora tinha me chamado para uma discussão sobre o assunto e que eu tinha dito a ela que iria conversar com eles.

Os alunos me contam que os professores disseram para eles que a classe estava utilizando palavras muito “feias” e que isto acontecia porque eles ouviam muito *Funk*.

Todos os alunos começam a falar ao mesmo tempo, alguns defendendo que “não é por conta do *Funk*”, outros dizendo que não gostam do estilo e que realmente as músicas possuem muitos palavrões etc.

Peço então para que cada um diga o que pensa, mas que levanten ordenadamente a mão para que consigamos nos escutar e compreender a argumentação de cada um.

O aluno que me questionou no início da aula é o primeiro a se colocar e explica que há três tipos de *Funk* e que nem todas as músicas possuem palavras inadequadas.

Questiono quais são os tipos de *Funk* que existem, e eles me respondem que tem mais de três. Quando eu peço para elencarem os tipos, eles começam com o *Funk* “carioca”, depois o “ostentação”, o “proibidão”, o *melody* e o “consciente”. Surpreendo-me após este levantamento inicial: não sabia que haviam tantas distinções dentro do estilo. Nesse momento me dou conta de que preciso conhecer melhor o estilo para continuar a conversa com os alunos. Peço para que os alunos que ouvem *Funk* tragam para a próxima aula um exemplo sonoro de cada um dos tipos, e a letra da música impressa para que possamos entender melhor.

O aluno que me questionou no início da aula, me faz a pergunta novamente: “Professora, você gosta de *Funk*?” Respondo que não sei mais se gosto ou não, porque naquele momento percebi que conheço muito pouco o estilo e suas vertentes. O sinal bateu e prometi continuarmos a discussão na aula seguinte.

O *Funk* parece fazer parte da vida cotidiana daqueles alunos, mesmo os que diziam não gostar sabiam diferenciar, argumentar e se expressar sobre o estilo. Utilizando uma citação de Bakhtin e levando em conta que os enunciados são atos de expressão, o *Funk* é como uma espécie de “palavra chave” para a expressão musical estes alunos, eles convivem com este estilo no contexto social em que vivem.

Desta maneira, cada enunciação da vida cotidiana é um entimema socialmente objetivo. É uma espécie de palavra chave que somente conhecem os que pertencem a um mesmo horizonte social. A peculiaridade das enunciações da vida cotidiana consiste em que elas, mediante milhares de fios, se entrelaçam com o contexto extraverbal da vida e, ao serem separadas deste, perdem quase por completo seu sentido: quem desconhece seu contexto vital mais próximo não as entenderá (Bakhtin, 2011, p. 158).

Apenas para situar a citação de Bakhtin ao caso estudado, é possível dizer que essas palavras-chave apropriadas do *Funk* possuem valor e sentido, ou seja, já vêm embaladas numa certa tonalidade entonativa, carregam um certo grau de peso e de aspereza que, como diz a citação, se tiradas fora do contexto, ou mesmo se captadas por alguém que não partilhe esse mesmo eixo de sentido e valor, não são compreendidas na sua justa medida, e podem se tornar mais “ofensivas” do que elas realmente são naquelas situações enunciativas específicas, mediando tipos de relações de sociabilidade que a pessoa de fora não conhece e percebe de forma distorcida. Mas vamos continuar o relato.

Na aula seguinte, voltamos ao tema *Funk*. Retomei o assunto perguntando aos alunos em quais momentos e com quais pessoas ouviam o estilo. Os alunos me disseram que ouvem o *Funk* em suas casas; pelos bairros, quando alguns carros passam pelas ruas com “som”; na escola escutam nos momentos em que estão fora da sala de aula, nos celulares, com fone ou sem fone de ouvido. Pergunto também como eles passavam a conhecer os *Mc's* e eles me disseram que alguém baixa a música da internet, coloca no celular e depois eles passam uns para os outros com o auxílio do *bluetooth*. Contaram-me também que existem alguns *Mc's* nas comunidades,

e que um deles é famoso e compõe músicas<sup>33</sup> sobre os bairros que eles vivem.

Alguns alunos já haviam me anunciado no corredor da escola, antes do início da aula, que estavam com as músicas das diferentes vertentes do *Funk* que eu havia pedido na aula anterior.

Peço então para que os alunos me entreguem as músicas e as letras que escolheram para que possamos ouvir juntos e comentar.

Os três alunos que demonstram gostar bastante do estilo trouxeram as músicas. O primeiro que ouvimos era um *Funk* “ostentação”<sup>34</sup>, o segundo era um “consciente”<sup>35</sup> e o terceiro era o *melody*<sup>36</sup>. Curiosamente, nenhum dos alunos havia trazido um exemplo de *Funk* “proibidão”. Perguntei por que esta vertente não apareceu e eles me responderam que achavam que não seria bom ouvir na sala, porque alguns alunos eram evangélicos e poderiam não querer escutar.

Após ouvirmos o *Funk* “ostentação”, fizemos a leitura da letra da música e discutimos sobre o grande valor que os compositores deste estilo demonstram ter pelos bens materiais: tênis e roupas de luxo, carros com as marcas mais caras, viagens de helicóptero, dinheiro, mulheres bonitas que se interessam pelo dinheiro e a fama, tudo isso é mencionado e valorizado nas letras desse tipo de *Funk*. Pergunto para os alunos da sala se o fato de termos dinheiro é garantia para que alguém se interesse por nós; em um primeiro momento a classe afirmou em peso que “sim, ter dinheiro garante muita coisa, inclusive mulheres bonitas”. Argumento para eles que se as pessoas dependessem da posse de muito dinheiro, de um helicóptero ou um carro de luxo, para que as fossem queridas, muitas pessoas estariam sozinhas. Isto porque certamente algumas pessoas nunca possuirão nenhum desses bens materiais e que muitas vezes este não é nem mesmo um objetivo almejado por muita gente. Desse modo me coloco frente à sala com um outro ponto de vista, para que eles possam debater sobre um referencial diferente do que o *Funk* escolhido por eles aborda. Os alunos aos poucos começaram a mudar a postura e dizerem que eles também achavam que não

<sup>33</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=gXTiNnVNJWc>

<sup>34</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=NqVg44Fr4-o>

<sup>35</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=nRF0QLYYCe4>

<sup>36</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=OjmKbBBFSTw>

iriam ter nada daquilo, mas que “facilita” a vida. Uma das alunas afirma que “não vou sair com um homem só porque ele tem dinheiro”, porque ela “não está à venda”. Outras meninas da classe concordam e outra aluna diz que se alguém se interessa por uma pessoa só porque essa pessoa tem dinheiro esta primeira “é uma interesseira e não gosta de ninguém de verdade”, e completa: “se o dinheiro acabar o sentimento acaba”. Os meninos dizem que a música fala sobre coisas que eles gostariam de ter, por isso eles gostam de ouvir, mas sabem que são desejos impossíveis naquele momento. Pergunto para as meninas porque elas ouvem aquela música, já que concordam que elas mesmas não são objetos para os homens, pois todos os *Funk* “ostentação” (daí o nome) colocam a mulher como mais um produto a ser comprado. Elas me respondem que gostam da “batida” e que não tinham pensado por “esse lado”. Pergunto então para os alunos se eles acreditam que, quando a gente escuta uma música, estamos valorizando o “som”, e se for uma canção, a letra que está contida nela. Todos me respondem que “sim”, mas que eles dançam e cantam as músicas sem “pensar nisso”. Um silêncio se mantém na sala. A partir daí não forço mais a discussão para não parecer que estou impondo minha opinião, mas os alunos começam a falar entre eles dizendo que “gostam da música”, porém não concordam com a “mensagem da música”. Alguns afirmam que querem ser como aqueles *Mc’s* ouvidos, ou como alguns outros que levam as músicas como uma grande brincadeira. Há um desconforto visível nos alunos após a discussão.

O *Funk melody*, outro estilo trazido pelos alunos, é do agrado de todos. As músicas falam de romance, amores não correspondidos, e não há, por isso, muitas polêmicas nas letras. Já o *Funk* “consciente” os alunos me descrevem que ele é como se fosse um *rap*, “mas a batida é de *Funk*”, e que os *Mc’s* dessa linha retratam a “atualidade”. O exemplo de *Funk* “consciente” que eles trouxeram para a sala de aula tratava de temas da atualidade questões políticas e sociais.

Pergunto o que eles mais gostam do *Funk* “proibidão” e porque não trouxeram um exemplo deste para ouvirmos juntos. Eles me respondem que é porque essas músicas falam de questões “proibidas”, mas de forma divertida. Eles mencionam como exemplos duas músicas, uma chamada “A Piriquita Voa” e a outra “*Funk* da Pantera Cor de Rosa”. Dizem que algumas

palavras são impróprias e alguns outros alunos se manifestam achando um absurdo que os pais os proibam de ouvir.

Pedi para que eles dissessem algumas das palavras que consideram impróprias, e eles me disseram, com certa relutância, algumas delas, bem aos poucos. No início se mostraram envergonhados. Alguns alunos da sala não queriam nem ouvir as palavras e se expressavam com “é um absurdo”. Palavras como “piroca”, “popô”, “pau”, “sentar”, “xota”, “puta”, “foder” e “roçar” foram mencionadas pelos alunos. Surpreendentemente alguns alunos disseram até mesmo “conhecer” o significado dessas palavras (este foi um dos argumentos que a coordenação mencionou como motivo para a proibição do *Funk* na escola: a incongruência entre os termos e a faixa etária). Mesmo, dentre alunos, aqueles que achavam “um absurdo” a simples menção das palavras me perguntaram o que significavam, ou seja, apenas desconfiavam de um sentido “escabroso” do termo. Pergunto então o motivo pelo qual são estas palavras escolhidas para serem utilizadas com frequência por estas músicas, e um aluno me responde que são utilizadas porque “todo mundo conhece e sabe do que se trata o conteúdo das letras”, denunciando uma certa confusão na apropriação dos sentidos das letras das músicas por parte dos alunos. Por outro lado, os alunos reconhecem com facilidade os termos e expressões utilizados pelo *Funk*, não somente na vertente “proibidão” como também nas outras, principalmente quando se trata de artigos de luxo, problemas sociais ou bens materiais que desejam. Para este fenômeno, tomei uma importante reflexão de Bourdieu para me ajudar e entendê-lo:

Assim, a história dos instrumentos de percepção da obra é o complemento indispensável da história dos instrumentos de produção da obra, na medida em que toda obra de arte é elaborada duas vezes: pelo criador e pelo espectador, ou melhor ainda, pela sociedade que pertence o espectador (Bourdieu, 2003, p. 76).

Nesse sentido, é bom que se diga, não há garantias de que essas duas histórias (dos instrumentos de percepção e de produção) coincidam.

Conversamos então sobre as palavras que foram mencionadas pelos alunos, e chegamos à conclusão que elas remetem aos órgãos sexuais ou ao ato sexual, e que talvez a partir destas palavras alguns movimentos da dança

do *Funk* “proibidão” fossem criados. Digo para os alunos que acredito que o “proibidão” utiliza, como um dos conteúdos de sua letra, a sexualidade, e ela está presente na vida das pessoas. Porém, a maneira de lidar com a descoberta da sexualidade é algo que acontece numa dimensão mais individual, e talvez por isso muitas pessoas não gostem do estilo e se assustem ao ouvi-lo, pois *Funk* não pensa nesta individualidade e escancara “intimidades” utilizando termos e palavras mais fortes e chocantes, remetendo à ações que talvez nem todos realizem ou mesmo gostem. Os alunos concordam e chegamos à conclusão que devemos respeitar as individualidades presentes ao nosso redor e que alguns alunos, professores e funcionários da escola não gostam dos termos utilizados pelo *Funk*. Não me preocupei, naquele momento, com questões como o que seria adequado ou não para certas idades ou para aqueles alunos evangélicos, pois iria adentrar a uma discussão sobre a qual não possuo embasamento adequado para tratar com os alunos.

Descobri, a partir dessa conversa que o *Funk* se apresenta realmente como um estilo musical que todos conhecem, a “batida” é o que mais importa e os alunos deixam se levar pelo ritmo; em alguns casos não prestam atenção na letra. Porém quando peço para que eles tragam para a sala de aula os tipos de *Funk* o único que é deixado de lado é o “proibidão”. Busquei ouvir alguns exemplos do “proibidão” em minha casa, nele as palavras e as danças se referem a posições e a palavras que remetem diretamente à sexualidade, ao erotismo e a temas como a violência e o crime, acredito que por isso os alunos preferiram não trazer para a aula, pois perceberam que as músicas tratam de temas polêmicos e de difícil abordagem em sala de aula.

Após estas aulas, conversei com a coordenadora sobre as conversas que tive com os alunos, a clareza que eles possuem em relação às diversas vertentes do estilo e a naturalidade com que o *Funk* aparece na vida deles, em seu bairro, nas suas casas e em seus momentos de escuta. Enfatizei que os alunos reconhecem sim os termos problemáticos utilizados pelo *Funk* “proibidão” e que podem evitar o estilo em respeito a seus colegas e professores. E que os alunos só necessitavam discutir mais sobre o *Funk*, a partir de outras referências, para que pudessem criar instrumentos de

interpretação crítica para se tornarem mais críticos de um estilo que faz parte e está presente nos seus espaços de convivência.

Quem não recebeu da família ou da escola os instrumentos [de percepção e interpretação] que somente a familiaridade pode proporcionar, está condenado a uma percepção da obra de arte que toma empréstimo suas categorias a experiência cotidiana e termina no simples reconhecimento do objeto apresentado: com efeito, o espectador desarmado não pode ver outra coisa senão as significações primárias (Bourdieu, 2003, p. 79).

O que queria enfatizar para a coordenadora é que esta seria uma boa oportunidade para que a escola interviesse na situação e, a partir de uma abertura para a discussão dessa espécie de “choque cultural”, pudesse efetivamente assumir um papel mais decisivo na elaboração de novas posições em matéria de cultura, ou seja, no estímulo ao desenvolvimento de uma postura crítica também por parte dos profissionais da escola e não apenas dos alunos.

Afinal a proibição do *Funk* na escola se manteve. Não foi possível convencer a direção a confiar na consciência, agora despertada e discutida, dos alunos com relação ao “mal estar” causado pelo linguajar extraído do “proibidão” utilizado de forma impensada dentro da escola. Mas os alunos puderam confirmar que as discussões sempre serão bem vindas nas aulas de música. O *Funk* como um bem cultural, tal como muitos outros tipos e estilos musicais, com suas diversas vertentes e grande representatividade para estes alunos, poderia ser pauta de nossas aulas.

Após estas discussões e escutas orientadas os alunos se mostraram mais interessados pelas escutas que proponho em sala, e, através das redes sociais ou de seu celulares, me enviam ou me mostram novos “sons” e estilos musicais com as quais se envolvem.

A partir desta experiência ficou claro para mim, e principalmente para os alunos, que podemos discutir e conversar mais livremente sobre música e pensarmos juntos as nossas escolhas e gostos musicais enriquecendo nossa visão não só de música, mas também de mundo.

## Considerações finais

Esta pesquisa buscou realizar um levantamento e uma reflexão sobre a utilização e apropriação da música, no ensino fundamental II, em duas escolas de ensino regular. A função que ela ocupa dentro da sala de aula e como participa do ambiente escolar como um todo foram minhas preocupações principais durante toda a investigação.

Foram realizados questionários e entrevistas com alunos e professores das duas instituições com o intuito de compreender melhor como essas pessoas se relacionam com a música dentro e fora da escola.

Os questionários foram transformados em gráficos que permitiram uma visão mais ampla e abrangente dos processos de escolha e modos de audição; e as entrevistas foram realizadas com o intuito de aprofundar algumas das questões levantadas após a confecção dos dados trazidos pelos questionários.

Após realizar a análise preliminar dos dados dos questionários, procedeu-se o cruzamento destes com as transcrições das entrevistas. A partir daí pude perceber que a música está mais presente nos momentos fora dos horários das aulas (intervalos, janelas) assim como nos locais externos a sala de aula. Por outro lado, quando ela participa das aulas é utilizada, pelos professores, como ferramenta pedagógica. Como são os professores que escolhem as músicas utilizadas durante as aulas, a relação que eles possuem com as obras que escolhem e a reação dos alunos a estas obras apresentadas também se tornaram questões importantes a serem levantadas.

Sobre o fato do professores utilizarem a música como uma ferramenta pedagógica este uso não é realizado acompanhado de uma discussão sobre assuntos de ordem mais interna ao fenômeno musical, ou seja, sobre a estética musical da obra. É como se a obra estivesse ali, mas não possuísse um valor ou uma identidade musical própria que pudesse ser ou não do gosto musical dos alunos e mesmo do próprio professor.

Acredito que a música, mesmo quando utilizada como ferramenta pedagógica em auxílio a qualquer outro componente curricular, pode ser de grande valor também quando abordada em seus aspectos musicais mais

específicos dentro de sala de aula. Estes momentos musicais poderiam ser aproveitados também como um espaço de trocas culturais entre professores e alunos, onde o grupo todo poderia falar mais livremente sobre a obra, sobre o que os atrai ou incomoda, o que aproxima ou afasta, o que é familiar ou estranho, em seu aspecto estritamente musical, pois é a isso que denomino de “gerar um dialogo cultural entre professores e alunos”.

Podemos, por isso, reconhecer o ambiente escolar como um espaço importante que pode favorecer trocas de experiências culturais e estéticas intensas entre seus frequentadores.

Para que esta troca de experiências aconteça, no entanto, considero importante a aproximação da chamada “cultura escolar” com a cultura de seus participantes, criando assim um espaço rico de reflexão e troca de experiências de vida, gerando discussões que poderiam ser até mesmo sobre a legitimidade da presença de certas obras culturais dentro da escola. Isto certamente contribuiria muito para que pudesse haver um pensamento mais crítico sobre as escolhas e a utilização das obras musicais no espaço escolar. Somente assim poderia se estabelecer atitudes que levassem em conta a veracidade na escolha das obras artísticas apresentadas pelos professores, e interação entre as culturas deste espaço. Com “veracidade” pretendo me referir à honestidade e à familiaridade que os professores poderiam desenvolver ao não mais temerem mostrar suas preferências estéticas para os alunos e, ao contrário disso, colocarem essas preferências em discussão com os alunos. Na tentativa de gerar uma redistribuição do capital cultural, e que a escola não seja dominada por uma cultura escolar “cult”, muito frequentemente distante do mundo significativo dos alunos (e como vimos nas análises, distante também do mundo significativo dos próprios professores), cultura escolar que aprisiona (deixa de lado) as “outras” culturas presentes neste espaço, representadas pelas próprias pessoas que frequentam a escola e a respectiva heterogeneidade de trajetórias culturais de cada uma, e que são legítimas para alunos e professores.

As duas escolas pesquisadas trabalham com realidades sociais distintas, estão situadas em cidades diferentes, mas se assemelham quando percebemos a relação que esses dois espaços institucionais propõem com a

música: os gostos musicais dos professores e dos alunos são parecidos; e a utilização que fazem da música também. Pudemos perceber com a pesquisa que não há uma distância tão grande entre os gostos musicais de professores e alunos, as tabelas que possuem os nomes de cantores, cantoras e bandas nos mostram que há muitos nomes e estilos comuns entre eles.

Minha intenção inicial foi apresentar algumas propostas de como seria possível aproximar a cultura da escola, do professor e do aluno, as três grandes forças significativas que agem sobre o fazer educacional, a partir da exemplificação de aulas ministradas por mim e que foram apoiadas pelas leituras e observações dos espaços realizadas durante a pesquisa do mestrado.

Este estudo buscou, portanto, contribuir para o reconhecimento da música como um bem cultural e, por isso mesmo, fundamental para o estabelecimento de relações educacionais e humanas importantes dentro da escola. Tentei convencer meus leitores de que podemos trocar experiências culturais a partir de uma atenção maior ao mundo cultural dos alunos (mas também dos próprios professores) desencadeadora de uma possível mudança na relação dos professores e alunos com a utilização e apropriação da música nos ambientes escolares. Como nos alerta Bourdieu, a escola reproduz injustamente as desigualdades sociais se não fizer mais do que colocar em funcionamento, de um modo acrítico, seus procedimentos habituais. Nas suas próprias palavras:

De fato, basta que a instituição escolar permita o funcionamento dos mecanismos objetivos da difusão cultural e se exima de trabalhar, sistematicamente, para fornecer a todos, na e pela própria mensagem pedagógica, os instrumentos que condicionam a recepção adequada da mensagem escolar para que a Escola reduplique as desigualdades iniciais e por suas sanções, legitime a transmissão do capital cultural (BOURDIEU, 2003, p. 111).

Considero ainda que seria necessário um maior aprofundamento nessas questões, no sentido de aprofundar um pouco mais as investigações sobre as próprias trajetórias culturais desses participantes escolares dessas

situações musicais. Este seria um bom desdobramento desta investigação inicial que se mostrou, a meu ver, o primeiro passo de um processo maior de conscientização sobre os diversos modos de apropriação e atribuição de sentidos às músicas dentro das escolas. E esse desdobramento exigiria, certamente, uma outra pesquisa, provavelmente de doutorado, que complementaria e aprofundaria o caminho já aberto por esta dissertação.

Espero em breve poder realizá-lo.

## Bibliografia

- BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail e Volochínov N, Valentin. *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.
- BEAUD, Stéphane e WEBER, Florence. *Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos*. Petrópolis, RJ : Vozes, 2007.
- BENEDETTI, Kátia. *A socialização musical primária: aprendizagens musicais cotidianas e a educação musical escolar*. São Paulo: Perse, 2013
- BOURDIEU, Pierre e DARBEL, Alain. *O amor pela arte: os museus de artes na europa e seu público*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Zouk, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *Gosto de classe e estilos de vida*. In: ORTIZ, Renato (org). *A sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho d'Água, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BUENO, Kátia Maria Penido. *Construção de habilidades: trama de ações e relações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- FREIRE, Vanda Bellard (org.). *Horizontes da pesquisa em música*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- NASSIF, Silvia Cordeiro; SCHROEDER, Jorge Luiz. O trenzinho do caipira: uma proposta dialógica de apreciação musical. Anais do XXIV Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música. São Paulo: 2014 (disponível em <http://www.anppom.com.br/anais/category/135-subarea-educacao-musical>)
- NASSIF, Silvia Cordeiro; SCHROEDER, Jorge Luiz. “Conversas sobre música”: uma experiência na web rádio Unicamp. Anais do VIII Encontro Regional Sudeste da Abem. São Paulo: 2012, p.961-969.
- NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. *Pierre Bourdieu: escritos de educação*. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- PALHEIROS, Graça Boal. *Funções e modos de ouvir música de crianças e adolescentes em diferentes contextos*. In: ILARI, Beatriz Snoi (org.). *Em busca da mente musical: ensaios sobre os processos cognitivos em música – da percepção a produção*. Curitiba: Ed. Da UFPR, 2006.
- PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

- PENNA, Maura. *Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música*. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- SANTOS, Regina Márcia Simão. *Música, cultura e educação: múltiplos espaços de educação musical*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- SEREN, Lucas. *Gosto, música e juventude*. São Paulo: Annablume, 2011
- SETTON, Maria da Graça. *Mídia e educação*. São Paulo: Contexto, 2011
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. *Socialização e cultura: ensaios teóricos*. São Paulo: Annablume; fapesp, 2012
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- SOUZA, Jussara(org). *Aprender e ensinar música no cotidiano*. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- SUBTIL, Maria José Dozza. *Música midiática e o gosto musical das crianças*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2006
- VELHO, Gilberto. O desafio da proximidade. In, VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (orgs.). *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.11-19.

## **Anexo I - Transcrições Entrevistas ( Alunos )**

### **Aluna Beatriz - 7º ano (Colégio Particular)**

Você possui alguma formação musical? Qual?

Não, então; na verdade eu fazia violão, mas depois eu parei e não continuei mais.

Onde você fazia as aulas??

Em uma escola que a minha mãe dava aula. Daí eu fazia lá.

Você escuta música em sua casa ou nos seus momentos de descontração?

Escuto bastante música na minha casa, praticamente toda hora eu estou com fone.

Você escuta mais com fone de ouvido? Não utiliza o rádio?

Não, no rádio eu normalmente não ouço.

Alguma pessoa de sua família influenciou a sua escuta musical?

Meu pai, ele me influenciou muito porque ele adora música e ele adorava “Rock”, então eu gosto de “Rock” também. Ele influenciou muito na minha escolha musical.

Você escuta músicas na escola? Em quais momentos ?E quem as coloca para tocar?

Eu na escola não ouço muita música, mas quando eu ouço, muito raramente, com o fone de ouvido antes de entrar na aula.

Os professores utilizam músicas em suas aulas?

Teve uma vez que o professor de espanhol utilizou uma música, em espanhol mesmo, pra gente fazer uma prova e na música tinham muitas palavras que agente tinha aprendido no conteúdo que ele estava dando.

Você recorda a música utilizada pelo professor?

Não

Você não lembra qual foi?

Não, eu lembro de uma música que a professora de espanhol do ano passado passou que era da Julieta Venegas “Ilusão”.

Foi aqui na escola mesmo?

Sim, aqui na escola.

E nas aulas de educação física e nas outras aulas, a música é utilizada?

Não.

E nos momentos de festa?

Nos momentos de festa sim, algumas vezes eles colocam o rádio no pátio e colocam música.

E durante a festa junina?

Na festa junina, sim.

E como é, quem escolhe essa música?

É assim, nesse ano como foi o ano da copa, teve um sorteio pra saber qual país nos iríamos representar, e escolhemos a música tradicional do país que iríamos dançar.

Você já sabe qual música vai ser da festa junina?

Ainda não sei, estamos fazendo uma pesquisa sobre as músicas.

E qual país vocês irão representar?

Portugal.

E nos outros anos, quando a copa não aconteceu, como foi a escolha das músicas?

Nos outros anos agente escolheu uma música como sorteio, e a professora selecionou as músicas e escolheu alguma pra gente votar. Aí selecionávamos as músicas e ia escolhendo por série.

Você acredita que se os professores utilizassem músicas durante as aulas, ajudaria a compreender melhor as matérias e seus conteúdos?

Se fosse em português, inglês e espanhol sim e se tivesse relação com o conteúdo, se não eu acharia que atrapalharia um pouco a concentração.

Você escuta em sua casa as música apresentadas pelos professores em sala? Você citou a música em espanhol, ela te ajudou?

Escutei a de espanhol, me ajudou bastante com a matéria, eu baixei e ouvi ela em casa fiz até a tradução da música, vi o que eu conseguia, e me ajudou bastante na matéria.

Qual foi a última música que você escutou?

A última música que eu escutei foi "*Let me love you*" do Austin Mahone.

Onde você escutou esta música pela primeira vez?

Pela primeira vez, eu escutei no rádio com as minhas amigas.

Você já foi a algum *show*?

Eu fui no *show* do Pato Fu e do Zeca Baleiro com a minha mãe. Não lembro mais de nenhum *show*.

Você gosta do Pato Fu e do Zeca Baleiro?

Sim, eu gosto.

**Rubens – 7º ano (Particular)**

Você possui alguma formação musical? Qual?

Sim, eu toco guitarra. Faço aula há 1 ano e eu tocava bateria, mas parei de tocar.

Você faz aula em alguma escola, ou são aulas particulares?

É particular.

Você escuta música na sua casa ou em seus momentos de descontração? Quais?

Muito na minha casa e nos momentos de descontração como no recreio, no final da aula. E as vezes na minha aula de inglês minha professora pega músicas pra gente poder saber a letra e além disso ter um momento de descontração.

E quais músicas você mais gosta de ouvir?

Eu gosto mais de “Rock” e escuto mais Rock pesado, alguma coisa mais parecida com metal.

Tem o nome de alguma banda em mente?

Slipknot e Iron Maiden.

Alguma pessoa de sua família influencia a sua escuta musical?

Sim, bastante. Meu pai e minha mãe. Porque meu pai gosta muito do Iron Maiden e ele meio que me ensinou a gostar dessas músicas, das músicas deles e minha mãe, ela me influencia um pouco na parte de POP também, músicas antigas.

Você sabe citar o nome de alguma banda?

Não, não sei.

Você escuta música na escola? Em quais momentos e quem as coloca pra tocar?

Sim, eu escuto música na escola e normalmente no recreio e na saída e mais em momento nenhum. Eu mesmo coloco e uso fone de ouvido pra não perturbar as outras pessoas.

Os professores utilizam música nas aulas?

Não, os meus professores não usam, só os professores de ensin角度 particulares.

Você não recorda nenhuma música utilizada em sala de aula?

Nenhuma.

Você recorda a última música que você ouviu?

Sim, é “All hope is gone” do “SlipKnot” que eu estava ouvindo quando entrei aqui. E só essa, foi a última música que eu ouvi.

Você me disse que a professora de Inglês utiliza músicas durante as aulas dela, está professora é da escola ou não?  
Não, é uma professora particular.

Você acredita que a utilização destas músicas durante as aulas te ajuda a aprender?  
Sim, me ajudam muito, porque às vezes tem termos em Inglês nas músicas que eu não conheço e a professora explica, isto amplia o meu conhecimento do Inglês.

Quando ela coloca as músicas em sala de aula, algumas músicas você desconhece?  
Sim, algumas.

E você procura buscar de alguma forma estas músicas depois?  
Procuro buscar pra poder me informar mais. E além de ampliar meu conhecimento de inglês, ampliar também meu conhecimento musical.

Durante as aulas de educação física durante as festas juninas ou nas festas da escola, a música é utilizada?  
Sim, a música é muito utilizada. Como na festa junina eu tinha duas aulas, uma aula é um ensaio pra festa junina com as músicas que agente ia dançar na festa junina e a outra era a educação física normal foi só na festa junina; que eu me lembre.

E as músicas utilizadas neste momento você já conhecia?  
Sim, todas.

E você conhecia por onde?  
Minhas primas normalmente escutavam essas músicas, as vezes meu avô também escutava.

E quais músicas eram, você se recorda?  
Tinha a música “Chove” não lembro de quem era e aquela música “Balada” do Michel Teló.

São músicas que tocam atualmente?  
Sim.

Não eram músicas mais antigas?  
Não, são atuais.

Que tocam no rádio?  
Sim.

### **Vivian – 9º ano (Particular)**

Você possui alguma formação musical? Qual?

Não .

Você toca algum instrumento?

Ah, isso sim. Eu toco violão.

E você faz aulas em qual lugar?

Na verdade, é um professor particular que vai na minha casa. Toda terça eu tenho aula de violão.

É violão popular, você toca música popular, música erudita, como é? Sim , é eu pego uma música que eu gosto no “*youtube*”, mostro pra ele, ele faz as letras e eu começo a tocar.

Você lê as notas, reconhece as notas musicais?

Algumas sim.

Você utiliza cifras?

Estou começando a utilizar.

Você escuta música em sua casa ou nos seus momentos de descontração? Quais?

Olha, eu escuto música o tempo todo, na minha casa, onde eu estiver se estiver com fone eu estou ouvindo. Eu gosto mais de “POP” não muito música pesada e nem brasileira.

Alguma pessoa de sua família influencia a sua escuta musical?

Não.

Ninguém ouve uma música que você ouviu e gostou?

Não, eu só pego assim quando estou sem fazer nada, ouço e gosto.

Algum amigo seu te influencia?

Sim, todos. Tem um monte de gente que toca, e daí, essa música é legal vou começar a ouvir.

Então, mais os seus amigos que te mostram coisas novas?

Sim.

E a sua família, costuma ouvir música?

Ah, não muito assim. O que passa no rádio mais assim a tarde.

Você escuta música na escola? Em quais momentos e quem as coloca pra tocar?

Não, assim. Eu não escuto música na escola. Mas às vezes a professora coloca alguma pra descontrair ou se ela coloca um vídeo em espanhol, por exemplo, ela coloca música mas só.

E entre vocês na hora do intervalo?

Não

Os professores utilizam músicas em suas aulas? Você recorda alguma das músicas?

É difícil assim, quem mostrava mais é um professor que saiu da escola, mas eu não lembro de nenhuma. As vezes que colocam música, mas não é sempre.

E quando eles utilizam, no caso você citou a professora de espanhol, você se lembra da música que ela utilizou?

Não.

E tem algum professor que utiliza, além do professor de IPC(Introdução ao Pensar Crítico) que saiu da escola?

Não, somente o professor de IPC e de Espanhol. Português, matemática nada.

E na educação física? Festa Junina?

Mais na festa junina.

O que vocês escutam na festa junina?

Ah, aquelas musiquinhas lá caipiras.

São músicas caipiras ou músicas novas?

Então, antigamente agente usava as caipiras, mais infantis. Mas agora são músicas mais novas.

Você lembra da música?

Não.

Você acha que a música lhe ajuda a compreender ou a ter mais interesse pela matéria? Como?

As matérias de história, Geografia... Currículo regular.

Falha na gravação

E se o professor utilizar música pra ajudar em uma das matérias, ajuda? Ajuda, o professor de matemática já fez isso com fórmula, e então eu nunca mais esqueci.

Mas, por exemplo, você está estudando um período da história, aí coloca-se uma música daquele período, você acha que isto te ajuda?

Acho que dependendo da situação sim.

Você recorda a última música que ouviu em sala de aula?

Não.

Após os professores utilizarem músicas em suas aulas, você busca baixar ou escutar de alguma forma a música colocada em sala, na sua casa? Se ele pedisse pra gente ouvir de novo, ou se eu gostasse mesmo eu iria ouvir a letra e tentar passar para o violão.

Qual foi a última música que você escutou?

Não sei o nome, era da Ariana.

É uma cantora POP?

Sim.

E onde você escutou?

Na academia.

Que tipo de aparelho sonoro você utiliza pra escutar música?

Celular.

Qual aparelho sonoro você utiliza pra escutar música?

O celular.

Somente o celular, você não tem rádio em casa?

Até tenho, mas não utilizo.

Você baixa as músicas da internet?

Sim.

### **Jeferson – 8º ano (Fundação)**

Você possui alguma formação musical?

Não.

Você escuta música em casa ou em seus momentos de descontração?  
Quais?

Sim, eu gosto de escutar “Funk” , “Reggae” e vários tipos de música.

Alguma pessoa da sua família influencia a sua escuta musical?

Não muito, porque meus pais e minha irmã não escutam muito música. Minha irmã ainda escuta, mas é pouco.

Você escuta música na escola? Em quais momentos? Quem as coloca para tocar?

Os professores de música e as vezes o fone de ouvido. Principalmente nos horários de intervalo.

Os professores, sem ser os de música, eles utilizam músicas nas aulas?

Você recorda alguma música?

Não, eles utilizam muito pouco, eu não lembro.

Você acha que a música ajuda você a ter mais interesse pela matéria?

Ah, eu acho que sim até porque a música pode ensinar várias coisas, ter uma cultura nova.

Você recorda a última música que você ouviu em sala de aula?

Não. eu só me lembro que a última música utilizada foi na aula de música, mas não lembro qual.

Após os professores utilizarem músicas em sala de aula, você busca a música em casa?

Quando eu acho interessante sim, mas muitas vezes não.

É do seu agrado as músicas utilizadas pelos professores?

Não, mas eu sei que tem haver com a matéria e vai me ajudar em alguma coisa.

Qual foi a última música que você escutou?

Eu escutei “Funk”, hoje de manhã, o “Mc Zóio de Gato”.

Quando você escutou está música, que você ouviu hoje de manhã. pela primeira vez?

Nossa, foi há quatro anos, quando ele ainda era vivo.

Quem te mostrou essa música?

Eu mesmo, eu estava procurando músicas, aí eu achei ela e comecei a ouvir.

Qual foi a última música que você baixou?

Agora eu estou ouvindo mais “Reggae, mas eu tenho muito “Funk” no meu celular.

Mas qual foi a última que você baixou?

Foi uma música do “Ventania”.

### **Juliana – 8º ano (Fundação)**

Você possui alguma formação musical?

Aula de instrumento não, só de música aqui na escola.

Você escuta música nos seus momentos de descontração? Quais música você escolhe para estes momentos?

Sim , muito. Eu escolho músicas que me agradam, tipo as músicas que minha mãe ouve, sertanejo, POP.

Alguma pessoa de sua família influencia sua escuta musical?

Sim, minha mãe.

O que ela gosta de ouvir, e onde ela escuta que você está junto?

Ela gosta de ouvir Jorge e Matheus, ela escuta em casa no rádio.

Você escuta música na escola? Em quais momentos e quem as coloca para tocar?

Eu escuto algumas vezes no intervalo e no descanso, minhas amigas colocam. Eu tenho celular mais não utilizo muito.

Os professores utilizam música em suas aulas? Você recorda alguma?  
Os professores de música utilizaram música, os professores colocaram uma música chamada “Maça” do Djavan.

E nas aulas que não são de música, você recorda alguma música que foi utilizada?

Sim, a professora de orientação de estudo, ela usou uma música do Gabriel Pensador que tinha relação com a matéria, acho que se chamava Professor - Aluno (Estudei Errado).

A música ajuda a compreender as matérias de sala, ela te proporciona mais interesse pela matéria?

Sim, porque a música é uma forma de descontrair e entender melhor a matéria e compreender melhor.

Como ela te faz compreender melhor?

Pela letra, o que ela diz.

Você baixa as música propostas pelos professores em sala?

Se eu gostar e achar interessante, eu até baixo em casa pra escutar no celular.

Você gosta das músicas utilizadas pelos professores em sala?

Tem algumas musicas legais e interessantes.

Qual foi a última música que você escutou?

Ah, não lembro.

Você não escutou música na sua casa?

Sim, eu escutei. Pixote e Exaltasamba.

Onde você escutou estas músicas pela primeira vez?

No rádio do meu carro.

### **Melissa – 7º ano (Fundação)**

Você possui alguma formação musical?

Eu já fiz aula de canto, mas não durou muito tempo. Eu fiz no meu bairro, mas não lembro o nome do professor.

Você escuta música em sua casa, ou nos seus momentos de descontração? Quais?

Em muitos momentos, menos na escola, em casa eu só escuto música. Tudo o que eu faço é escutando música.

Quais músicas você escuta?

Eu gosto de escutar “One Direction”, “MPB”, essas coisas do tipo.

O que você gosta de “MPB”?

Eu gosto de Cássia Eller, Isabella Tavianí.

Alguma pessoa de sua família influencia sua escuta musical?

Sim, a minha prima também gosta muito de “One Direction” e agente sempre escuta e minha mãe gosta muito de “MPB”, daí agente sempre escuta.

Você escuta música na escola? Em quais momentos? E quem coloca a música para tocar?

Eu escuto nos intervalos e descanso, no celular com fone.

Você escuta sozinha, ou com amigos?

As vezes eu escuto com as minhas amigas, mas com o celular.

Os professores, utilizam músicas nas aulas?

Os professores de música utilizam, a professora de Hora de estudo

Você recorda alguma música que a professora de hora de estudo utilizou?

Eu lembro, era uma música do “Cordel”, que ela colocou pra gente escutar. Eu não lembro como era a música, mas agente ficava fazendo umas brincadeiras, muito legal.

Você lembra de quem era a música?

Não.

Você acredita que a música te ajuda a compreender a matéria, quando os professores utilizam música nas aulas?

Sim, eu acho que sim. A música me faz ter mais interesse, me incentiva a gostar mais da matéria.

Você recorda a última música que você ouviu em sala de aula?

Sim, foi uma música que o sexto ano fez, aqui na sala de música.

Você sabe porque ela foi utilizada?

Não.

Após os professores utilizarem músicas em sala de aula, você busca baixar ou escutar as música em sua casa?

Sim, as vezes a professora coloca alguma música, eu gosto e escuto em casa. “Os Barbatuques” eu escutei em casa.

Qual foi a primeira música que você escutou hoje?

Foi hoje de manhã, minha mãe deixou o rádio ligado e estava tocando algumas músicas, mas eu não lembro quais músicas eram.

## **Anexo II - Transcrição das Entrevistas (Professores)**

### **Professora de Educação Física – (Colégio Particular)**

Você possui alguma formação musical? Qual ?

Não

Nunca fez aulas de instrumentos?

Não, mas tenho muita facilidade musical com a questão do ritmo. Pego contagem, parte de dança, o que a faculdade de educação física me proporcionou. A ginástica rítmica que agente tem, mas não fiz alguma coisa à nível musical.

Nem na sua época de escola?

Nem na minha época de escola.

Você utiliza música em suas aulas? Como? Em quais momentos?

Então, existe a utilização nas nossas aulas de duas maneiras diferentes. Em um grande evento, no caso uma festa junina que já é alguma coisa programada, onde naquele momento entram os ensaios por várias aulas. No caso do 6<sup>o</sup>, 7<sup>o</sup> e 8<sup>o</sup> anos existe uma variação nas aulas, porque não ficamos a aula inteira ensaiando, então a música não é utilizada a aula inteira. Mas é um grande período, é um mês que eles ficam na música o tempo todo. A escolha da música é feita por eles e tal.

Eles escolhem as músicas?

Então, eu trabalho com esses grupo assim, numa de fazer o envolvimento no projeto, eu trago pra eles qual a proposta daquele ano, quais os critérios e os tipos de música que agente pode usar pra apresentar.

Quais são as músicas que podem ser utilizadas?

Agente tem uma realidade assim, você tem uma coisa típica de festa junina, mas quem acompanha, eu que estou no colégio há vinte e três anos, percebe que nosso adolescente mudou muito a expectativa dele, se você hoje falar para o sétimo ano, vamos fazer um “Cai-Cai Balão” eles simplesmente não vão querer, por que não é obrigatório, não se envolvem. Agente tenta pegar a realidade deles dentro do possível. Se eu perguntar o que eles querem dançar, eles vão querer dançar “*Funk*”, então existem alguns critérios. Um sertanejo universitário, um forró que tenha um pouco mais de história que agente pode trabalhar isso com eles, agente até aceita. Só que não pode ter nada ofensivo na letra, nenhuma letra que tenha duplo sentido, no sentido de quem ouve de um jeito e quem ouve de outro e pode imaginar. Agente não procura fazer nenhum tipo de gesto ofensivo na música.

Então, dentro destes critérios, eles me trazem sugestões, dentro das sugestões eu gravo todas elas, trago e a sala faz uma votação da música que eles querem dançar. Eu sinto com isso um maior envolvimento, você vê, acaba juntando o 6,7 e 8 anos uns 120 alunos, por opção. Eu acho que esse envolvimento com a música, é legal. E eles ouvem e trazem, escutam a letra

Qual a segunda forma de utilização da música?

Em outros momentos, eu trago e organizo uma aula com música para eles, normalmente eu utilizo muito em jogos cooperativos. Porque todos os jogos à nível de cooperação tem uma coisa conjunta a alcançar, ou a hora que para a música, tem que formar grupos e agente deixa que eles tragam o tipo de música que eles gostam. A música serve pra mim para organizar os jogos, quando a música para tem que fazer alguma coisa. A música serve pra mim se ela esta tocando, está rolando, parou a música tem que fazer alguma coisa. Então uso mais neste sentido. E também nas aulas de confraternização, e daí agente deixa eles trazerem o tipo de música que eles gostam, e durante a atividade, normalmente é final de semestre, eu coloco a música para tocar e gerar um ambiente musical. Eles gostam de ouvir música e agente também, então agente usa nestes três momentos.

Quando você leva as músicas para os jogos cooperativos, como você faz a escolha delas?

Eu aproveito muito as músicas que eles me trouxeram, porque já que é uma música que eles gostam, aí o que agente faz, agente abre um pouquinho para as música deles, porque não precisa ser tão direcionado, não é uma festa junina. E de-repente é uma música bacaninha, que não tem nada ofensivo e tal, mas é animado que nem a música do japonês “Gangnam Style”. Essa é uma música que eles sempre me pediam, agora já saiu um pouco de moda, põe lá. A idéia é a diversão, não tem outra conotação então agente deixa.

Você lembra a última música que você utilizou com os alunos?

É , não tem como esquecer, porque foi na festa junina, a confraternização ainda não foi, todas as minhas salas escolheram “Jorge e Matheus”, incrível como na época eram os mais queridos,

Foi a mesma música para todas as salas?

Não, mas foram todas deles. A música a “A Flor” o sexto ano utilizou, e todas as salas queriam esta música, o sexto ano fez uma festa e foi a música mais pedida na época.

Então quem está tocando mais e quem eles mais conhecem é o que aparece como escolha para a festa junina?

Exatamente, só que assim eles trazem música que eles não sabem porque não pode ser utilizada, como aquela do colchão na caminhonete. Aí entra um trabalho de conscientização.

Você acredita que a utilização da música em sala, pode ajudar o aluno a compreender melhor os conteúdos apresentados?

Com certeza, porque é o que eu estou dizendo, se agente faz essa relação da música com estes três momentos que eu te falei, de alguma maneira ele está adquirindo conhecimento de parada de continuidade, de ritmo. Na festa junina é muito claro, porque agente faz com contagem, chega uma hora que eles não precisam decorar a coreografia, na contagem da música eles já sabem o que é pra fazer.

Você recorda de algum professor que utilizava música em seu tempo de colégio?

Não, praticamente olha... Nenhum professor

Nem o de educação física?

Nem o de educação física, eu tenho boas lembranças de professores meus, desse trabalho assim de valores na aula, mas não do lado musical.

Alguma pessoa da sua família influenciou ou influência a sua escuta musical? Então, o meu filho toca violão, e ele se interessou a tocar violão no sentido de aprender a tirar uma música no violão, não pra seguir carreira no violão. Ele fez um ano só, aprendeu como é que faz, ele procura música e possui um gosto musical muito legal. Ele tira as música no violão e vem trazer pra mim, então ao tocar pra mim, como são musicas que eu também gosto eu sinto que tem uma coisa familiar e mais um momento junto. E ele faz questão de chamar a família e mostrar o que ele acabou de tirar. E normalmente são músicas difíceis .Ele treina, treina até decorar a letra.

Você recorda alguma música que seu filho toca pra você?

A então, eu sou ruim pra lembrar nome de música, não vou conseguir te falar.

Não recorda nenhum compositor, cantor ou banda?

Não me lembro

Você escuta música em sua casa nos seus momentos de descontração? Quais momentos? Quais músicas?

Agente tem em casa momentos de ginástica, agente junta a família pra fazer atividades físicas, aeróbica, corda e tal. Normalmente nos ligamos na “NET” no canal de música e fica ouvindo música durante a atividade física. Então assim, rola pagode que agente gosta, MPB só não gostamos de Rock pesado e tal Funk também não. Mas assim a variação é legal, esse é o momento que fazemos duas ou três vezes por semana que a família se reuni e a música é utilizada como incentivo.

Qual aparelho sonoro você utiliza pra escutar música?

Hoje nos utilizamos a televisão ou o “Xbox” vídeo game do meu filho. Computador também, as vezes.

Você costuma ir a *shows*? Qual foi o último que você foi?

Olha, faz tempo. Não sei se eu vou lembrar, mas acho que foi um *show* da Daniela Mercury no estádio. Há anos eu não vou em um *show*. Não é por falta de vontade, a rotina da gente não deixa. Mas eu tive a oportunidade de ir a uns *shows* muito bacanas que eu não esqueço, fui no *show* do Tim Maia no Rio de Janeiro e eu graças a Deus tive a oportunidade de ir, foi um dos *shows* mais lindos que eu pude ir.

Qual foi o último CD que você comprou ou baixou?

Então, na verdade os últimos foram os da festa junina, os alunos me passam a música e eu vou baixando no computador aí gravo no meu *pen-drive* pra poder escutar com eles.

Você não lembra um CD específico, que você escolheu pra baixar?

Não, até porque eu gravo os CD pro início do ano, para a recepção. Quando tem uma atividade de integração dos alunos, aí eu peço pra minha filha, pegar o que está na moda, dentro dos critérios que eu já te falei, e gravar um CD. Então não é um CD de um cantor.

Você não lembra de nenhum CD fora os que você utiliza na escola?

Não, nossa.

Você recorda qual foi a última música que você escolheu pra ouvir?

Acho que foi um cantor, pode ser, o Tiaguinho. Ele não era uma pessoa que me chamava muita atenção, minha filha foi no *show* e me trouxe um CD, gente o CD não sai do carro, ele vai e volta tocando. Eu gosto de pagode em geral.

Você acredita que os alunos buscam ouvir em casa as músicas apresentadas por você em sala de aula?

Não acredito, porque hoje infelizmente o gosto musical deles não entra nos critérios que agente tem aqui pra trabalhar com música, então pra eles ouvir um *Funk* que não fala coisa legal, mas tá na moda e eles ouvem o que está na moda.

O que você acredita ser uma música de boa qualidade para ser utilizada no ambiente escolar?

Eu acho que uma música animada, que traga nos alunos uma vontade de querer participar, porque dependendo da música vai mais dar sono do que querer. e principalmente o significado das músicas de hoje, a letra. O que significa, porque as vezes eles trazem música internacional, aí eu meio que dou uma anotada e levo pra traduzir. Quando você traduz percebe que algumas são bacanas, mas outras eles nem sabem o que estão escutando. Acho que tem que ter muito cuidado com o significado, o duplo sentido. Então, eu acho que agente tem que trabalhar neles essa qualidade de ouvido. Pra não escutar tudo e achar tudo legal. Eles precisam ter senso crítico no caso, o que é difícil, adolescentes...

### **Professor - Introdução ao Pensar Crítico (Colégio Particular)**

Você possui alguma formação musical? Qual?

Formação musical propriamente dita de estudo não, eu aprendi musica empiricamente. Sou percussionista toco atabaque, berimbau, pandeiro instrumentos ligados a capoeira.

Você utiliza música em suas aulas? Como? Em quais momentos?

As aulas são da seguinte forma, quando é a música em si por completo gravada eu costumo utilizar pra sensibilização de algum tema. Infelizmente no fundamental, a não ser a letra da canção que pode ser utilizada como

gênero pra estudo, mas é difícil eles não possuem esta sensibilidade de perceber alguns gêneros como a ironia dentro das músicas, da musicalidade então eu uso mais em momento de sensibilização. Se vai falar de repressão e liberdade usa uma música pra sensibilizar, mas depois entra no tema, não pra analisar a música propriamente dita.

Qual foi a última música que você utilizou com os alunos?

Foi com o tema repressão, utilizei “Cálice” do Chico Buarque, que é um trocadilho utilizado na época da ditadura e ele genialmente achou uma forma de dizer e protestar sem que as palavras fossem censuradas.

Você acredita que a utilização da música em sala de aula pode ajudar os alunos a compreender melhor os conteúdos?

Pode, é uma pena que hoje eles estão indo para um caminho música onde as letras não possuem tanta importância, um aluno do fundamental nesta idade que eles estão vivendo, neste momento, o que está em alta na sociedade são músicas sem conteúdo, sem uma letra com elaboração mais forte, sem conteúdo educacional, cultural pode até ser, mais no sentido educacional. Então pra eles muitas coisas são novidades, mesmo musicalmente.

Você recorda e algum professor que utilizava música em sala no seu tempo de colégio ?

Assim, na minha época quem utilizava mais eram os professores de inglês, para fazer o “*listening*”.

Você recorda alguma música?

“*One more night*”, conte quantas vezes aparece a frase “*One more night*”, pra ver se estava esperto.

Alguma pessoa da sua família influenciou a sua escuta musical?

Não, eu sempre fui muito independente, eu sempre tive um gosto próprio. Meus pais são separados, minha mãe sempre trabalhou fora e eu sempre tive muita independência musical assim, eu sempre gostei de coisas que minha família não gostava.

E de onde veio esses gostos diferenciados?

Pelos amigos, pelo cotidiano. Eu cresci em Hortolândia que é uma cidade que tem muita influência do “*RAP*”, inclusive estudei com um rapaz que hoje é cantor de “*RAP*” e canta profissionalmente.

Você escuta música em sua casa, ou nos seus momentos de descontração?

Olha, eu escuto muito rádio no carro, eu entro no carro e já liga o som. Hoje eu ouço muito música internacional e música popular brasileira. Oscilo entre as rádios Nova Brasil e Antena Um. Eu já tive uma etapa de passar por tudo, só ouvir RAP, só ouvir sertanejo, pagode na época que estourou o grupo “Arte Popular” . Hoje eu não ouço mais pagode, mas tenho a lembrança deste período.

Você costuma ir a *shows*? Qual foi o último que você foi?

O último que eu fui foi no *show* da Laura Pausini no ano passado em São Paulo, e o penúltimo foi do Paul McCartney no Morumbi.

Qual foi o último CD que você comprou ou baixou?

Eu já não me lembro de nenhum CD, mas acho que o último que eu baixei foi do Flávio Venturini e gosto muito de temas de filme. Para mim a música tem que remeter a uma imagem.

Você recorda qual foi a última música que você escolheu pra ouvir?

Foi um lançamento que eu ouvi na rádio Nova Brasil, um cara que toca com a Maria Gadú. Ele se chama Leandro Leo o rei da palavra, eu achei fantástica a letra, aí eu fui buscar pra ouvir e baixei. A letra da música pega, é uma música bem reflexiva.

Você acredita que os alunos escutam ou buscam em casa as músicas apresentadas por você em sala de aula?

Não, porque não tem uma referência cultural para eles, muitas das coisas que agente passa que tem conteúdo eles acham chato, algo que não faz parte da realidade dele e ele não consegue se enxergar naquilo. Até porque o tempo é outro, mas a maioria das músicas que eu utilizo não vê referência, a não ser quando você fala de questões sociais, racismo e utiliza um “Negro Drama” dos Racionais, aí há um retorno, porque faz parte do repertório cotidiano, mas se você pegar um repertório de vinte anos atrás e trazer pra realidade deles, eles não conseguem fazer esta ligação.

O que você acredita ser uma música de boa qualidade para ser utilizada no ambiente escolar?

Olha, eu acho, que tem que ter sonoridade e conteúdo. Fica difícil agente utilizar uma música que não tenha, como essas músicas passageiras que são sequências de palavras repetidas pra fazer um efeito sonoro como a música “Lepo-Lepo” mas isso é passageiro e não permanece. Enquanto agente tem músicas de trinta, quarenta anos atrás que permanecem muito atualizadas. Se pegar um “Legião Urbana” a banda acabou, mas a música, a arte permanece e vai além do artista ela se perpetua porque é bom. Tudo que é bom se perpetua, tudo que é ruim faz muito sucesso e depois desaparece.

Você lembra de alguma música além de “Cálice” e “Negro Drama” que você utiliza em sala?

Fora da questão da letra da canção, eu já usei músicas como as do “Cirque de Soleil” para dar uma ambientada na sala.

E o conteúdo possui alguma relação com esta música, ou não?

Neste caso não, eu utilizo mais para ambientar a sala e dar um efeito tranquilizante e funciona, geralmente as músicas pra esse tipo de atividade são bem motivadoras. A combinação sonora deixa os alunos mais tranquilos.

**Professora – Ciências (Colégio Particular)**

Você possui alguma formação musical?

Não, nenhuma.

Você nunca fez aula de instrumento?

Eu já fiz piano e flauta, mas muito precariamente.

Você utiliza música em suas aulas? Em quais Momentos?

Eu utilizo, nas aulas de laboratório quando a atividade requer uma concentração um pouco maior, para eles diminuïrem a conversa e na sala de aula quando os alunos estão realizando alguma atividade manual, um cartaz, panfleto ou recorte agente utiliza música de fundo.

Como você escolhe a música utilizada?

Eu sempre escolho música clássica.

Você lembra qual foi a última música que você colocou?

Se eu não me engano foi um CD do Beehtoven.

Você acredita que a utilização da música em sala pode ajudar os alunos a compreender melhor os conteúdos?

Eu acho que desenvolve a concentração, que eu acho que eles precisam. e tem estudos que falam que é bom principalmente em matemática, pra jogar xadrez, que o raciocínio da memória curta fica menos acelerado. No que eu li falava isso.

Você recorda de algum professor que utilizava música no seu tempo de colégio?

Lembro de uma vez que o professor de ciências que utilizou aquela música “Terra Planeta Água” e eu nunca mais esqueci, e alguns professores de história que utilizavam pra entrar em debate, mas com pouca frequência.

Alguma pessoa de sua família influenciou a sua escuta musical?

Acho que influencia um pouco, agente acaba escutando. A minha mãe por exemplo escuta “MPB” e eu também gosto, “Nana Caymmi” eu gosto e conheço poucas pessoas que gostam.

Você escuta música em sua casa, ou nos seus momentos de descontração? Quais?

Não sendo pagode e nem sertanejo, não me incomoda parar para escutar, agora se eu estiver em um ambiente com muita gente eu escuto sem me incomodar. Eu gosto de música clássica de música popular brasileira, de “Rock” nacional, música internacional como estes “hits” mais da moda. Mas pra comprar “Funk”, Sertanejo ou Pagode não, só se estiver com bastante gente, aí vai.

Qual aparelho sonoro você utiliza pra escutar música?

Televisão e computador.

Você costuma ir a *shows* ? Qual foi o último que você foi?

Foi o do “Titãs” o último que eu fui, foi lindo.

Qual foi o último CD que você comprou ou baixou?

Essa é difícil, eu acho que o último que eu pedi e ganhei foi o da “Joss Stone”

Você recorda qual foi a última música que você escolheu para ouvir?

Foi uma do “PinK Floyd” a música era “*Wish you were here*”

Você acredita que seus alunos escutam em casa ou buscam ouvir as músicas apresentadas por você em sala de aula?

eu acho difícil, o gosto deles musical é muito diferentes e eles sempre falam de bandas que eu não conheço eles preferem sons mais “POP” da idade deles.

Eu tive um aluno que quando começou a fazer aula de teclado me disse que estava ouvindo música clássica, porque uma ou outra aula ouvíamos música clássica então ele foi comentar comigo e criar esta conexão.

O que você acredita ser uma música de boa qualidade para ser utilizada no ambiente escolar?

Eu acho que seja uma música que tenha letra, possa abrir um debate na aula pra que ela serviu, qual o fundamento da letra e acho que a música clássica também, porque de uma certa forma é um ambiente que agente pode introduzir músicas novas e boas e hoje em dia é meio difícil você pode contar nos dedos quem gasta um tempo pra ouvir este tipo de música, elas são longas tem uma batida diferente, tem que ter uma certa paciência, coisa que eles não têm né, mas agente tenta.

### **Professora – Artes Plásticas (Colégio Particular)**

Você possui alguma formação musical? Qual?

Eu toco violão e na faculdade de educação artística eu tive durante o primeiro ano música e era assim...Música, um instrumento musical que aí fiz o violão e um semestre de coral e eu participava porque eu escolhi, eu gostava. Eu tinha a possibilidade de escolha, eu fiz coral.

Você utiliza música em suas aulas? Como e em quais momentos?

Sim. Eu adoro colocar música, principalmente música clássica pra acalmar as crianças. Então, por exemplo, quando eu estou em uma atividade plástica eu coloco música. Assim, é, pra acalmar mesmo. E agora tem os livros da rede católica, que eu faço assim; quando eu estou trabalhando o impressionismo eu abro lá no site da rede pego músicas impressionistas e trabalho, coloco pra escutar, música expressionista, música impressionista, barroco. Para os alunos olharem, visualizar a obra que eles estão fazendo e escutar também algo do período.

Você lembra qual foi a última música que você utilizou em sala?

Foi o trenzinho caipira  
Era para algum projeto?

Foi o trenzinho caipira porque eu estava trabalhando linhas, diferentes linhas, e então tinha que colocar a música e o aluno tinha que fazer as linhas de acordo com a música que ele estava escutando.

Você acredita que a utilização da música em sala pode ajudar o aluno a compreender melhor os conteúdos?

Com certeza, acredito. Eu acho assim... Precisa colocar para o aluno e conceituar momentos históricos pra ele vivenciar, passar pela experiência, não só escuta sabe, a música que ele tem no dia a dia ou que ele gosta, ele tem que aprender que existem outras oportunidades.

Você recorda de algum professor que utilizava música em sala no seu tempo de colégio?

Uma professora, ela colocava sem intenção nenhuma pra acalmar mesmo. Então agente chegava, por exemplo, assim do intervalo.

Você lembra qual matéria era?

Português , língua portuguesa . Agente vinha do intervalo era quarta série, aí todo mundo deitava na carteira e ela colocava uma música pra gente escutar de fundo, bem calma tranquila, todo mundo ficava tranquilo. Aí começava a aula depois.

Alguma pessoa de sua família influenciou a sua escuta musical?

Meu pai, ele era roqueiro e eu adoro Rock, adoro música clássica por causa da minha mãe, mas mais o meu pai. Meu pai acordava no fim de semana e ligava o rádio no último, com músicas que ele gostava.

Você escuta música na sua casa, ou nos momentos de descontração? Quais?

Então, eu sou muito eclética, eu estou escutando um "Rock", daqui a pouco eu estou escutando uma música clássica, eu gosto de tudo. Eu gosto de música popular, gosto de todos os tipos de música e eu gosto de escutar. Eu chego no carro, eu ligo o som, eu chego na minha casa eu ligo o som em todo momento. Eu adoro música.

Qual aparelho sonoro você utiliza pra escutar música?

Cd, o celular. Mais CD porque, pego o *pendrive* coloco no carro.

Você costuma ir a shows? Qual foi o último que você foi?

Foi do Ney Matogrosso , agora mês passado.

Qual foi o último Cd que você baixou, comprou ou se interessou em ter pra você?

Toda hora eu baixo música agora minha filha me deu um programinha que eu escuto uma música não sei o nome, põe assim e a música sai. Agora eu aprendi a baixar discografia, eu baixei a discografia do Elton John e estou

escutando todas as músicas do Elton John desde a primeira e já mandei gravar.

Você recorda qual foi a última música que você escolheu pra ouvir? Não que você escutou, mas que você escolheu conscientemente.

Que eu escolhi. Eu estava pesquisando uma música do Iron Maiden. Espera aí..., chama *Fly Icarus*, é belíssima eu adorei, eu gostei de toda parte musical, me interessei, não sabia qual música era, então fui atrás.

Você acredita que seus alunos escutam em casa, ou buscam as músicas apresentadas por você em sala de aula?

Então, é assim, como eu tenho uma preferência que não é muito normal entre os adolescentes, ver uma pessoa, eu adoro “Rock”, sabe aqueles *Rock’s* que misturam uma música clássica pegam a “Rainha da Noite” com , aí como que chama, agora me fugiu o nome, a música do...; espera aí eu vou lembrar...;então eu trouxe eu gosto que mistura música clássica junto com uma do momento. Eu gosto aí eu trouxe pros meus alunos e eles começaram a trazer também deles, sabe. Então, assim eu acho que agente pode influenciar sim. Eles começam a trazer e trocar ideia com agente. Aí eu queria lembrar, como é quando tem um clássico junto com uma dos... Rolling Stones “Satisfaction”. Sabe, eu começo a trazer coisas assim, aí eles se interessam.

Outra coisa, por exemplo, eu trabalhei paródia na sala de aula, então eu dei toda a temática que eu queria anos 50 e 60, trabalhei toda temática com eles os movimentos artísticos dessa época, aí eu pedi uma paródia musical, eles foram atrás escolheram os ritmos musicais, escolheram a música.

E a escolha foram de músicas do período das décadas de 50 e 60?

Não, eles não quiseram, eles quiseram mais atuais. Mas ficaram maravilhosas as paródias foi feito com a oitava série. Eu consigo trabalhar mais com sétimos e oitavos anos.

E as músicas foram escolhidas por eles?

Por eles, então eu tive de tudo. Legião Urbana, RAP.

E a paródia possuía uma temática?

Sim, uma temática. É preciso saber viver, eu coloquei. Dentro do contexto social que nos estudamos, nos estávamos estudando modernismo tropicalismo, toda aquela parte que começou anos 50, 60 foi até 70.

O que você acredita ser uma música de boa qualidade para ser escutada no ambiente escolar?

Então, eu gosto...; como vou responder, eu gosto de tudo. Cada um tem um momento, tem uma hora. Então por exemplo, eu posso usar música pra acalmar as crianças, eu posso usar o *RAP*, é uma boa música pra trabalhar a paródia o momento social. Então, depende isso. Do que agente quer como objetivo.

Música boa para escola como um todo, você acredita na mesma coisa? Nos outros momentos da escola, nas festas, nos momentos de descontração?

Por exemplo, assim, no pátio. Não vai colocar qualquer tipo de música para as crianças tria que dar uma selecionada né. No momento em que eles estão tomando o lanche, no momento em que eles estão em uma festinha, sei lá, na quadra. Eu acho que tem que dar uma selecionada. Não pode ser qualquer uma né, tem palavras, mensagens que seria legal adequar a faixa etária

### **Professora – Artes Plásticas (Fundação)**

Para quais turmas você ministra aulas?

Do primeiro ano do ensino fundamental I até o terceiro ano do Ensino Médio.

Você possui alguma formação musical?

Eu fiz uma especialização em linguagens da arte que uma das linguagens abordadas era a música. Fora isso eu cantei em coral durante três anos e fiz aulas de instrumentos quando pequena.

De quais instrumentos?

Violão e piano.

Que idade você tinha?

Foi mais ou menos entre sete e dez anos.

Você quem quis fazer aula de instrumento, ou foi seus pais?

A minha irmã mais velha tocava violão e eu acabei indo meio na onda, eu não lembro de ser uma vontade minha, mas eu gostava.

Você utiliza música em suas aulas?

Utilizo.

Como você utiliza?

Eu utilizo a música, por exemplo, quando eu falo de ritmo visual aí eu uso a música como referencia para que eles possam compreender o ritmo visual. E também quando eu falo de abstracionismo ou cito Kandinsky, que pintava ouvindo Jazz, e aí eu proponho para os alunos fazerem uma tradução da música de forma escrita utilizando os elementos da linguagem visual.

Como você escolhe a música utilizada em suas aulas e qual foi a última utilizada?

Eu procuro pegar as música do meu gosto, e que eu acho que irão se adequar as questões que eu vou trabalhar, como o ritmo por exemplo, de não serem muito complexas, de não ter muitos instrumentos para que eles não se atrapalhem no momento de fazer essa transposição. A última música que eu usei foi uma música do Yann Tiersen que eu não lembro o nome, está na trilha sonora do filme “Adeus Lenin”.

Ah, e também estou trabalhando a arte política, e eu estou utilizando as músicas do Chico Buarque, mas eu percebo um uso maior da letra da música do que da linguagem e dos elementos musicais em si.

Como você utiliza as letras das canções?

Análise da letra tentando contextualizar com o momento histórico e o que tem haver a letra com o momento histórico que ela foi produzida, questão da censura, realizando uma pesquisa neste sentido.

Você acredita que as músicas utilizadas em sala pode ajudar os alunos a compreender os conteúdos apresentados?

Pode, eu acho que sim, mas eu vejo muita confusão, principalmente os professores. Muitos professores de arte, no curso em que eu fiz, confundia utilizar uma abordagem da interpretação da música, da letra por exemplo, imaginando que a pessoa está usando ou ensinando música ou está usando a música de uma maneira mais íntegra, quando muitas vezes só passava pela interpretação do texto.

Mas eu acredito que a música pode ajudar na compreensão do conteúdo, quando eu utilizo a questão do ritmo visual é muito difícil pensar a ideia do ritmo em algo que está parado ali e silenciosa. Então eu faço eles perceberem que o ritmo da música vem do silêncio e da pausa, o silêncio entra neste ritmo, e na imagem quando você tem um espaço vazio ou elementos intercalados de espaço e não espaço, a duração dos espaços, aí eu acho que eles conseguem pensar nesta ideia do ritmo visual por exemplo.

Você recorda de algum professor que utilizava música em sala no seu tempo de colégio?

Não.

Alguma pessoa de sua família influenciou sua escuta musical?

Não, quer dizer, mais ou menos porque por exemplo eu gosto de “Beatles” e meu pai ouvia muito quando eu era criança, então eu tenho um carinho e uma nostalgia muito grande porque é uma nostalgia que eu tenho com meu pai. Mas por outro lado, meus pais, não curtem “MPB” e é um tipo de música que eu curto.

Você escuta música em sua casa e nos seus momentos de descontração?

No carro principalmente e em casa fazendo faxina.

Qual aparelho sonoro você utiliza pra escutar música?

Ultimamente eu utilizo o “*tablet*” com um programa de escutar música.

Você costuma ir a *shows*? Qual foi o último?

Eu costumo ir, o último *show* que eu fui foi do Milton Nascimento, este ano, mas eu não lembro se foi o último.

Qual foi o último CD que você comprou ou baixou?

O último que eu baixei foi o CD do “Alabamas Shakes”.

Você recorda qual foi a última música que você escolheu para ouvir?

A música não, eu lembro que eu coloquei no programa da internet “Legião Urbana”.

Você acredita que os alunos buscam escutar em casa as músicas apresentadas por você em sala de aula?

Eu acredito que sim, porque alguns até perguntam se eles não conhecem, eles pedem pra anotar o nome pra ir procurar.

O que você acredita ser uma música de boa qualidade pra ser utilizada na escola?

Eu acho que a música de boa qualidade vai buscar uma... é difícil isso, deixa eu pensar... Uma música de boa qualidade... Hum, eu nunca penso assim, vou escolher uma música de boa qualidade, eu penso em escolher uma música para apresentar algo para os alunos que eles não estão acostumados a ouvir. Eu não tenho preconceito de utilizar um “*Funk*” na aula se ele estiver contextualizado ou se eu puder através desta música buscar uma ponte até os alunos. É claro que eu acho que uma música que traga um pouco de autenticidade ou de reflexão, que traga uma riqueza de melodia de instrumentos, uma construção mais elaborada vai poder trazer o alunos para um estágio que ele não está quando ouve uma música mais comercial. Então eu vou dizer que uma música de boa qualidade é aquela que tem sua autenticidade que tem um trabalho artístico de construção de uma linguagem.

### **Professora – Hora de Estudo (Fundação)**

Você possui alguma formação musical?

Não, eu tenho formação em arte, então eu tive educação musical, mas muito superficialmente.

Você utiliza música em suas aulas? Como e em quais momentos?

Sim, utilizo para fazer relaxamentos e realizar algumas atividades. Não são todas as aulas, mas algumas aulas utilizamos muito a música.

Que música você escolhe para os momentos de relaxamento?

Eu utilizo “Enya”.

Como você escolhe a música que você utiliza em sala, e qual foi a última utilizada?

Então, depende da proposta da aula, quando agente começou no ano passado com a matéria Orientação de Estudo, porque antes eu trabalhava com teatro, eu escolhi uma música do “Gabriel, O pensador”. Era uma música que ele falava como ele via a educação e como ele era tratado na escola. Eu comecei com essa música na hora de estudo para ver com os alunos se eles concordavam com o que a música dizia, e se não era o que eles esperavam e o que eles poderiam fazer para não serem tratados como a música retrata.

E qual foi a última música utilizada?

Eu fiz uma atividade no sexto ano e utilizamos uma música do “Teatro Mágico” nos estamos trabalhando a importância do brincar, e então utilizei a música em um jogo. Para sentir como eles estão nos momentos de brincar, se há uma tranquilidade, se eles sentem falta destes momentos.

Você acredita que a utilização da música em sala pode ajudar os alunos a compreender melhor os conteúdos?

Acredito, mas acredito assim. Eu uso bastante música, mas eu não uso como eu gostaria por que eu não tenho uma formação musical, eu uso mais por instinto do jeito que eu acho que vou conseguir colher alguma coisa, mas eu acho que ela pode ser bem melhor aproveitada se tivéssemos uma formação mais específica.

E se pensarmos de uma forma mais abrangente desta utilização, sem pensar nos conteúdos musicais?

Eu acho que em outros sentidos também. Trabalhar português, história o próprio “Marcelo D2” e o “Gabriel, O Pensador”, então eu acho que conseguimos discutir algumas coisas através da música, mas eu não me sinto tão preparada pra algumas coisas entendeu.

Você recorda de algum professor que utilizava música em seu tempo de colégio?

Só na educação infantil né, depois eu não me recordo.

Alguma pessoa da sua família influenciou a sua escuta musical?

O meu esposo, ele toca violão e tem uma banda. Eu escutava coisas bem diferentes, depois que eu comecei a sair com ele mudou.

E com seus pais e avós?

Nos somos uma família bem do interior, então ouvíamos bem a parte de raiz, o sertanejo. Aí depois que eu fui mais para a “MPB” e conheci coisas diferentes com meu esposo.

Você escuta música em sua casa nos seus momentos de descontração? Em quais momentos?

Agora com o Antony eu só escuto “Cocoricó” e “Palavra Cantada”

Qual aparelho sonoro você utiliza para escutar música?

Eu utilizo a televisão, coloco no estilo e as vezes o “youtube”

Qual foi o último show que você foi?

Aí não posso falar. As pessoas tiram sarro, mas foi o show dos “Backstreet Boys” em São Paulo no último domingo. Eu adoro.

Qual foi o último “CD” que você comprou ou baixou?

Eu baixei da internet o “CD” do Seu Jorge.

Qual foi a última música que você escolheu pra ouvir?

Foi uma música do “Cidade Negra” chama “Firmamento”.

Você acredita que os alunos buscam ouvir em casa as músicas que você utiliza em sala de aula?

Nem sempre, eu acho, porque eu percebo que eles ficam muito surpresos com o que eu trago. Outro dia eu trouxe a banda “Cordel do Fogo Encantado” que é bem teatral e eles ficaram bem impressionados, riam bastante. Até um

dia eu fui fazer um relaxamento eu tive que parar por que eles não conseguia parar de rir, é muito diferente pra eles.

O que você acredita ser uma música de boa qualidade para ser utilizada no ambiente escolar?

Acho que tem que ser algo que traga algum sentimento, eu procuro trazer atividades que estimulem o sentimentos, ou que aquiete.

São músicas que você escuta, gosta?

Eu não ouço sempre o que eu trago, mas são coisas que eu acredito que vai colaborar com agente aqui na escola. Eu ouço, mas não fica no meu carro e eu ouço todo dia. Tem uma pasta que se chama músicas de trabalho que são as que eu trago para cá.

### **Professora – História (Fundação)**

Você possui alguma formação musical?

Aula de violão, fiz dois anos.

Você tinha quantos anos? Quem te incentivou?

Eu tinha nove anos, meu avó tocava violão e me levou.

Você utiliza música em suas aulas? Como e em quais momentos?

Eu utilizo músicas com caráter histórico, que possua alguma conotação histórica.

Você pode citar alguma?

A canção “Mestre Sala dos Mares”, no período da ditadura muitas músicas do “Chico” como “Cálice” e assim músicas que falam da história, “Almir Sater” pra falar da guerra do Paraguai.

Qual foi a última música que você utilizou?

A última música foi “Mestre Sala dos Mares”, com o oitavo ano e nono ano para trabalhar a revolta da chibata no nono ano, e com o oitavo a escravidão.

Você acredita que a utilização da música em sala pode ajudar os alunos a compreender melhor os conteúdos?

Acho que ajuda muito, mesmo que em um primeiro momento ocorra um estranhamento, pois não faz parte do repertório deles, mas quando eu trago a música eu trago um pouquinho do que é o autor. Quando eu trago o “Mestre Sala dos Mares” eu falo um pouco do período de ditadura no Brasil, essa música foi censurada várias vezes, por trazer a palavra “Almirante Negro” então eu tento contar uma história, contextualizar, e depois passar a música e depois passar a música. As vezes eles acham a música bonita e pedem pra ouvir novamente, gostam e as vezes não, mas ela sempre atinge e entra como forma de referencia de como o artista canta a sua época a sua história, ele rememora a a história.

Você recorda de algum professor que utilizava música no seu tempo de colégio?

Não, nada. Que alguém tenha usado, não. Na verdade eu utilizo música porque eu gosto muito de música brasileira, embora eu não me ache uma profunda conhecedora de música brasileira, mas eu presto muito atenção nas letras. Se eu pego uma música com letra boa eu gosto de qualquer ritmo.

Você disse que teve um “RAP” que entrou na Olimpíada de História?

Sim, é e eu lamento não conhecer um pouco mais, principalmente o “RAP” ele tem muito a contribuir para temas mais contemporâneos.

Alguma pessoa da sua família influenciou a sua escuta musical?

Ah, com certeza. O meu avó, ele vivia tocando violão, não tocava bem, mas reunia todo mundo em volta dele pra tocar o pouco que ele sabia e junto com isso vinham causos que povoa a minha infância e isso me fez né, eu amo rádio até hoje e adoro música e com certeza foi ele que me influenciou.

Você escuta música em sua casa, nos seus momentos de descontração? Em quais momentos?

Em casa, sempre. Tenho rádio e uma discoteca com músicas que eu baixei, no carro o tempo todo eu ouço música. E nos momentos de lazer, viajando eu separo as músicas que eu quero escutar.

Você costuma ir a shows? Qual foi o último que você foi?

Ah, eu gosto muito de ir a shows, aliás eu gosto mais do que ir ao teatro. O último que eu fui foi do “Duofel”.

Qual foi o último “CD” que você comprou ou baixou?

Foi da “Shania Twain” eu estava ouvindo “Alfa FM” descobri o nome fui lá e baixei.

Você recorda a última música que você escolheu pra ouvir?

Foi “Almir Sater” uma música que se chama “Sonhos Guarani”.

Você acredita que os alunos buscam as músicas apresentadas por você em sala de aula?

Eu acredito que alguns sim, aqueles que se encantam pela poesia apresentada, mas é uma minoria. Não acho que eu consigo impactá-los a ponto de...

O que você acredita ser uma boa música para ser utilizada no ambiente escolar?

Uma música que possua conteúdo na letra, mesmo que seja uma música extremamente poética que seja difícil compreender o que o compositor quis passar. Porque aí o ritmo e o estilo acrescentam. Uma letra que retrata um tempo ou conte uma história como “Geni e o Zeplim” por exemplo. Eu acho que esse tipo de música sempre vai acrescentar na vida do aluno.

E me momentos de festa?

Acho lindo a música de raiz, primeiro assim o que eles escutem, apesar que eu acho que o que eles escutam não são legais pra mim, não gosto das letras, Adoro música de festa junina, músicas de carnaval e as que remetem ao folclore.